

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Modos de vida, Gênero, Gerações e Meio Ambiente no Parque Nacional do
Jaú/Amazonas.

Maria Jasylene Pena de Abreu

Florianópolis

2000

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Modos de vida, Gênero, Gerações e Meio Ambiente no Parque Nacional
do Jaú/Amazonas.

Maria Jasylene Pena de Abreu

Dissertação apresentada ao
Departamento de Psicologia da
Universidade Federal de Santa
Catarina como requisito parcial para
obtenção do grau de Mestre em
Psicologia.

Florianópolis.
2000

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Centro de Filosofia e Ciências Humanas

Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado

**“MODOS DE VIDA, GÊNERO, GERAÇÕES E MEIO AMBIENTE NO
PARQUE NACIONAL DO JAÚ/AM”**

Maria Jasylene Pena de Abreu

Dissertação defendida como requisito básico para obtenção de Grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, Área de Concentração Psicologia e Sociedade e aprovada pela Banca Examinadora composta pelos seguintes professores:

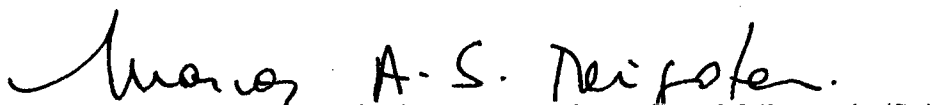


Prof. Dr. José Carlos Zanelli
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:



Profª Drª Mara Coelho de Souza Lago (UFSC)
Orientadora



Prof. Dr. Marcos Antônio dos Santos Reigota (UNISO/Sorocaba/SP)



Profª Drª Cristina Scheibe Wolff (UFSC)

APROVADA PELA BANCA EXAMINADORA EM, 24/03/2000.

Dedicatória

Dedico este trabalho às mulheres de minhas gerações limites:

À dona Augusta, mulher de fibra e coragem que, além de acreditar nos meus sonhos, incentivou-os e sacrificou-se para que eu pudesse realizá-los. Mãe, você me ensinou que a vida pode começar em qualquer idade. Um eu te amo diria mais que um simples obrigado.

À Adryelle, adolescente muito especial que completa a minha existência e que “pacientemente”, espera o meu retorno para que possamos recomeçar nossas vidas.

Agradecimentos.

A realização deste trabalho só foi possível porque contei com a colaboração de muitas pessoas, principalmente de minha família, que somaram esforços nesta construção. Mesmo correndo o risco de ser injusta e esquecer de incluir alguns nomes, quero manifestar meus agradecimentos àquelas/es que mais intensamente compartilharam comigo deste processo.

À Mara Lago que, além da orientação segura, paciente e crítica deu inúmeras contribuições a esse trabalho. Você tem o meu respeito, carinho e admiração.

Às manas Leide, Dinha e Jú, pelo incentivo, carinho e dedicação que dispensaram, não só a mim mas à minha filha, principalmente nos momentos em que minha presença seria necessária. A vocês, meu eterno amor e gratidão.

Aos/as manas/os, que não o são de fato, mas por escolha, Jerry, Gervan, Paulo, Adriana e Gerlane, assim como “nossos” respectivos pais Suzete e Chico, que além de apoiarem a minha “loucura,” deram-me incentivo, apoio financeiro e moral nas horas mais difíceis dessa jornada. Sintam-se co-autores deste trabalho.

Durante os dois anos que dediquei a esse projeto, tive ao meu lado a companhia da Genoveva que, além de amiga inseparável, foi a pessoa que aturou as minhas crises, desesperos e alegrias, contribuindo também para este trabalho com incansáveis discussões teóricas. Compartilhamos os mais inusitados momentos e acredito que hoje somos mais que amigas, somos irmãs. A esta cunhã, meu eterno carinho. Valeu.

Aos moradores/as das Comunidades de Seringalzinho e Tapiíra, cuja prestimosa colaboração tornou possível a materialização dessa pesquisa. No Seringalzinho, quero agradecer em especial a dona Rita, seu Ison, seu Joca e dona Joelina, pelo interesse em me ajudar, respondendo incansavelmente às minhas inúmeras perguntas. Agradeço também a Pedrina e Eugênio, pelo carinho, pelo suporte e dedicação de ambos. No Tapiíra, quero agradecer especialmente a Rosa e Valdeci pela calorosa acolhida, a seu Tarcísio e dona Zezé, sempre preocupados para que nada me faltasse, e à Pitica, com quem conversava, tomava banho de rio e me divertia.

Ao Joe, mais que namorado, amigo e companheiro.

Às amigas do curso, Andréa, Rosane, Rita, Rosângela, Rosa Cristina, Rosária e à guerreira Giseli, mulheres com quem muito aprendi e discuti as mais diversas teorias, além de compartilhar momentos de vida. Meninas, sucesso!

A todos os professores do curso, e especialmente ao Professor Medeiros, sempre atencioso e dedicado aos alunos. Suas sugestões foram muito importantes para esse trabalho.

A Jaque, Vicente, Nate, Iure e Ian, pelo cantinho onde eu me sentia em casa e matava a saudade da família. O contato com vocês renovava as minhas forças. Obrigada por tudo.

Ao Zezinho, que, solidário à minha causa, fez-se presente nos momentos críticos.

À Jesus, acreana de fibra e coragem que acredita na amizade e se doa por inteiro, um obrigada, especial.

À Fundação Vitória Amazônica, pelo incentivo e apoio logístico na realização da pesquisa de campo. Um agradecimento especial aos “amiguinhos” Jóia, Luiz Fernando e Iranildo, pessoas maravilhosas com quem compartilhei diversos momentos, no Parque Nacional do Jaú.

Ao Marcos Reigota que, além de incentivador deste trabalho, colaborou com sua valiosa opinião.

Ao Marcus Polette, "o irmão desnaturado, o eterno amigo", que contribuiu com este trabalho, discutindo, criticando, comentando e incentivando.

A Cristina Sheibe Wolff, pela contribuição valiosa.

Ao Paulo Lago, pelas nossas poucas mas proveitosas conversas.

Ao casal Cláudio e Edilza, amigos do Sul e do Norte que, muitas vezes mais do que eu, acreditaram nesse projeto e me deram a maior força.

A Manaucha Sandra, pelo carinho, pelo incentivo emocional e financeiro nas horas necessárias e ao Tonho, é claro, que com ela patrocinava tudo isso.

Meus primeiros passos no caminho da pesquisa foram dados no INPA, e lá até hoje conto com o carinho, amizade e apoio de algumas amigas. Inês, Solange, e Socorro, estou de volta, as discussões teóricas e as "farras" nos aguardam.

A Christine, que mesmo muito distante se fez presente na internet toda semana, incentivando e resolvendo meus "eternos" problemas com a língua inglesa.

Tenho um amigo que diz que o "ser humano é um projeto que não deu certo", porém quando conheço pessoas como a Suely, repenso a frase e digo, se não deu, ainda pode dar certo. Suely, obrigada.

A Rita Maria e a Ceíça, eternas amigas que apesar da distância, estiveram sempre presentes.

A Raimunda Pena, pela força, torcida e carinho que sempre dedicou a mim e a Adryelle. Vozinha você é ótima.

Aos Casais Marizete e Antonio Barbosa, Levi e Celeste assim como seus/suas respectivos/as filhos/as, queridos primos e primas, que muito contribuíram para que esse trabalho se concretizasse.

Ao Neodo e Erlon, pela convivência e solidariedade que vivenciamos em Florianópolis.

À CAPES, pela concessão parcial de uma bolsa de estudo.

A todos vocês um abraço amazônico com o calor do verão florianopolitano.

Resumo

Esta dissertação é resultado de um estudo etnográfico realizado no Parque Nacional do Jaú/AM, durante os meses de maio e junho de 1999, tempo em que a pesquisadora habitou duas das comunidades locais, observando e participando das experiências cotidianas de seus habitantes, alguns dos quais lhe relataram suas histórias de vida. O Parque Nacional do Jaú é a maior Unidade de Conservação da América Latina em se tratando de florestas tropicais contínuas e, como muitos outros Parques Nacionais, apesar das polêmicas judiciais envolvidas, mantém a população tradicional vivendo em seu território. Essa população se reúne em comunidades dispersas por toda extensão do Parque, vivendo da agricultura e do extrativismo vegetal. É nos rios e florestas que encontra os alimentos necessários para a subsistência, como as carnes de caça e peixe, que consome acompanhadas de farinha de mandioca. O Parque encontra-se afastado das zonas urbanas, o que dificulta para seus habitantes o acesso à assistência médica e à educação, já que as escolas existentes no interior do PNJ são poucas e oferecem apenas as quatro primeiras séries do 1º grau. Este trabalho teve como objetivo analisar os modos de vida, as relações de gênero e as representações de meio ambiente de três gerações de habitantes do Jaú. De modo geral, pode-se observar que as relações de gênero são ainda, nas comunidades do Jaú, fortemente marcadas pela hierarquia que valoriza as funções masculinas, invisibilizando muitas vezes as atividades das mulheres; que as relações geracionais são também hierarquizadas, com as decisões centradas nos pais; que os habitantes representam o meio ambiente de forma naturalista e que suas relações com as instituições administradoras do Parque são complexas, não estando isentas de conflitos. Essa dissertação teve também objetivo de divulgar as vozes dos habitantes do Parque, no sentido de que sejam ouvidas sempre que forem tomadas, pelos poderes públicos, decisões que resultem em conseqüências para as vidas e as práticas cotidianas dos habitantes desta UC.

Abstract:

This dissertation is the result of ethnographic research carried out in the Jaú National Park (JNP), Amazonas. The researcher lived in two communities located in PNJ during the months of May and June 1999. During this time the researcher observed and participated in the everyday lives of residents from two communities in JNP, some of whom related their life histories. JNP is the largest protected area in Latin America, which contains continual tropical forests. Similar to other national parks in South America there are legal dilemmas surrounding traditional populations living in the area. Such populations live in communities dispersed throughout JNP and practice subsistence agriculture and extractivism. Food (meat and fish), for subsistence are also obtained from the rivers and forests. JNP is removed from urban areas, which means that medical assistance and education is limited for the habitants. The objective of this study was to analyse the life styles of such populations, their representations of the natural environment and gender relations between three generations of habitants in JNP. The study illustrated that in general gender relations are still strongly marked by patriarchy, inter-generation relations were also found to be hierarchical, with decisions being taken by the parents. The resident's representations of the natural environment were from a naturalist perspective and their relations with the institutions that administer JNP are complex and not exempt from conflicts. As such, an aim of this dissertation is to voice the opinions of the residents so they can be heard, especially in political decisions concerning the protected area, which have a direct influence on their lives.

RESUMO	VII
ABSTRACT:	VIII
1. INTRODUÇÃO.....	1
2. UNIDADES DE CONSERVAÇÃO: DOS PRIMÓRDIOS À ATUALIDADE.....	5
2.1 PARQUE NACIONAL DO JAÚ.....	9
2.2 SUA GENTE E SEUS MODOS DE VIDA.....	14
3. NOS CAMINHOS DOS RIOS, O DESCORTINAR DA PESQUISA: EM BUSCA DE UM PORTO SEGURO.....	24
3.1 OS INFORMANTES: OS HABITANTES DOS RIOS E DA FLORESTA.....	28
3.2 A COMUNIDADE DE SERINGALZINHO.....	30
3.3 A COMUNIDADE DE TAPIÍRA.....	34
3.4 OS PERCALÇOS DO TRABALHO DE CAMPO.....	36
4. ANCORANDO ALGUMAS QUESTÕES TEÓRICAS.....	41
4.1 MEIO AMBIENTE:.....	44
4.2 GÊNERO:.....	51
4.3 GÊNERO E MEIO AMBIENTE.....	55
5. NA ANÁLISE DAS ENTREVISTAS E DO DIÁRIO DE CAMPO AS QUESTÕES DE TRABALHO, GÊNERO E MEIO AMBIENTE.....	57
5.1 O TRABALHO:.....	58
5.2 AS RELAÇÕES DE GÊNERO:.....	70
5.3 AS REPRESENTAÇÕES DE MEIO AMBIENTE:.....	84
6. REFLETINDO SOBRE O QUE VI.....	94
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	97
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	108
9. ANEXOS.....	117
9.1 IMAGENS DO JAÚ.....	117
9.2 DESENHOS DA TERCEIRA GERAÇÃO.....	118

1. INTRODUÇÃO.

A arraigada idéia de que o seres humanos apropriam-se da natureza com o intuito de explorá-la, conquistá-la e dominá-la, ainda ecoa neste final de milênio. Na era moderna, a natureza esteve sobre a égide da racionalidade científica em que prevalecia a dicotomia sociedade/natureza e, dentro desse contexto, a razão impunha as regras, era a ciência a única capacitada a responder às indagações, tudo tinha que passar pelo seu crivo e foi este crivo racional que fragmentou o conhecimento, levando a modernidade a acreditar na incapacidade humana de se relacionar de forma integral com a natureza. Como consequência dessa idéia surgiram no mundo ocidental, as áreas de proteção integral ao meio natural, levando à expulsão de muitas populações de suas terras de origem. Expulsão que causa danos irreparáveis, pois junto com os habitantes vão seus conhecimentos tradicionais, suas crenças e seus diversificados modos de vida.

Foi num ambiente como esse, no Brasil, que esta pesquisa foi desenvolvida, no local que em 1980 passou a ser um Parque Nacional, unidade de conservação (UC) que fica sobre a responsabilidade da União e é gerida pelo IBAMA. A população até agora não foi removida, porque a União não pagou uma justa indenização aos habitantes da área.

O Parque Nacional do Jaú (PNJ), no Estado do Amazonas, local onde se realizou a pesquisa, é a maior unidade de conservação do mundo, em se tratando de florestas tropicais contínuas. Antes da transformação em parque era uma localidade como tantas outras no Amazonas, hoje a situação já não é a mesma e o velho Jaú transformou-se em UC, acarretando significantes mudanças na vida da população local. Esta população já não possui a mesma liberdade de antes, suas técnicas agrícolas e extrativistas são fiscalizadas e orientadas pelas instituições responsáveis pela administração do parque, levando os habitantes a buscarem novas alternativas de trabalho, ou modificando, em parte, seus modos de vida tradicionais.

As mudanças, por menores que sejam, causam conflitos nos envolvidos e práticas condizentes com uma unidade de conservação, não são adquiridas de um dia para o outro. É necessário tempo e disponibilidade para o trabalho de construir novos conhecimentos. Os habitantes do PNJ estão passando por essas mudanças nos últimos

anos e tentar compreender como estão enfrentando todo esse processo, foi o interesse investigativo desse trabalho.

No intuito de entender o processo de mudança nos modos de vida e trabalho das populações tradicionais do Jaú, considerou-se que o trabalho de campo deveria ser realizado com diferentes gerações, o que propiciaria uma visão do antes e do agora, permitindo a análise das mudanças vivenciadas pelos habitantes do Parque.

As perguntas que nortearam a pesquisa de campo foram:

- Ocorreram alterações nas práticas de trabalho dos habitantes do PNJ em relação ao uso dos recursos naturais, com a transformação do Jaú em UC, se comparadas às atividades agrícolas e extrativistas das gerações anteriores?;
- Ocorreram alterações nas relações de gênero entre as diferentes gerações dos habitantes do PNJ?
- Como se dá atualmente a divisão sexual do trabalho nesta UC?
- Quais as representações de meio ambiente das diferentes gerações habitantes de PNJ?

Com o intuito de contribuir para que as populações da unidade de conservação estudada sejam consideradas pelas administrações políticas, sempre que as intervenções destas ocorrerem ou se fizerem necessárias no local, esta pesquisa teve como objetivo compreender os modos de vida, as representações de meio ambiente e as relações de gênero que permeiam o cotidiano dos habitantes do Parque Nacional do Jaú.

Para responder às questões da pesquisa e atingir o objetivos propostos, utilizou-se o método etnográfico, através da técnica de entrevistas abertas, para obter depoimentos e histórias de vida. A pesquisadora passou dois meses convivendo com a população local, observando seus trabalhos, festas, dores, alegrias e participando do dia-a-dia das comunidades envolvidas na pesquisa. Essa observação participante foi registrada no diário de campo, que serviu de aporte para a análise das entrevistas realizadas.

Esta dissertação está estruturada em nove partes. A primeira se destina à introdução, a oitava às referências bibliográficas e a nona contém os anexos. Nesta última parte serão mostradas algumas imagens do local onde se realizou a pesquisa e também os desenhos da terceira geração, representando os seus modos de vida.

Na segunda parte é apresentado o histórico das UCs, suas leis de criação, assim como suas respectivas classificações. Aqui se fez uma abordagem histórica e também se contextualizou o PNJ, procurando localizá-lo no tempo e no espaço, dando ênfase às questões sócioambientais. A população é vista dentro de um contexto social, histórico, cultural e econômico.

A terceira parte refere-se à metodologia da pesquisa e descreve a realização do trabalho de campo, partindo dos primeiros contatos com as instituições responsáveis pela administração do Parque. Relata também os êxitos e percalços enfrentados pela pesquisadora. Neste tópico, são descritas as comunidades participantes da pesquisa, seus costumes e seus modos de vida.

A quarta parte apresenta reflexões sobre teorias e autores que serviram para fundamentar a análise do material obtido no trabalho de campo. Alguns temas como representação, meio ambiente e gênero, embasam a discussão dos resultados da pesquisa.

A quinta parte analisa os relatos obtidos em campo, discutindo as mudanças referentes aos trabalhos desenvolvidos pela população, às relações de gênero e às representações de meio ambiente das três gerações pesquisadas. As questões analisadas aparecem fundamentadas não só pelas teorias, mas pelas falas dos sujeitos. Todo o trabalho vem sendo fundamentado, tanto nas falas dos entrevistados como nas observações que foram anotadas no diário de campo, fruto das conversas informais e das experiências partilhadas entre pesquisadora e moradores.

A sexta parte traz reflexões sobre algumas questões observadas em campo, indicando elementos para novas pesquisas.

A sétima parte apresenta as considerações finais e discute a presença humana no parque, enfatizando que, ao contrário do que se preconiza, esta pode ser pensada como uma possibilidade de integração entre homem/mulher e natureza. Além disso, esta dissertação discute dois temas da atualidade, educação ambiental e sustentabilidade, procurando articulá-los com a realidade estudada.

Para finalizar, considero necessário um pequeno comentário: como este trabalho foi norteado pela perspectiva dos estudos de gênero, optou-se nele pelo uso dos termos moradores/moradoras, homens/mulheres, ou similares. Sendo a gramática de nossas línguas muito marcada pelo falocentrismo, evitou-se a utilização do termo “homem”

como representativo da espécie humana. Entendo que essa não é uma forma suficiente para desconstruir uma concepção tão profundamente arraigada em nossos hábitos lingüísticos, mas acredito que não se deva continuar a usar um único termo para tratar gênero pois, do contrário, estaremos perpetuando o englobamento do feminino pelo masculino e a conseqüente invisibilidade das mulheres. Além disso, não existe um Homem, mas homens, mulheres, crianças, velhos ...

2. UNIDADES DE CONSERVAÇÃO: DOS PRIMÓRDIOS À ATUALIDADE.

A idéia de termos áreas naturais protegidas, as unidades de conservação, remete-nos à Idade Média, quando os reis resguardavam em estoque a fauna silvestre, cujo intuito era preservar um lugar onde a realeza pudesse caçar e se divertir e os próprios soberanos criavam as leis de proteção desses locais. (Jesus 1998).

Segundo Diegues (1996), foi após a Revolução Industrial que surgiram com mais intensidade os movimentos pela criação de áreas naturais protegidas. A criação de unidades de conservação tem sido uma das estratégias mais usadas para a conservação do ambiente natural, principalmente nos países do terceiro mundo, ou “emergentes”. A mola propulsora dessa iniciativa está nos Estados Unidos, no ano de 1872 quando, depois de uma expedição pelo rio Yellowstone, pesquisadores constataram que lugares de rara beleza como aquele já haviam sucumbido. Assim, sentiu-se a necessidade de proteger a vida selvagem, além de criar um lugar onde os trabalhadores pudessem se refazer da vida urbana-industrial. Essa “necessidade”, levou à criação do Parque Yellowstone, um lugar livre de qualquer interferência humana, onde a natureza era soberana e se guardariam exemplares da fauna e da flora para as gerações futuras. Com essa visão de conservação, criava-se a dicotomia entre “povos” e “parques”

Foi esse modelo de parque desabitado, onde homens/mulheres são considerados *personas non gratas* por serem agentes da “destruição”, que se transportou para o mundo atual e novos parques foram criados. O Brasil também importou o modelo e, em 1937, criou o Itatiaia no Rio de Janeiro e posteriormente, muitos outros. O engenheiro e político André Rebouças, em 1876 já havia lutado pela criação dos Parques Nacionais da Ilha do Bananal, rio Tocantins e a área do Salto de Sete Quedas, (Milano et al., 1993).

Essa visão de natureza intocada é o que Diegues (1996) chama de um “neomito”, isto por entender que subjacente a esse pensamento está a idéia de “paraíso perdido - Éden”, um local onde o homem poderia retornar ao seu estado “natural”. Ao importar esse modelo de parque para o Brasil, não se ponderou que nossa realidade é bem diferente daquela dos Estados Unidos. No Brasil as questões sociais, históricas, culturais e econômicas são completamente diversas, nossa cultura é tão vasta que alguns dizem

que nós não somos um país mas, sim, um continente, onde até mesmo os locais que nos parecem desertos, como as florestas, são habitados, convivendo nesses espaços pessoas das mais diferentes etnias e costumes. No entanto, a legislação que cria as unidades de conservação também prevê, em seus regulamentos, assim como a legislação estrangeira, que os Parques Nacionais não podem permitir a presença humana residindo no local, por acreditar que suas ações são incompatíveis com a preservação.

Sabemos, através de pesquisas e da mídia, que nosso planeta está assolado com uma crise que se convencionou chamar de ambiental, mediante a qual pode-se dizer que a criação de áreas protegidas se faz necessária. Neste sentido, nas últimas décadas o Brasil tem feito um grande investimento, tanto criando novas unidades de conservação, como tentando implantar o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC)¹, em fase de discussão no Congresso Nacional. Por esse sistema, existem várias categorias de manejo dos recursos naturais (muitas estão sendo questionadas ainda), algumas contemplando a participação das populações que vivem dentro das unidades de conservação e/ou em seu entorno. Devido à pluralidade que existe, criaram-se algumas diferenciações nestas áreas, tornando umas de uso indireto e outras, de uso direto, com possibilidades de manejo sustentado. (FVA, 1998a)

Na categoria de uso indireto, a presença humana é aceitável só com fins específicos, por exemplo: visitas públicas com fins educativos e/ou recreativos e de pesquisas; as de uso direto prevêm a permanência dos moradores, desde que suas ações no manejo dos recursos naturais sejam consideradas de uso sustentável. Conforme a FVA (1998a) temos as seguintes definições: unidades de conservação de uso indireto: os **Parques Nacionais (PARNAS)**, as **Reservas Biológicas (REBIO)**, as **Estações Ecológicas (ESEC)** e as **Reservas Ecológicas (RESEC)**; e unidades de conservação de uso direto: as **Áreas de Proteção Ambiental (APA)**, as **Florestas Nacionais (FLONA)**, as **Reservas Extrativistas (RESEX)** e as **Reservas da Biosfera**.²

A criação das unidades de conservação se dá através de Decretos e as áreas destinadas a esse fim passam por uma avaliação onde se realizam estudos de campo, com o intuito de se averiguar se são compatíveis com os objetivos propostos. Depois de

¹ Segundo Ibama, (2000, www.ibama.gov.br) "O Sistema Nacional de Unidades de Conservação é o conjunto organizado de áreas naturais protegidas (unidades de conservação federais, estaduais e municipais) que planejado, manejado e gerenciado como um todo será capaz de viabilizar os objetivos nacionais de conservação.

² Informações detalhadas sobre cada categoria exposta, inclusive suas respectivas Leis e Decretos de criação ver: FVA 1998, Silva 1995; Jesus, 1998. Silva 1997.

avaliadas, são encaminhadas ao Ministério do Meio ambiente e ao Presidente da Republica e, se aprovadas, passam a existir legalmente. O Brasil, segundo o IBAMA (2000), conta com uma área de 32.544.710 ha de áreas protegidas.

O País tem feito um grande investimento nesta área, principalmente no que concerne à criação de Parques Nacionais. Tal fato se justifica, segundo Diegues (1996), pelo investimento de capital estrangeiro oferecido por grupos internacionais que incentivam a criação dos mesmos. Porém o IBAMA, o órgão responsável pela administração e gerenciamentos destes locais, não dispõe de mão de obra suficiente para implementar as políticas concernentes. Após a implantação de uma unidade de conservação, o IBAMA deve fazer um levantamento fundiário e, dependendo da necessidade local, proceder com indenizações, caso existam proprietários das terras, o que na maioria dos casos acontece. Porém dificilmente a instituição dispõem de recursos humanos e financeiros para viabilizar as indenizações necessárias.

Como se pode observar pela exposição acima, só as unidades de conservação de uso direto permitem a permanência e as atividades praticadas pelas populações que vivem dentro, ou no entorno das áreas protegidas. Isso significa que nas áreas ocupadas, o IBAMA deve remover a população local e indenizá-la conforme o previsto em lei (FVA, 1998a). Esse fato vem ocasionando muitos conflitos pois, além do órgão não dispor de condições para proceder de acordo com a lei, uma terça parte dos administradores das Unidades de Conservação Nacionais ainda vêm como incompatível a presença de pessoas nestes locais. (IUCN, 1996).

Mesmo que o IBAMA possuísse condições legais para desapropriar essas áreas, não se pode esquecer que a expulsão desses habitantes de seus locais de origem ocasionaria a perda do conhecimento popular que, na maioria das vezes, dá o aporte para o conhecimento científico. Neste sentido, Oliveira (1995:61) ressalta “... *constrói-se o presente sem a compreensão do passado nem dimensão do futuro. Tudo é baseado na cultura do desenraizamento, num processo que se caracteriza pela ausência da dimensão temporal*”, ao que poderíamos acrescentar a questão: como construir o novo em detrimento do antigo, se é neste que encontramos na maioria das vezes novas questões para entendermos o presente e até projetarmos o futuro?

Diegues (1996) chama a atenção sobre a situação dos habitantes dessas áreas, pois o que se sabe é que essas pessoas muitas vezes desenvolveram modos de vida particulares e usam os recursos naturais obedecendo a sazonalidade, criando mitos e

crenças que demonstram um profundo respeito pela natureza. Os problemas de cunho ambiental não se resolvem, assim, apenas com a criação de áreas protegidas, já que a implantação dessa política suscita inúmeras questões que vão além da proteção da natureza. Concordo com Diegues quando diz que

“A questão das áreas protegidas levanta inúmeros problemas de caráter político, social e econômico e não se reduz, como querem os preservacionistas puros, a uma simples questão de “conservação do mundo natural”, mesmo da proteção da biodiversidade”. (Diegues 1996: 17).

Atualmente se busca compatibilizar a permanência das populações tradicionais nesses lugares, principalmente depois que Organizações Não Governamentais - (ONGs) passaram a atuar em co-gestão com o IBAMA nas áreas de proteção. Esse fato se deve ao engajamento da população civil na defesa de seus direitos.

Quando falo de populações tradicionais, busco aporte teórico em Diegues que define essas populações dizendo que elas

“... estão relacionadas com um tipo de organização econômica e social com pouca ou nenhuma acumulação de capital, não usando força de trabalho assalariado. Nela produtores independentes estão envolvidos em atividades econômicas de pequena escala, como a agricultura e pesca, coleta e artesanato. Economicamente, portanto, essas comunidades se baseiam no uso de recursos naturais renováveis. Uma característica importante desse modo de produção mercantil (petty mode of production) é o conhecimento que os produtores tem dos recursos naturais, seus ciclos biológicos, hábitos alimentares, etc. Esse “Know-how” tradicional, passado de geração em geração, é um instrumento importante para a conservação. Como essas populações em geral não tem outra fonte de renda, o uso sustentado dos recursos naturais é de fundamental importância. Seus padrões de consumo, baixa densidade populacional e limitado desenvolvimento tecnológico fazem com que sua interferência no meio ambiente seja pequena. Outras características importantes de muitas sociedades tradicionais são: a combinação de várias atividades econômicas (dentro de um complexo calendário), a reutilização dos dejetos e relativamente baixo nível de poluição.

A conservação dos recursos naturais é parte integrante de sua cultura, uma idéia expressa no Brasil pela palavra "respeito" que se aplica não somente à natureza como também aos outros membros da comunidade".

(Diegues 1994: 94 - 95).

Hoje já se discute essa integração da população tradicional com o seu meio, e se anda na contra mão da legislação, já que na maioria dos Parques Nacionais a população permanece habitando, mesmo que isso cause a insatisfação de alguns dirigentes dos órgãos responsáveis pelas unidades de conservação, os considerados "conservacionistas puros", evidenciando a necessidade de se estabelecer diálogo com as populações locais e mostrando a importância de conhecer suas representações de meio ambiente, já que é com base nelas que agem sobre o meio em que vivem. (Diegues, 1996).

2.1 Parque Nacional do Jaú.

O Parque Nacional do Jaú (PNJ), unidade de conservação criada em 1980, pelo decreto nº. 85.200, é, atualmente, o maior Parque Nacional do Brasil, o segundo da América Latina e, em se tratando de florestas tropicais contínuas, o maior do mundo. Segundo a legislação vigente, os Parques Nacionais são:

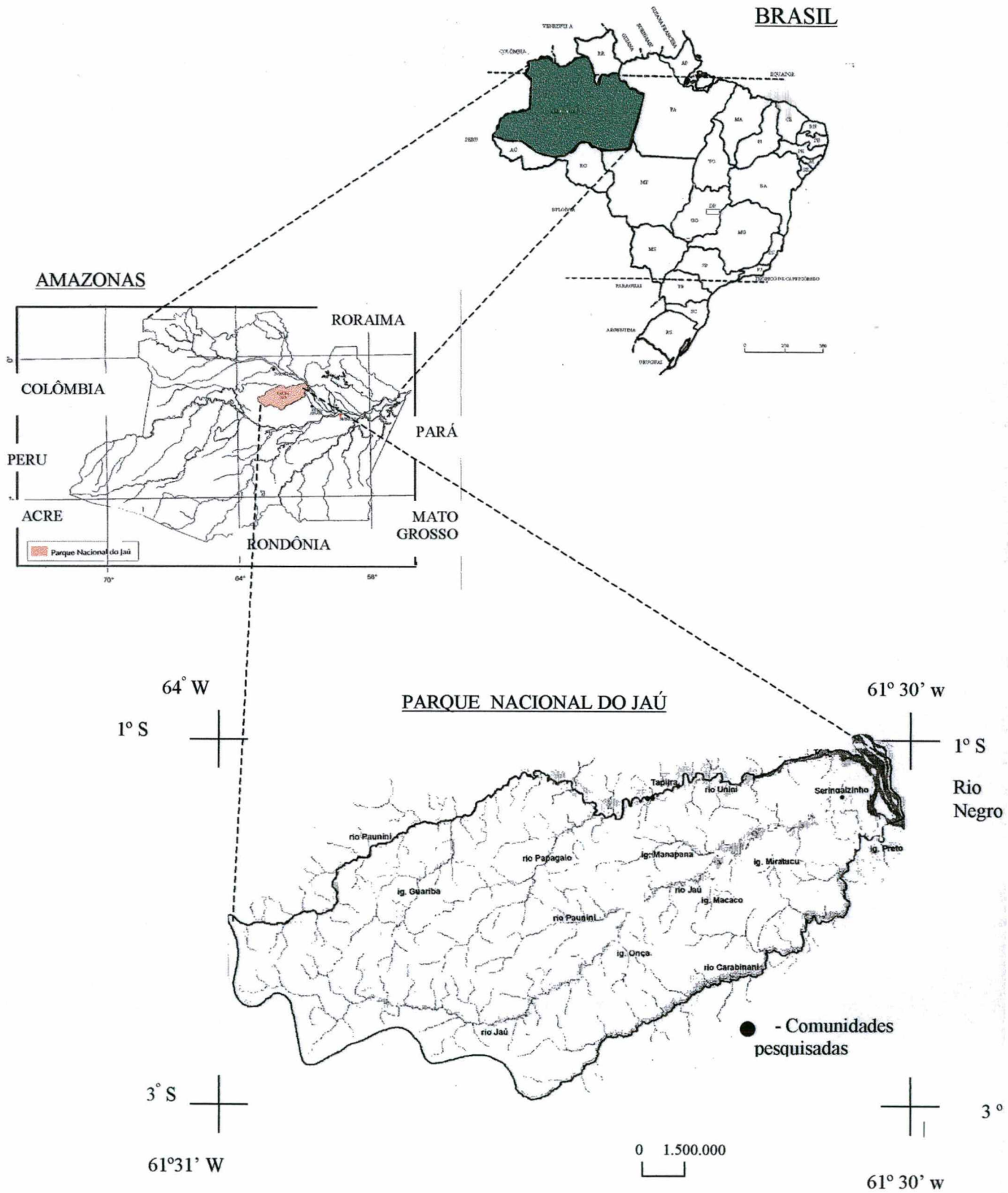
"Unidades de Conservação que se destinam à preservação integral de áreas naturais com características de grande relevância sob os aspectos ecológicos, cênicos, científicos, culturais, educativos e recreativos, vedadas as modificações ambientais e a interferência humana direta. Executam-se as medidas de recuperação de seus sistemas alterados e as ações de manejo necessárias para recuperar e preservar o equilíbrio natural, a diversidade biológica e os processos naturais. Comportam a visitação pública com fins recreativos e educativos regulamentado pelo Plano de Manejo das Unidades, de acordo com as normas estabelecidas pelo o IBAMA". (FVA, 1998a:28)

Quanto à localização, o Parque Nacional do Jaú está situado na bacia do rio Jaú, afluente da margem direita do rio Negro, no Estado do Amazonas, abrangendo parte de dois municípios, Barcelos e Novo Airão. (FVA, 1998b). (Mapa de localização na página seguinte).

Em relação à capital do Amazonas, o PNJ está aproximadamente a 200 Km a noroeste de Manaus, tendo como única via de acesso o rio. O tempo que se leva para chegar ao PNJ depende do tipo de embarcação, sendo a viagem mais demorada feita por barco regional, que gasta em média 18 horas no percurso. De “voadeira”³, embarcação bem mais rápida, gastam-se 6 horas. Em relação à cidade de Novo Airão, município mais próximo do Parque, a distância de barco regional fica em torno de 8 horas e de voadeira, 2 horas e 30 minutos.

³ Tipo de embarcação feita de alumínio, estilo de canoa, motorizada.

Localização da Área de Estudo



Fonte: BRASIL – Atlas Geográfico Melhoramentos – 1994
 AMAZONAS e PARQUE NAC. DO JAÚ – FVA, 1998 b

Vários são os motivos que levaram à transformação do PNJ em unidade de conservação. Segundo Oliveira e Anderson (1999) o valor biológico é evidente e isso despertou nos naturalistas um grande interesse, principalmente no final da década de 60, quando se formou uma expedição para percorrer o rio Jaú e seus principais afluentes, rio Carabinani e rio Unini. A expedição contou com a participação principalmente de botânicos e zoólogos, cujo objetivo principal era comprovar a teoria do Pleistoceno⁴ de Haffer, que conforme Oliveira e Anderson (1999: 2), consiste “...em uma área remanescente de espécies isoladas em refúgios úmidos durante condições climáticas mais secas que teriam ocorrido no período Pleistoceno - estudando a distribuição das aves (...) e plantas (...)”. Além desse indicativo, em 1976 outra expedição fez estudos no local recomendando a área para conservação, com o objetivo de proteger a bacia hidrográfica do rio Jaú, de interflúvio a interflúvio, da nascente à foz.

A criação desta unidade de conservação não levou em conta o fato da área possuir moradores, pessoas que, pelo estilo de vida, podem ser consideradas populações tradicionais. A desconsideração desse fator trouxe sérios problemas pois, não havendo como remover as famílias do local, as atividades praticadas por elas se contrapunham aos interesses preservacionistas. Segundo a legislação brasileira, as terras destinadas às unidades de conservação são patrimônio da União, não podendo pertencer a posseiros, a particulares, ou ao Estado. Logo, o Jaú deve estar sob domínio e administração da União, através de seus órgãos competentes.

Conforme já foi ressaltado, a legislação em vigor estabelece que a aquisição de terras de posse ou de domínio privado, para serem transformadas em unidades de conservação, deve ocorrer através da desapropriação, com a devida indenização a seus proprietários ou posseiros. Em se tratando de terras devolutas, isto é, terras que pertencem ao Estado, o procedimento a ser utilizado é a transferência da propriedade, conforme a legislação fundiária do Estado em questão. Somente através desses procedimentos legais é que as terras passam a ser patrimônio da União, ou do órgão gestor da unidade de conservação que, no caso do PNJ, é o IBAMA. Portanto, a criação de uma unidade de conservação geralmente implica em desapropriação de terras, que deve contar com uma justa indenização em dinheiro para as partes envolvidas. Esta é a

⁴ Hoje questiona-se o uso dessa teoria como um dos critérios para a criação de uma Unidade de Conservação. Diegues (1996:23) diz que: “... de acordo com outras teorias, as áreas já estabelecidas como unidades de conservação amazônicas talvez não sejam as mais adequadas para proteger a biodiversidade”.

medida que deve ser aplicada ao PNJ, pois suas terras constituem-se em três categorias: terras devolutas, terras privadas e terras de posseiros. (FVA 1998 b).

A lei é clara com relação à presença humana nas unidades de conservação de uso indireto, porém a realidade é outra na maioria das unidades de conservação da América do Sul. Segundo Oliveira e Anderson (1999), em 86% delas existem moradores ocupando a área há séculos e sobrevivendo do uso dos recursos naturais. No PNJ a situação não foge à regra, a presença humana no local data de alguns séculos atrás. Rebelo (1994), Oliveira e Anderson (1999), Porro (1995), Jesus (1998) e outros, fazem uma retrospectiva histórica da presença humana no local e, segundo eles, a ocupação humana é anterior ao período colonial, ou melhor, pode-se dizer que data de aproximadamente 2 mil anos atrás, pois existem nas proximidades pinturas rupestres e outros indicativos que o confirmam.

Detendo-nos apenas no primeiro período citado, temos o início da colonização portuguesa, que data do século XVII. Os portugueses registraram a presença dos índios Cauari, pertencentes ao grupo lingüístico Aruaque, como os moradores mais antigos dos quais se tem notícias. Estes estabeleciam uma importante rota comercial com outras tribos da região, como os Yuriimáguas, habitantes dos rios Solimões e Japurá, também com os Guaranaguas do Rio Branco e, a partir dessas conexões, trocavam produtos com os holandeses no Rupununi. (Oliveira e Anderson 1999).

Segundo fontes do IBGE (1993), a colonização na região teve início com a chegada dos Jesuítas em 1658, quando estes fundaram a missão dos Tarumãs.

De acordo com a FVA (1998b), data de 1693 a fundação do primeiro povoado no Rio Negro, que recebeu o nome de Santo Elias do Jaú, por estar situado na foz do Rio Jaú. Os missionários utilizavam esse povoado para preparar a mão-de-obra indígena. Algumas décadas depois, Santo Elias do Jaú é elevado à categoria de aldeia e passa a ser chamado de Airão. Conforme Rebelo (1994), Airão abrigava os índios Aruaque, Manaus, Barés, Caraias e Tucuns, além de comerciantes descendentes de europeus, e alguns padres. Em 1870 Airão tornou-se município autônomo, com sede na própria vila de Airão. Hoje é uma cidade abandonada no meio da selva e foi indicada para fazer parte do patrimônio histórico. Na área de Airão funcionava uma grande rota comercial impulsionada pela demanda internacional do látex, peles de animais, quelônios e fibras vegetais, (Oliveira e Anderson 1999). A partir da segunda metade do século XX, Airão entra num processo de decadência econômica, por um conjunto de

fatores complexos e ainda não explicados (FVA 1998b). Com a decadência econômica, a população foi aos poucos migrando para uma outra localidade, Tauapessassu, dando origem a um novo município, hoje chamado de Novo Airão.

Esse processo histórico, desde a colonização portuguesa até o ciclo da borracha, foi marcado por uma grande miscigenação, o que deu origem à população tradicional que hoje ainda habita as localidades do rio Negro, o caboclo amazônida.

2.2 Sua gente e seus modos de vida.

O PNJ, até 1995, tinha 886 habitantes, correspondendo a um número de 143 famílias, sendo que 47% desta população agrupava-se em 7 comunidades e o restante, 53%, vivia disperso por toda a extensão do parque. Deste total, 55% eram imigrantes de outras localidades do próprio Amazonas, 8% oriundos dos estados do norte e nordeste brasileiro e 37%, nascidos no parque. Quanto à distribuição por sexo, 54% eram homens e 46%, mulheres. Em relação à faixa etária, 55% encontravam-se entre 15 e 20 anos. Neste sentido, podemos dizer que há uma predominância de jovens no PNJ. A FVA observa a predominância masculina, na faixa etária de 15 a 20 anos, fato que ocorre por que há uma emigração feminina mais expressiva que a emigração masculina. A FVA (1998a) aponta, ainda, para algumas implicações como: mulheres relativamente jovens (com 16 ou até bem menos) gerando filhos e constituindo famílias. Essas novas famílias agrupam-se junto à família da mulher ou do homem e/ou buscam outras alternativas de vida dentro e fora do parque.

A distribuição espacial dos habitantes ocorre de acordo com a facilidade de acesso aos recursos naturais. A maior densidade populacional encontra-se no limite norte do Parque, que corresponde aos rios Unini e Paunini.

A população que habita o PNJ, como a maioria da população interiorana do Amazonas, busca sempre se estabelecer próximo às margens dos rios, facilitando assim a execução das atividades necessárias à subsistência. A distribuição espacial dos habitantes ocorre, assim, de acordo com a facilidade de acesso aos recursos naturais e hoje esses estão, na sua maioria, agrupados em comunidades que surgem em função das

afinidades ou necessidades de cada grupo, sendo as mais comuns as questões do parentesco, dos apadrinhamentos, dos grupos de amigos e/ou de necessidades sociais e econômicas. Outro fator que influencia a formação comunitária é a questão da distância, pois geralmente, no interior do Amazonas, as casas dos moradores ficam distantes quilômetros uma das outras. O fato deles estarem organizados em comunidades faz com que fiquem mais próximos, facilitando assim o acesso à igreja, à escola, à partida de futebol e outras atividades comuns aos grupos.

Todas as comunidades possuem seus representantes, que se manifestam junto à administração do parque e junto às autoridades competentes dos municípios, para reivindicar o que for de interesse do grupo. Procuram se reunir também nas construções coletivas, ou para ajudar um membro do grupo, fazendo os chamados ajuris ou mutirões⁵ para construir escolas, limpar áreas de lazer, construir igrejas, capinar a roça ou construir a casa de um amigo que esteja necessitando, como nos explica seu Assis, morador da Comunidade de Tapiíra

A gente vai fazer um serviço ai, o pessoal vai, quase tudo já foi embora, depois que termina o serviço foi rapidinho fazer um roçado, uma capinação, qualquer serviço. [Vocês trabalham muito assim, se ajudando?] É, um vem, ajuda aqui, quando termina ajuda aquele outro. [Como é que vocês chamam isso ai?] A gente chama mutirão, ajuri. [E vocês fazem os mutirões e vão ajudando o povo?] E ajuda um e ajuda outro, de modo que todo mundo fica servido.

Seu Tarcísio. Tapiíra.

O lazer, pode ser uma partida de futebol no final de semana, uma festa em comemoração a um dia santo, um bate papo no final da tarde na casa de um outro comunitário. Eles procuram se divertir, como pode se observar na fala de um morador,

“É uma coisa que mais nós ama na comunidade; uma é o esporte a outra é uma festa. Sem lazer nós não podemos viver. Por mais que a gente trabalhe, chega o fim de semana, nós tem o direito de ter nosso lazer. Isso é uma coisa de

⁵ Ajuri e mutirão são trabalhos realizados coletivamente, porém no ajuri, geralmente praticado em trabalhos particulares, ex. construção de casa, quem convoca para o trabalho arca com as refeições para o grupo.

necessidade, também para nós que convive na comunidade”. (morador da comunidade Floresta citado na FVA. 1998a. p. 145).

Outro aspecto muito valorizado pelos moradores é a religião. A religião está presente nas comunidades através das igrejas católica e evangélicas. Segundo Jesus (1998), os representantes das igrejas, sejam nas pessoas dos padres, dos agentes pastorais ou dos pastores, possuem grande influência sobre os moradores, sendo sempre consultados na hora de uma decisão, grupal ou individual.

O sistema educacional que, em termos gerais, apresenta-se deficiente no meio rural e em todo o Amazonas, onde o fator distância geográfica é acentuado, fica mais deficitário ainda. É pequeno o número de escolas funcionando no Parque e esta é uma das coisas que leva os moradores a formarem as comunidades. A participação das crianças na escola é um fator problemático, pois os filhos contribuem nas atividades laborais, uma vez que a agricultura e o extrativismo contam com a mão de obra familiar, (Oliveira e Anderson, 1999). Mas, apesar de necessitarem do trabalho dos filhos, os moradores dão muito valor à escola e fazem questão que os filhos a frequentem, por mais que para isso eles tenham que enfrentar os serviços sozinhos. A importância pode ser observada na narrativa de alguns moradores:

... já tinha esta comunidade aqui, eu botei meus filho pra estudar - **“Mulher, burro basta nós mermo”**. Nós se criemo, naquela época tudo era difícil, agora tem essa facilidade, dentro do rio mermo, merece os nossos filho aprender ao meno assinar o nome, vou embora daqui, nesses alto de fim, eu disse, vou embora. Nós plantava muita roça, dismachemo nossa roça todinha acabemo com tudo mermo, só ficou as bananeira porque a gente tira os cacho, ai elas torna a dar de novo o resto nós tiramo tudinho, ai viemo embora pra cá, ...

Seu Assis. Tapiíra.

[Os meninos acompanham o senhor nos trabalhos?] **Acompanham, quando não estão na escola estudando, eles dão uma ajuda no cipó lá no igarapé. ... O futuro deles quem manda é a permissão de Deus e a vontade deles também. Se eles não estudar, se Deus der permissão deles passarem no estudo deles, se tiver de estudar na cidade ou no município ali que seja mais próximo. O futuro que**

eu penso é eles aprender, hoje em dia o que vale é o saber né? [O Senhor acha importante essa questão de eles estudarem?] Pelo menos, fazer como outro, será uma coisa pra eles, pra mim não vai servir, na realidade pode até servir, eu calculo assim, pode até servir eu faço esforço que eles aprenda mais na frente tem futuro, se Deus dê permissão

Seu Joca. Seringalzinho

... eu vivia que nem doida pra cima e pra baixo. Ai eu estava com vontade de voltar pra lá. Ai meu menino pelejou pra mim vir pra cá pro lado dele. Só vive doente, a gente já tá idoso, pelejou pra gente vir pra cá para o lado dele. ... Eu não queria vir, e outra que tinha que colocar meus filho para estudar, ... [Hoje a senhora tem as suas filhas os seus filhos que estão estudando aqui, o que a senhora pensa em relação ao futuro, pensa se vai continua aqui com os seus filhos, se eles devem sair, o que a senhora acha com relação ao futuro deles?] Professora, faz como o ditado, eu por mim aqui pelo menos fica mais fácil para mim. Porque eles é muito, porque aqui pelo menos a coisas facilita melhor, porque não existe tanta indigência como na cidade. Na cidade tudo é uma indigência. Eu pelo menos sô pobre, não sô de comprar muito materiais, se eu tivesse condição de comprar materiais pros meus filho eles estava estudando no Município. Nós como não temo, **damo graças a Deus de ter essa escolinha aqui** para mandar educar meus filho, porque eu não vou dizer que tenho condição ... [... também aqui no cipó vai a senhora e os filhos?] É sim senhora, quando a gente vai tirar o cipó **quando meus filho não estão estudando**, vai tudo.

Dona Joelina. Seringalzinho.

O sistema de saúde, assim como o sistema educacional, apresenta problemas, já que são poucas as comunidades que possuem um agente de saúde. Em caso de doenças mais graves, o hospital mais próximo está em Novo Airão. Em função desta realidade, os moradores buscam alternativas nos conhecimentos tradicionais, no uso das ervas medicinais de que dispõem, na reza do rezador, nas mãos sábias da parteira, ou mesmo na orientação do padre e do pastor. Segundo Rodrigues (1996), essas pessoas conhecem o “*sistema tradicional de saúde*” no qual os ensinamentos são transmitidos de geração à geração. Com relação ao sistema de saúde, os moradores (entre eles, uma agente de

saúde nativa) narram suas necessidades, seus arranjos e a forma como suprem as carências.

Em caso de doença assim, é mais a malária que dá. Febre, às vezes eu colho as lâminas tudo aí. [Ha! vocês fazem o exame aqui?] A gente só faz colher, a gente manda lá pra Barcelos ou então pra Novo Airão, eles examina e manda o resultado, esses dias atrás deu muita febre aqui nas pessoas, aí eu colhi lâminas, onze lâminas aí eu levei lá pra Barcelos, quando eu fui, não deu nenhum exame positivo, deu tudo negativo. [Aí, não era malária?] Não era malária, só alguma febre doida que dá, eu acho que era da gripe. [Além da malária tem algum outro problema?] É as diarreia das crianças, e tem muito e aí inclusive o Denilson (filho) sempre tá tendo diarreia. [O que causa?] Deve ser verme. [E a procura do pessoal pelo posto, como é?] Não é muito constante não, mas assim quando eles precisam de remédio eles vem aqui. Mas agora quando eles tem alguma pessoa doente eu estou indo lá sempre, para dar uma olhada.

Francisca (Pitica), agente de saúde. Tapiíra

[E a questão da doença como é que vocês resolvem] Negócio de doença fica difícil pra gente, esse tempo aqui graças a Deus, o que tem aperriado (incomodado) meus filho é negócio de gripe, mas aí tem esse pessoal desse crente que vem pra cá, eles trazem muito remédio, quando eles vem na lancha grande, eles vão até no Seringalzinho, eles traz médico tudo, vem dottor, aí passo muito remédio pra criança, dexa muito remédio aqui pra gente, diz qual é a doença, como é. ... quando a gente não tem remédio de farmácia, a gente tem que dá um jeito de fazer o remédio em casa, mesmo pra minhas criança. [Com quem você aprendeu a fazer os remédios?] Eu vi a minha mãe fazer eu aprendi com ela. [Tem rezador por aqui? Vocês procuram os rezadores?] Aqui pra mim tem o seu Chico Marreta ele reza bem, tem ali a dona Isabelina que reza também. Ele reza bem mermo, essa minha garotinha adoeceu, ela tava com dois mês quando ela adoeceu, aí disseram aí que o seu Chico Marreta rezava bem, ele morava no Carabinani foi ele que rezou nela. Nós ia baxar pra Novo Airão que ela tava com malária, devido à malária ela pegou otro tipo de doença, aí nós paramo lá, eles rezaram graças a Deus, até nessa hora a malária parou quando ele rezou, graças a Deus passou aí nós chega lá em Novo Airão. [Ele também ensina fazer remédio?] Ele mermo faz o remédio eu não sei nem do que é que

ele faz, eu sei que ele faz remédio dessa palha de biquera (palha usada para cobertura de casa) da casa, ele faz chá. Ele faz, dá pra criança beber mas não sei com o que ele prepara o remédio.(...) às vez o pessoal da Fundação agora não, que eles não para, ele tem motor de popa era muito bom às vez as criança adoecia ou, a gente mermo, eles levava até Novo Airão, levava, trazia. Uma vez eu adoeci de malária eu e essa minha garotinha, não tinha como eu ir, que não tinha passage, não tinha motor, não tinha nada, eles tava aí, o Iranildo e a Jóia eles tava aí, eles desceram pra Novo Airão aí vieram aqui me pegar aí eu fui falar uma passagem. “A gente leva sim” me levaram pra Novo Airão. Uma vez a minha irmã estava pra morrer com malária, ela quando saiu daí saiu desmaiada, não viu nem a hora que saiu, Iranildo e Jóia foram levar ela em Novo Airão, eles dava a maior força aqui pra nós sobre a doença.

Raimunda. Seringalzinho

... ele não sabia ler, mas reza pra fazer o bem, ele sabia. Ele rezava até pra queimadura. [É mesmo?] Se a pessoa pegasse uma queimadura e ele tivesse perto, ele rezava e não popocava e rapidinho tinha jeito. Botava a mão em cima, rezava e pronto. Disenteria, pra tudo. Até pra solução ele rezava. Fazia remédio. Era um homem que ele sabia fazer remédio. Uma que ele já tinha isso de família.. Ele sabia fazer muito remédio. [Ele fazia remédio com que?] De mato mermo. Sabia fazer muito remédio. Remédio casero, não se preocupasse não que ele fazia. Rezava pra mulher ter criança. [Quem fazia seus partos, era ele?] Não. A minha mãe. Só tive uma filha que não foi a minha mãe que partejou, porque ela estava indo pra Manaus. Foi a Natália, mas esses otro tudo foi ela. [E ela também rezava, a sua mãe?] Não. E graças a Deus, durante ela teve vida, ela já estava velhinha nunca morreu uma criança na mão da minha mãe. É um dom que Deus dá pra nascer com aquela coragem, aquele saber, de partear uma mulher.

Dona Rita. Seringalzinho.

O conhecimento das atividades de subsistência, como a agricultura e o extrativismo, também foi e continua sendo transmitido às novas gerações. Os habitantes do PNJ buscam, nestas atividades laborais, a sobrevivência dos grupos domésticos, como faziam seus antepassados. As atividades extrativistas exercidas pelos habitantes

do Jaú representam parte de sua base econômica, onde o material extraído da fauna, da flora e da produção agrícola é comercializado pelo sistema de aviamento⁶

“A utilização dos recursos naturais disponíveis no Parque Nacional do Jaú pela população local está vinculada à necessidades de subsistência do grupo doméstico. Ela se efetiva a partir do conhecimento do sistema ambiental, da sazonalidade, do preço de mercado, da disponibilidade dos recursos, da mão-de-obra, e se caracteriza como atividade extrativista ” (FVA, 1998b: 42).

Dentre os produtos provenientes do extrativismo vegetal estão a castanha, os cipós, o óleo de copaíba, a borracha, a sorva (Sorva: *Couma utilis* Muell, Arg/ *Couma macrocarpa*), o breu e a madeira; em relação aos produtos de origem animal, encontramos os quelônios, os peixes ornamentais, o pescado, a caça e os ovos de aves silvestres e de quelônios. A prática empregada na coleta destes produtos obedece à sazonalidade, isto significa que a extração não acarreta maiores danos aos recursos naturais, com exceção da madeira.

Além do extrativismo vegetal e animal, os moradores do Jaú utilizam, como fonte de renda e de alimento, a agricultura familiar. Usam, para tal, o sistema de pousio⁷ que é um sistema característico das populações tradicionais do Amazonas e das unidades de produção familiar, onde a área de cultivo agrícola é regionalmente conhecida como roça. Pereira (1994) diz que o sistema de pousio garante a integração ecológica sustentável entre as atividades de roça e o uso dos recursos florestais, pois a prática empregada neste sistema é a de rotação, na qual os períodos de cultivo são alternados, conforme a disponibilidade da área. Esse mesmo sistema já era usado pelos indígenas, como afirma Meggers (1977) ao descrever o sistema agrícola de algumas tribos que habitaram a região amazônica. Morán (1990: 123) diz que este sistema é

⁶ Segundo o Plano de Manejo, o sistema de aviamento tradicional desenvolveu-se no ciclo da borracha, quando cada seringueiro possuía um patrão a quem entregava sua produção e de quem recebia o equivalente em mercadorias industrializadas. Tal relação era extremamente desfavorável ao seringueiro, pois como o preço do produto sempre era inferior ao da mercadoria, o seringueiro sempre estava devendo ao patrão, o que o colocava numa situação de semi-escravidão. Hoje esse sistema funciona de forma diferente, não há mais a figura do patrão, nos rios existem apenas os regatões, comerciantes que compram os produtos dos agricultores e extrativistas e vende produtos manufaturados aos ribeirinhos. Nessa negociação o dinheiro é praticamente inexistente, o que o torna próximo ainda do antigo sistema.

⁷ Sistema de pousio - sistema no qual os agricultores trabalham com dois ou mais campos: enquanto um produz, o (s) outro(s) se recupera (m) do desgaste causado pelo plantio anterior.

apropriado para a região, pois além de resultar na agrícola economia da preparação do terreno, evita novas derrubadas, já que depois de um período de uso o local é abandonado e só volta a ser usado depois de uns cinco anos de descanso. Para essa extensa região, que possui uma baixa densidade demográfica, ele se torna adequado.

De forma geral, os roçados ficam próximos das residências e os donos gastam em torno de 10 a 15 minutos a pé para atingi-los. Cada grupo familiar utiliza-se de uma a duas quadra (o que equívale a 1 ha, isto é, 100m²) para fazer seu roçado. Isto, depois de fazer uma derrubada e uma queimada na vegetação⁸. Porém como o sistema é de pousio, estas queimadas não se renovam em áreas de floresta fechada. Segundo o levantamento feito pelo Plano de Manejo, estima-se que em 0,054% da área total do PNJ está sendo utilizado neste tipo de agricultura (FVA 1998b).

Nos roçados, os produtos mais cultivados são: mandioca, banana, cana-de-açúcar, ananás, cajú, milho, café, pimenta e tubérculos como batata, cará e ariá. O principal cultivo é o da mandioca, de onde se extrai a goma, fabrica-se a farinha, faz-se o beiju e o tucupi. Esses derivados da mandioca constituem a principal base alimentar dos povos amazônicos, mas infelizmente a mandioca possui um baixo teor nutricional (FVA, 1998b). Como a maioria dos produtos cultivados são culturas perenes e podem ser plantados no mesmo espaço que fruteiras permanentes, após a colheita os roçados continuam sendo utilizados por cerca de cinco a dez anos, tempo em que as fruteiras produzem e a mata se regenera.

Os produtores encontram várias dificuldades na hora de escoar a produção agrícola, sendo as mais comuns, a questão da distância em relação ao mercado consumidor e a falta de condições para transportar a mercadoria. Em função dessa problemática, vêem-se obrigados a entregar seus produtos aos regatões, prática que persiste desde o tempo do colonialismo. Chaves (1994) diz que o aviamento modificou-se, porém ainda permanece como o regulador das relações econômicas. Este tipo de negociação é marcado pela dependência financeira do produtor (Oliveira e Anderson, 1999 e Jesus, 1998). Além dessa dependência financeira, a circulação do dinheiro é quase inexistente, o produtor entrega a produção e, em troca, recebe a mercadoria superfaturada.

⁸ As árvores da floresta são mantidas de pé e protegidas das queimadas através do sistema de "aceiros", proteção feita com terra e galhos de árvores para o fogo não invadir a floresta.

Os habitantes do Jaú reclamam desse sistema, sentem-se explorados e alguns buscam alternativas de escoar a produção sem a ajuda do aviador, como o exposto por moradores/moradoras durante as entrevistas.

O cipó é o gênero que hoje estamos trabalhando, com o cipó, aí a gente tira o cipó e entrega pro atravessador que justamente é o regatão, que a gente chama, e ele que paga pra nós de R\$ 1, ou então na faixa de R\$ 1,50. Agora só que aí, ele tem comissão da tala do cipó, a gente tem, vamos supor, 50 quilos, ele vem pagar 30 quilos só, o líquido pra gente, que dá R\$ 30, 00 (trinta reais). Por que quebrou, mas tem vez que não quebra. E só quem vem é ele. Agora tem a comissão da mercadoria. Ele já ganha na comissão do cipó, tem a comissão da mercadoria. Eles que compram no atacado em Manaus.

Seu Cosmo. Seringalzinho.

... e aqui é pouco regatão que tem, tem poca concorrência, quando entra um que vende mais em conta, aí já vem outro que tá trabalhando de dentro, *aí “nada rapaz tú tá vendendo mais barato o preço aqui é esse”*, aí você compõe, o produto, o preço aqui também é tudo combinado, ninguém paga melhor. [E o senhor tá conseguindo ter saldos com os regatões?] Dá, sobra coisa poquinho porque a despesa é grande, agora o trabalho é assim, pego meu dinheiro, meu produto vô pra Barcelos ou então vô pra Manaus chegar lá, vendo ou então vendo aqui, levo o dinheiro, aí eu compro um pacote de açúcar ou dois, sal ou então, o necessário, né.

Seu Tarcísio. Tapiira.

A gente entrega o cipó, compra, né, às vez sobra um pouquinho, ele paga às vez, o regatão não tem, aí já fica pra outra viagem. Às vez tem saldo mas eles não tem dinheiro. Não tem dinheiro, a dificuldade é o dinheiro, a gente precisa do dinheiro-~~pra~~ fazer outro tipo de negócio que a gente precisa pra fazer negócio com outras pessoa, nós não tem mermo, nós trabalha mermo mais é com mercadoria. [Quando eles vem em outras viagens vocês pegam em mercadoria ou vocês pegam em dinheiro] Às vez quando a gente pede ele traz, mas ele faz

tudo pra levar em mercadoria porque ele ganha mais. Qualquer besterinha pronto, já foi o saldo.

Seu Joca. Seringalzinho.

Professora, antigamente entrava muito regatão a gente comprava porque não tinha condição de sair para fazer seu ranchinho. Mas hoje em dia está tudo uma coisa pela outra. Se a pessoa tem uma condução acho melhor que a pessoa vá vender sua produção lá em baixo [refere-se a Novo Airão]. Porque se eles traz de lá pra cá sai muito caro. Eles quer tirar no preço de um objeto quer ganhar dois. Então a gente que não tem condição de transporte, fica difícil.

Dona Joelina. Seringalzinho.

E assim os moradores do Parque levam suas vidas, convivendo com a exploração dos comerciantes, enfrentando os mais diversificados problemas de saúde, mas buscando alternativas de sobrevivência. Buscam nos remédios caseiros que aprenderam com os pais, a solução para os males de saúde, conhecimento que apesar de ter sido adquirido através dos tempos, a cada novo tempo se renova, transforma-se, mas não deixa de ser uma alternativa. Tentam, através das estratégias de compra e venda, burlar o sistema de aviamento, e buscam em outros portos oportunidades de uma melhor negociação.

3. NOS CAMINHOS DOS RIOS, O DESCORTINAR DA PESQUISA: EM BUSCA DE UM PORTO SEGURO.

No intuito de investigar os elementos que permeiam as relações de gênero, as práticas laborais e as representações de meio ambiente de três gerações de habitantes do PNJ, usei como aporte investigativo, o método etnográfico.

Fonseca (1998: 2) diz que este método perpassa pelo envolvimento do pesquisador com seu objeto, propiciando o estudo da subjetividade. “ ... o ponto de partida deste método é a interação entre pesquisador e seus objetos de estudo... É - melhor ainda - com sua ênfase no cotidiano e no subjetivo, ... ”.

Neste mesmo sentido temos a contribuição de Lago, que nos fala desse método de pesquisa, depois de fazer largo uso dele em seus trabalhos,

“ O método antropológico vai além da observação das instituições e das práticas dos agentes sociais. Como ‘observação participante’, leva o pesquisador a se deter na escuta da voz do outro, procurando penetrar no mundo de suas representações, no seu universo simbólico” (Lago,1996:19)

Quando se fala de subjetividade, está se considerando que o pesquisador carrega consigo todo um arcabouço teórico, emocional, afetivo, cultural, ideológico e, etc. e que, ao interagir com seu objeto de estudo, esse lhe servirá de aporte nas interpretações, porém como nos alerta Cardoso (1986), sua bagagem subjetiva não pode servir de justificativa na indefinição dos limites necessários a um trabalho de investigação; é preciso olhar e ser capaz de estranhar aquilo que já é conhecido. Conforme as palavras de Da Matta (1986), significa ser capaz de transformar o exótico em familiar e o familiar em exótico. Cardoso diz que a relação intersubjetiva

“... é uma comunicação simbólica que supõe e repõe processos básicos responsáveis pela criação de significados e de grupos. É neste encontro entre pessoas que se estranham e que fazem um movimento de aproximação que se

podem desvendar sentidos ocultos e explicar relações desconhecidas.”

(Cardoso.1986: 103)

Práticas de pesquisa como essa, segundo a autora, precisam valorizar a observação, assim como a participação do pesquisador no campo de trabalho. Se a participação propicia contatos onde o afetivo e o racional se complementam, a observação facilita a construção de sentidos.

Foi justamente pensando nessa escuta da voz do outro, nas construções do cotidiano, no seu universo simbólico, nas suas representações e na interação entre informante e pesquisadora, entre o familiar e o estranho, que se iniciaram os primeiros contatos com a comunidade a ser pesquisada.

No primeiro momento o pretendido era trabalhar com uma única comunidade do Parque, isto porque levava-se em consideração a distância que existe entre uma comunidade e outra e a dificuldade de locomoção por falta de transporte.

Em contatos com a FVA em Manaus, decidimos qual a comunidade onde se realizaria a pesquisa. Ponderando as dificuldades expostas, o local escolhido para realizar o trabalho foi Seringalzinho, pois esta é a primeira comunidade do rio Jaú, a que está mais próxima das zonas urbanas dos municípios onde se localiza o Parque, sendo, portanto, a de mais fácil acesso à Manaus, além de ser a mais próxima da base de fiscalização do IBAMA.

Após os encontros e acertos, foi marcada a data da viagem. A FVA sairia de Manaus no dia 13/05/99, porém até o dia 15/05/99 eles estariam em Novo Airão realizando um trabalho interno. Em função disso, combinamos que eu deveria viajar só no dia 15/05/99, devendo encontrá-los em Novo Airão.

Assim como foi combinado, no dia 15 às 6:15 peguei um ônibus na rodoviária de Manaus e parti em direção a Novo Airão. Na minha bagagem, roupas leves, protetor solar e muito enlatado para passar, no mínimo, uns dois meses fora. Além do peso da bagagem levava também a ansiedade e as expectativas de como seria o trabalho.

Durante toda a viagem fui observando a paisagem, que inclui logo de saída uma travessia de balsa pelo rio Negro e muita estrada, cercada de matas virgens e secundárias, lagos, fazendas e pequenos sítios. Esse trajeto leva em média 5 hs, mas também depende das condições da estrada, que é metade asfaltada e metade de barro.

Neste dia gastamos 5:hs e 30 minutos na viagem, chegando no Município de Novo Airão às 11:45. Ali, fui a um restaurante e comi um bom peixe frito com baião de dois, depois fui até o porto flutuante, onde havia combinado com a FVA apanhar o barco, Uapê-Açu. Às 14:00 hs deixamos a cidade, a viagem até a comunidade de Seringalzinho dura em média 8 horas porém não fizemos o trajeto direto, às 23 hs e 30 minutos paramos para pernoitar, na base do Ibama, logo no início do Parque. No dia seguinte bem cedo (às 6:00 horas) nós partimos. Às 9:00 hs o barco aportou na Comunidade de Seringalzinho, situada à margem direita do rio Jaú. As pessoas nos esperavam no porto da casa da FVA. Na nossa chegada eles cantaram algumas músicas e desejaram boas vindas.

Foi uma passagem rápida, só para apresentação aos comunitários. Em seguida partimos para um local mais distante, no mesmo rio, Comunidade de Lázaro, onde a FVA iria realizar alguns trabalhos. Segui viagem com a FVA com um único intuito, ter uma noção geral dos moradores/as do Parque, cujas habitações se espalham pelas margens do rio Jaú. Após uma semana subindo o rio, retornei ao Seringalzinho. Depois de um determinado período nesta comunidade, 32 dias, onde observei que já havia dados suficientes para análise, decidi pesquisar em outra comunidade do Parque. Aproveitei que a FVA estaria realizando trabalho em uma comunidade do rio Unini e desloquei-me para o local, Comunidade de Tapiíra.

Essas viagens, rio acima e rio abaixo, que demoram não só horas como dias, descortinam uma paisagem bela e exótica, onde o viajante pode desfrutar o bailado dos botos, o canto dos pássaros, a magia e o fascínio das águas pretas dos rios, Negro, Jaú e Unini, sempre tão calmas e misteriosas. Esses rios, além de delimitarem o espaço, também determinam a vida social e econômica dos ribeirinhos. Benchimol (1995), diz que os rios do Amazonas é que definem, não só a vida, mas a própria pátria dos povos que neles habitam. Podemos observar essa identificação com o rio na fala de alguns informantes:

Eu vim do Juruá (rio), perto do Solimões.

Dona Marta. Tapiíra

Nasci aqui mesmo no Unini... eu já tô tão acostumada com esse rio, a gente vai ali, pega um peixe ...

Tatinha. Tapiíra

Eu naci no rio Tapuá, afluente do rio Purus.

Seu João. Seringalzinho

Nesse descortinar de imagens, onde o rio corre sem pressa e muitas vezes nos leva a pensar que os únicos a se moverem somos nós, surge ao longe a figura do caboclo, que atraído pelo barulho do motor do barco, quer saber quem é que está a modificar a paisagem, sempre tão calma. Enquanto a embarcação desliza pelas águas tranqüilas, eles acenam, cumprimentando os viajantes. Chaves, ao narrar uma viagem que fez ao interior do Amazonas, descreve uma cena como a citada e diz que:

“A impressão que se tem é que a visita de ‘um de fora’ causa, ao mesmo tempo, fascínio, estranheza e curiosidade: O que vem de ‘fora’ traz ‘novidades’ de um mundo, que em muitos sentidos ainda lhe escapa. Ou ainda, ‘os de fora’ podem ser representação de um mistério a ser desvendado no contato direto; na relação face a face que permeia o universo local.” (Chaves, 1994:12)

A curiosidade, o fascínio e a estranheza que move o ribeirinho até a beira da barranca, é também partilhada pelo que vem “de fora”. É essa curiosidade que, depois de um tempo de convivência nessas localidades, nos faz entender o porquê do fascínio pelo que “vem de fora”. O que vem de “fora” sempre traz “novidades”.

Essa mesma paisagem que encanta, ao desnudar suas raras belezas, também nos revela uma outra face, não tão bela. Aqueles mesmos ribeirinhos que na passagem se deixam mostrar acenando da beira das barrancas em frente às suas moradias, vistos ao longe compõem uma visão poética, integrada à natureza, porém quando o cenário se aproxima, quando as mãos se cruzam e os “de fora” interagem com “os de dentro,” surge a olho nu a dura realidade de um povo esquecido no meio da floresta. É nesta hora que se vê que a pátria mãe não embala no mesmo berço os filhos que pariu.

Pessoas alegres, receptivas e acolhedoras que, mesmo não dispendo das mesmas condições materiais que os “de fora”, estão sempre dispostas a acolher aqueles que chegam. Mas são também reservadas, mostrando desconfiança em relação àqueles que vem de “fora”, sedentos de informações sobre seus modos de vida.

Oliveira (1995: 26) falando dessas paisagens que, vistas de longe revelam-se exuberantes e de perto nos fazem refletir sobre as condições de vida ou de sobrevivência dos ribeirinhos amazônicos, diz que essas raras belezas são para serem admiradas de longe “... pois de perto toda a dimensão de beleza que existia no primeiro olhar esvai-se no arruamento caótico, nas casas novas, mas com as fachadas desbotadas e precocemente envelhecidas. Talvez fosse melhor que delas só tivéssemos a primeira impressão”.

3.1 Os informantes: os habitantes dos rios e da floresta.

Foi esse povo ribeirinho, que desenvolveu, no seio da floresta estratégias de sobrevivência através do extrativismo vegetal e animal, que escolhi para estudar neste trabalho. Os informantes da pesquisa foram os moradores das duas comunidades citadas. Em ambas trabalhei com homens, mulheres e crianças/adolescentes, que foram divididos em três gerações, dos quais obtive entrevistas abertas que caracterizarei como histórias de vida e depoimentos.

Na história de vida, um único informante ou vários, que estejam compartilhando a mesma experiência coletiva, narram suas crenças, esperanças, fatos da vida, etc. Queiroz (1988: 19; 21) diz que “... tudo quanto se narra oralmente é história, seja a história de alguém, seja a história de um grupo, seja história real, seja ela mítica”. A autora também ressalta que esta é uma forma de se conservar a história. No depoimento ainda segundo Queiroz, o pesquisador dirige o colóquio, que pode ser feito de forma sutil ou com perguntas bem direcionadas, que venham responder suas questões de pesquisa “... na verdade o pesquisador tem nas mãos o fio da meada e conduz a entrevista”.

As pessoas que concederam as entrevistas foram aquelas com quem consegui uma melhor aproximação, e que demonstraram interesse em cooperar com a pesquisa. Com a terceira geração o procedimento usado foi diferente: com crianças e adolescentes realizei trabalhos em grupos, solicitando que, através de desenhos e pinturas, ilustrassem os fatos de seu cotidiano, que depois deveriam relatar oralmente para o grupo. Os adultos prestaram as informações durante as entrevistas, em relatos orais, nas conversas informais e, muitas vezes, nas conversas coletivas.

O trabalho com as crianças e adolescentes foi realizado no horário de aula, e como em ambas as comunidades a sala de aula é multisseriada, não foi possível adotar um critério de seleção com relação à idade dos informantes, pois toda a turma queria participar. Isto fez com que as idades referentes a essa geração variassem dos 5 aos 17 anos. No total, realizei 30 entrevistas (11 meninas e 19 meninos), com crianças e adolescentes, sendo que 11 foram realizadas na Comunidade de Seringalzinho e 19 no Tapiira.

Esse trabalho foi bastante produtivo, todas as crianças e adolescente que estavam na escola fizeram questão de participar. Desenhavam e perguntavam o tempo todo se estava bom, se era isso que eu queria. De minha parte, procurava deixá-los o mais à vontade possível e não interferir no desenho, dificilmente respondia dizendo se estava bom ou não, apenas perguntava se aquele desenho estava representando seu dia-a-dia, e se ali estavam as coisas que ele costumava fazer quando estava fora da escola.

Aos poucos todos foram terminando, levamos em ambas as comunidades uma manhã inteira, e assim que todos terminaram, vieram as explicações sobre os desenhos. Na medida que cada um apresentava seu trabalho, a turma concordava ou discordava, dizendo que ele/ela não fazia aquilo ou que fazia mas tinha preguiça, davam gargalhadas uns dos outros, mas no final todos desenharam e expuseram seus trabalhos.

Depois da exposição foi a hora das fotografias, todos queriam ser fotografados, tiramos fotos dentro e fora da escola, alguns juntos, outros sozinhos, queriam a foto para recordação. Quando os dispensei, pediram para escutar a fita com a gravação de suas falas, então voltamos para a sala e fomos escutar, nova farra, davam gargalhadas ao ouvirem suas vozes no gravador, comentavam sobre as diferenças e cada fala era motivo de riso.

Quanto à primeira e à segunda geração, procurei entrevistar pessoas das mesmas famílias (pais e filhos), e isso foi possível porque uma das características marcantes das comunidades é justamente o fato de serem constituídas por redes de parentescos. O número de entrevistas realizadas foi praticamente o mesmo em ambas as comunidades; com a primeira geração de informantes, cuja idade variou entre 38 e 58 anos, realizei 11 entrevistas, 6 no Seringalzinho e 5 no Tapiira (6 mulheres e 5 homens). Quanto à segunda geração, entrevistei 7 informantes no Seringalzinho e 5 no Tapiira, somando um total de 12 entrevistados com idades variáveis, de 20 a 35 anos (8 mulheres e 4 homens).

Durante as entrevistas percebi uma certa familiaridade dos/as moradores/as com as pesquisas, pois os mesmos têm sido objeto de muitos questionamentos por parte de vários pesquisadores. Observei que eles já estão cansados de tanto falar e de não receberem retorno imediato, como gostariam. Alguns se recusam a dar entrevistas, alegam cansaço e dizem *“pra que, a senhora quer saber, não adianta nada.”* Mas também há aqueles que expressam total interesse em participar e dizem: *“a senhora vai escrever o que eu tô dizendo, eu só quero ver”*⁹. As informações fluíram melhor, no entanto, nas conversas informais, no convívio diário, na participação em atividades laborais e nas horas de lazer. Assim sendo, as informações mais ricas ficaram por conta do diário de campo, no qual registrei sistematicamente as observações que o convívio com os moradores me proporcionou .

3.2 A Comunidade de Seringalzinho.

Na Comunidade de Seringalzinho fiquei hospedada na base de pesquisa da FVA, uma casa de madeira mobiliada com dois quartos, sala, cozinha e banheiro. Na época em que estive morando lá, dividi o espaço com a família do professor que dá aula na comunidade, uma família pequena composta por ele, a esposa e um casal de filhos. Um dos quartos da casa foi reservado só para mim e o outro ficou com o professor e a

⁹ Falas de dois moradores da Comunidade de Seringalzinho.

família. As demais dependências eram de uso comum e as nossas refeições eram compartilhadas, sendo que o preparo das mesmas ficava sobre minha responsabilidade ou da esposa do professor, Pedrina. Os primeiros dias no local foram os mais difíceis, pois a população se mostrou um pouco receosa. Com o passar dos dias, a convivência se encarregou de quebrar o gelo e os laços começaram a se estabelecer.

A comunidade era composta por 21 famílias. Sua principal base econômica era o extrativismo vegetal, mais especificamente o cipó-titica (*Heteropsis spruceana*), e o cipó-timbó-açu (*Heteropsis sp*), que depois de extraído e descascado era vendido aos regatões que comercializam o produto em Manaus e Novo Airão, onde é utilizado na confecção de cestarias e móveis. A base alimentar da população estava centrada na pesca e na caça, que na época encontrava-se bastante escassa, devido estarmos no período de cheia dos rios no Amazonas (novembro/junho)

A escassez da pesca se dá em função das grandes áreas inundadas, onde o peixe tanto tem mais espaço para se locomover, como mais opção de alimento. Petrere (1992) diz que no Amazonas se pratica a pesca o ano inteiro, *“sendo mais facilitada na época da seca, quando a densidade volumétrica dos peixes no ambiente é maior e, também devido à formação dos cardumes em migração ascendente no rio Amazonas”*. Os/as moradores/as que muito reclamam dessa época, também tem uma forma própria de explicar essa dificuldade de conseguir alimento, pois quando lhes perguntava o que tinham pego na pescaria, sempre ouvia a mesma resposta: *“tem peixe não, tá tudo anadando”*. Morán explica essa escassez dizendo que

“a baixa produtividade pesqueira no rio Negro resulta de um grande número de fatores, incluindo as áreas limitadas (...) os baixos níveis de nutrientes que escapam do sistema terrestre, o pH extremamente baixo e a baixa condutividade de água, (...) os níveis do rio influenciam na capacidade da população em capturar os peixes. Quanto mais alto estiver o rio, menor é o sucesso na pesca.” (Morán, 1990: 178; 211)

Na comunidade há uma escola que é um chapéu de palha com um cômodo, o qual serve não só como sala de aula, mas também como local onde se realizam as reuniões, festas e rezas. Nessa escola fica a televisão, que é de uso coletivo, e à noite os moradores ali se reúnem para assistir ao jornal e à novela. A energia que faz funcionar a

TV, é produzida por um gerador à base de óleo diesel. O combustível para abastecer o motor é conseguido através de doação do prefeito de Barcelos ou algumas vezes, muito raramente, comprado pelos comunitários.

As casas estão colocadas umas ao lado das outras e são todas cobertas de palha e sem paredes, às vezes com um único cômodo fechado mas, no geral, abertas. O assoalho das casas é feito de tábua ou de paxiuba, isto é, da palmeira de açai (*Euterpe precatoria*), e fica mais ou menos a um metro do chão. Nas casas não há moveis, raramente se vê uma cama, para dormir usam-se redes. Fogão à gás é utensílio pouco usado (observei apenas em duas casas, porém as donas não faziam uso deles), os alimentos são cozidos em fogareiros, confeccionados pelos próprios moradores ou adquiridos nos centros urbanos.

Os alimentos protéicos usados nas refeições são os obtidos nas caçadas ou nas pescarias, e o preparo dos mesmos é realizado pela mãe ou por uma filha mais velha, embora tenha observado também, homens realizando esses trabalhos (tanto o preparo dos alimentos, como a limpeza dos peixes e das caças). Na hora de servir o alimento, a mãe pede a uma filha que coloque pratos, colheres e a cuia ou lata de farinha no chão e todos se sentam próximo e/ou ao redor; a mãe geralmente faz a partilha alimentar. Esse mesmo local compartilhado por todos durante as refeições, à noite acomoda a família para dormir.

É uma comunidade pacata, apresentando-se bastante calma durante a semana. Na segunda-feira, os homens e algumas mulheres dirigem-se aos centros de cipós, isto é, aos locais na mata de onde as famílias retiram o cipó, e lá ficam por toda a semana, retornando na sexta-feira, final da tarde. Na comunidade ficam, geralmente, as mães que tem filhos pequenos e os que estão freqüentando a escola. Além desses, algumas vezes os homens permanecem, tentando primeiro providenciar alimentos para a família, antes de partirem para o trabalho de extração do cipó.

O movimento maior fica por conta dos alunos, que logo cedo chegam à escola, fazendo grandes algazaras. Durante a semana o clima é de calma, todos acordam cedo, algumas pessoas saem para pescar, outras para caçar, enquanto outras ficam realizando os serviços próximos da casa. No final da tarde tem a “sagrada” partida de futebol, onde meninos e meninas brincam até anoitecer. O início da noite é marcado pelo silêncio típico da floresta, que só é quebrado pelo barulho do gerador de energia e

pelo som da televisão. Quando não há combustível para fazer funcionar o motor, as famílias se recolhem cedo.

Essa calma só dura praticamente até sexta-feira, dia em que os trabalhadores/as retornam dos centros. Neste dia, a partida de futebol toma um ritmo diferente e o campo, que durante a semana é usado pela garotada, passa ao domínio exclusivo dos homens. É comum se ouvir as meninas e alguns meninos (geralmente os menores), reclamando que não podem brincar. Às vezes, quando não dá para formar um time completo, permite-se que mulheres participem da partida. Ao retornar dos centros, as pessoas trazem o cipó que foi colhido durante a semana, e a família se encarrega de descascar o cipó, um trabalho coletivo do qual todos participam.

É na sexta-feira também que se inicia a bebedeira, a partida de futebol é incrementada com cachaça e álcool, os ânimos ficam animados e o encontro para assistir à novela tem um outro ritmo, não se ouve só a voz dos atores, diria que o cenário vai além da tela e muitos atores falam ao mesmo tempo. Essa noite para os homens não tem fim, vão até altas horas da madrugada nas bebedeiras, ouvindo música, jogando dominó e algumas vezes fazendo uma festinha, ou melhor, um forró. Quando ocorre o forró, aí se vê a participação feminina. Esse ritual dura até o final da tarde de domingo e para alguns se prolonga até a segunda-feira, o que retarda o retorno ao centro, em busca de mais cipó. As desavenças entre os homens nesse período de 3 dias são mais frequentes, mas nada que não se resolva de forma harmoniosa, com a volta ao convívio normal.

A questão do alcoolismo nas comunidades tradicionais, é muito frequente, isto não só no Amazonas mas em outras regiões do país. Cavalcante (1999) fala dessa problemática em sua tese de doutorado, quando trabalhou com uma comunidade de Pernambuco. Welter também menciona a questão ao falar de uma comunidade cafuza em Santa Catarina. Segundo Cavalcante, o álcool é um auxiliar para a liberação da libido, esses momentos são usados para a exorcização dos males e dos fantasmas. No trabalho de Cavalcante observa-se, nas falas dos informantes, que a bebida alcóolica é consumida por homens, mulheres e jovens. Na comunidade de Seringalzinho, durante o período em que estive no local, não observei mulheres bebendo, ao contrário, elas sempre reclamam da bebedeira dos homens, como pode ser observado nesse trecho do diário de campo.

... o Antenor que estava afastado do grupo se aproximou e disse: *“tá bom de quando os home chegar eles vim me ajudar e as mulher ir discascar o cipó”*. A Branca não esperou nem o Antenor terminar e já retrucou: *“até parece que não é nós que discasca o cipó, quando eles chega eles não vão te ajudar, tu não sabe como é? eles vão é beber e jogar bola”*. Edinete que fala pouco completou a frase de Branca: *“eles já vem é tudo bebo, tu não conhece?”*. Branca continuou: *“chega bebo e só quer saber do campo, parece até gado”*. Branca referia-se ao futebol. Deuza também resolveu falar: *“parece que vem tudo morta fome de bola e de cachaça”*. ...

Anotações do diário de campo do dia 28/06/99.

3.3 A Comunidade de Tapiíra.

Tapiíra está situada no rio Unini, à margem esquerda de quem sobe o rio, e suas casas na maioria foram construídas com madeira, quase todas com mais de dois cômodos. Há na comunidade uma escola grande, com duas salas de aula e um posto de saúde, onde uma agente de saúde, que ali reside, atende os comunitários, distribui remédios e realiza curativos nos acidentes simples. Os moradores vivem basicamente da agricultura, principalmente da venda da farinha de mandioca e da banana e quase todos tem sítios, que ficam um pouco afastados da comunidade. Os trabalhos comunitários são realizados em conjunto, sob a forma de mutirões e/ou ajuris.

O período em que estive no local também era época de rio cheio, porém os moradores estavam sempre se organizando para saírem em grandes caçadas, em busca de alimento. Quando um grupo consegue uma caça de grande porte, uma anta (*Tapirus terrestris*) por exemplo, costuma repartir com os demais comunitários. As caçadas também são organizadas quando um morador quer realizar um ajuri e precisa alimentar uma grande quantidade de gente. Na época de rio seco, quando o peixe se torna mais fácil, as caçadas diminuem de frequência, pois há peixe em abundância e pescar não requer tanto tempo quanto caçar. Os pais de família também saem em grandes caçadas no intuito de abastecerem a casa por alguns dias e trabalharem na roça descansados,

como podemos ver na explicação de seu Tarcísio, em uma conversa quando tratávamos uma anta¹⁰ que ele e o filho haviam caçado,

... agora maninha tu vê só, se a gente não caçar não pode trabalhar, tem que pegar caça e salgar ai dá pra ficar uns dia sossegado, e trabalhar na roça, porque peixe num tem, quando tem é bom, porque é só mandar o menino pegar e ele traz, mas esse tempo agora que não tem peixe, só caçando.

Anotações do diário de campo 25/06/99.

No Tapiíra fiquei hospedada na casa do presidente da comunidade, o Valdeci, uma casa de madeira com quatro cômodos, sendo dois quartos, sala e cozinha, que também tinha móveis e eletrodomésticos, televisão, freezer, liquidificador e outros aparelhos, assim como outros moradores dessa comunidade. A família era composta pelos pais, Rosa e Valdeci, os filhos Valder Jr. e Rozivaldo, acrescida de duas meninas, Marléia e Marilda cuja mãe partiu e deixou as filhas estudando sob a responsabilidade do casal e Manuel irmão e filho adotivo de Rosa.

Durante minha permanência na casa fiquei praticamente sozinha, porque logo que cheguei a família partiu em viagem a Barcelos e Novo Airão, permanecendo na residência apenas eu e Marilda. À noite a casa recebia a visita da comunidade, pois a televisão comunitária estava com defeito e todos vinham assistir à novela. Assim como no Seringalzinho, a luz elétrica provinha do gerador de energia, que funcionava a diesel e que era ligado às 19:00 e desligado às 21:00. O combustível era fornecido pelos comunitários, que o compravam dos regatões, dividindo os gastos entre si.

As comunidades de Tapiíra e Seringalzinho, que se distinguem, assim, em muitos sentidos, possuem também algumas características em comum.

Na época de cheia as casas ficam bem próximas do rio, facilitando o serviço doméstico mas, mesmo assim, os serviços que precisam de uma quantia maior de água para serem realizados, como as lavagens de roupas, lavagens de louças, a limpeza do peixe e da caça, são feitos na margem do próprio rio, evitando as subidas e decidas que são necessárias para o abastecimento de água no lar.

¹⁰ Tratar a anta: ato de limpar o animal e deixá-lo pronto para o preparo alimentar.

As comunidades não possuem nenhum sistema de saneamento básico, o banho é realizado no próprio rio, as necessidades fisiológicas são feitas no mato. Geralmente cada família destina um lugar na floresta para esse fim, com exceção das crianças que sempre procuram locais próximo à residência. O lixo produzido por cada família recebe vários destinos, é enterrado, é jogado próximo à casa, é queimado e também jogado no rio.

3.4 Os percalços do trabalho de campo.

Durante o período em que estive realizando a pesquisa, compartilhei de vários momentos da vida de meus informantes. O Seringalzinho foi a comunidade onde vivi momentos mais inusitados, principalmente pelo fato de ser mulher e estar “sozinha”. Quando falo pelo fato de ser mulher refiro-me ao convívio com os homens, especificamente nos momentos em que eles estavam alcoolizados. A bebida foi a causadora dos principais problemas e por causa dela, algumas vezes tive que recolher-me em casa e evitar circular pela comunidade. Muitas vezes também fui convocada a ajudar as pessoas, fazendo curativos em ferimentos e outras vezes tentando auxiliar, mesmo sem conhecimento suficiente em problemas de saúde. Algumas anotações do meu diário de campo ilustram esses momentos.

... Dona Rita vai embora, mas os filhos continuam pela comunidade bebendo e jogando. Deixo a casa de Dona Joelina e vou até o campo de futebol, onde os homens jogam e algumas mulheres assistem. Ao me aproximar do campo passo por alguns homens sentados à margem do campo, que ao me verem ficam me olhando e fazem comentários sobre o meu corpo, há algumas mulheres por perto, inclusive um cidadão cuja esposa está bem próximo e diz algo no sentido de querer transar comigo. As mulheres que estão no campo dizem para que eu não ligue, pois estão embriagados. Deixo o campo e volto para casa e decido não sair, pois o índice de embriaguez já está bastante alto. Porém, depois de

refeita do susto, mudo de idéia e decido ir até à casa de Seu Cosmo. Desde o dia em que cheguei, observo que o povo de lá não vem ver TV e que os filhos dele não vêm brincar com as outras crianças, vêm só no horário de aula e depois vão embora, nunca brincam com as outras crianças. Chego na casa de Seu Cosmo mas logo me arrependo, os homens estavam todos embriagados, o cunhado de Seu Cosmo tenta conversar comigo, quase não entendo o que ele fala, fica muito próximo e chega a me tocar nas costas. Seu Cosmo intervém dizendo que ele me deixe, procuro me afastar, não demoro na visita, volto em seguida para casa e não saio mais. Fico observando o movimento da varanda, já é final de tarde. Seu Ilson vem me visitar, senta-se na varanda e pergunta se eu não tenho um café para ele, vou pegar café para ele e para mim, sentamos na varanda e conversamos, pergunto porque ele não vem morar na comunidade ele diz que gosta de morar só, fala da questão da bebida, diz: *“A senhora num tá vendo todo fim de semana é assim, a senhora vai ver, eles bebe, eles briga, eu não aguento isso não, não respeita ninguém. ... são 4:30 da manhã estou de volta ao meu diário,* estava dormindo quando ouvi alguém bater à porta, levanto e pergunto quem é, a Val responde e diz que quer falar comigo, abro a porta ela entra e pergunta se eu tenho remédio para dor, diz que a Maria está gritando com dor de estômago, pego os analgésicos que tenho em casa e vou até a casa da Maria, lá já se encontravam quase todas as mulheres da comunidade e logo adiante, em baixo da castanheira, os homens continuavam a beber. Dona Joelina fazia massagem na barriga de Maria, Deuza e Branca estavam sentadas no chão, a Edinete ao lado da mãe, Dona Joelina, ao ver-me foi logo dizendo: *“é a mãe do corpo, professora que está atacando ela”*. Perguntei o que ela havia tomado para passar a dor e há quanto tempo. Além de chás já tinha tomado buscopan e dipirona, então não deixei que dessem os analgésicos que eu tinha, disse que era melhor esperar um pouco. Edinete reclamava que o Urica, marido da Maria, estava bebendo e nem ligava para o que estava acontecendo. Indignada com a situação, Edinete levantou-se do chão e saiu em direção ao local onde os homens bebiam. Edinete se aproximou do grupo e aos gritos brigou com Urica, dizendo que este precisava ir ver a mãe dela (esposa dele) que estava doente. Me aproximei da porta e fiquei olhando, os homens estavam sentados no chão e a garrafa de cachaça estava no centro da roda, Edinete entrou na roda e chutou a

garrafa, o Rom, que também bebia junto aos outros, levantou-se, pegou-a pelo braço e deu-lhe um tapa, mandando-a ir embora para casa. Edinete veio chorando para a casa da mãe e começou a brigar, desta vez com a mãe, a chamava de prostituta e outras coisas. Maria gritava mais ainda, Val a conduziu para casa, Deuza muito calmamente falou: “*o Zé num faz isso comigo não, ... Dona Joelina que continuava massageando a barriga de Maria disse: “quem manda ela ir lá, não vê que eles tão bebendo”*”. Maria desmaia, o corre-corre é geral, as mulheres se movimentam, tentam levantá-la, eu me aproximo e coloco um vidro de álcool próximo ao nariz, ela torna do desmaio, Val dá a ela um pouco de chá de erva cidreira, Maria toma mas continua a gritar com dor. As mulheres comentam que mãe do corpo é assim mesmo, “*quando pega não quer mais largar*”, eu fico me perguntando o que é mãe do corpo. Depois de um tempo em que Maria não melhora e Dona Joelina reza e continua a massagem, peço para pegar na barriga de Maria e pergunto o que ela comeu, ela mesma me responde que não comeu nada o dia inteiro, só à noite tomou um pouco de açai com farinha, que ganhou de Dona Joelina, pergunto se não comeu nada mesmo, se foi só isso, ela confirma que sim, me aproximo e começo a pegar na barriga de Maria, percebo que ela está cheia de gases além de abalada com os últimos acontecimentos. Pergunto se ela quer tomar um remédio que eu tenho, diz que sim, então chamo a Branca e vou até a casa da FVA, nisso passo pela roda de homens eles me perguntam como ela está, e dizem que é bom ter uma enfermeira assim. Não parei para responder, fiz de conta que não ouvi. ... volto à casa de Maria só que desta vez Branca me chama para irmos por trás das casas, e assim não passamos pela roda masculina

Anotações do diário de campo 30/05/99.

Outra questão difícil de lidar era com mulheres que sentiam na minha presença uma ameaça aos seus homens e não hesitavam nas discussões quando percebiam que seus companheiros me dispensavam alguma atenção mais especial. Novamente recorro ao diário de campo, neste episódio omitirei o nome dos envolvidos, substituirei por letras, pois não considero adequado nomeá-los.

... os peixes assados foram colocados em um único prato, que X (esposa) havia levado, junto com um pouco de farinha, o prato foi colocado no chão, nós nos sentamos ao redor e comemos com a mão, não havia colher, no início fiquei meio embaraçada, em primeiro lugar por ser um único prato e depois porque iria comer com a mão, Z (esposo) percebeu meu embaraço e chamou a atenção de X por não ter trazido mais pratos e colheres, perguntou se ela não sabia que eu estaria ali e que não estava acostumada a comer desta forma. X revidou na hora, dizendo que ele também poderia ter providenciado o material, ou que eu mesma poderia ter feito isso. Eu fiquei mais desconcertada, mas mantive a calma e disse que para mim não tinha problema, disse também que essa não era a primeira vez que andava no mato e que sei que no mato estamos expostos a tudo, comecei a comer sem hesitar. O clima ficou meio tenso, X continuou brigando com Z, dizia que o que ele queria era se aparecer, e por isso estava com cuidados exagerados, ele revidava as colocações dela, eu fiquei calada, só escutando, a discussão foi interrompida por outras pessoas que se encontravam no local e interviram fazendo perguntas sobre o meu trabalho, desviando o rumo da discussão. Os momentos seguintes a esse encontro foram tensos e X ignorou por completo a minha presença no local. Mesmo que eu insistisse em envolvê-la nas conversas ela se limitou a responder algumas perguntas.

Anotações do diário de campo 17/05/99.

Os episódios narrados, principalmente o último, mostram um pouco dos inúmeros problemas que temos que enfrentar em campo, e para mim uma das coisas mais claras que apareceram foi a dificuldade de relativizar o meu olhar urbano, impregnado de costumes e “conhecimentos”, com relação aos modos de vida nativos. Por mais que eu me esforçasse, muitas vezes me peguei criticando os costumes nativos partindo da minha ótica urbana, como este relato do diário de campo torna evidente. Parava e repensava a questão, muitas vezes na hora, outras vezes só percebia meu olhar etnocêntrico depois de várias leituras do mesmo fato.

Ajudar as pessoas sempre que solicitada nunca foi para mim um problema, ao contrário deu-me muito prazer, minha dificuldade vinha do fato de que não possuo conhecimentos na área médica, mas mesmo assim nunca neguei-me a prestar socorro

quando foi necessário. Minha dificuldade maior foi lidar com as cenas de ciúmes e com a embriaguez, por mais que pensasse não encontrei uma maneira de agir nesses momentos tensos, minha opção foi sempre pelo silêncio e retirada.

Na Comunidade de Tapiira não tive problemas desta natureza, mesmo com o alto índice de alcoolismo também comum nesta localidade. Apesar das dificuldades, foi possível em ambas as comunidades desenvolver a pesquisa de uma forma bastante agradável.

As leituras que fiz antes de ir a campo sobre o método etnográfico muito contribuíram no sentido de estar atenta aos mínimos detalhes dos acontecimentos. Durante todo o trabalho usei o diário de campo onde ao final de cada dia, ou no máximo no início do dia seguinte, fazia as anotações diárias. Algumas vezes fazia anotações em pedaços de papel ou mesmo no chão, para não apagar da memória coisas que considerava relevante.

4. ANCORANDO ALGUMAS QUESTÕES TEÓRICAS.

Nesta dissertação recorri, como muitos pesquisadores brasileiros, aos conceitos do antropólogo Louis Dumont, para refletir sobre a organização das comunidades do PNJ. Ao estudar a Índia, Dumont (1985) caracterizou-a como uma sociedade holística, hierárquica, em oposição às sociedades ocidentais modernas, consideradas por ele como individualistas. Nas sociedades hierárquicas os interesses dos indivíduos estão subordinados ao interesse coletivo: o valor está colocado na totalidade. Totalidade que Dumont concebe como multiplicidade ordenada por oposições internas e hierárquicas. As sociedades hierárquicas, que dão lugar para as diferenças, são marcadas pelo holismo "*ideologia que valoriza a totalidade social e negligência ou subordina o indivíduo*" (Dumont, 1985:259).

As sociedades ocidentais modernas, igualitárias, sem lugar para as diferenças, são marcadas pelo individualismo "*... ideologia que valoriza o indivíduo (...) e negligência ou subordina a totalidade social*" (Idem: idem). Assim, nessas sociedades, a valoração é colocada no elemento, o indivíduo, e não no todo, o coletivo.

Os mecanismos que caracterizam as configurações hierárquicas são, para o autor, o englobamento do contrário e a inversão hierárquica (que possibilitaria explicar a mudança social, onde o elemento englobante passa a ser englobado e vice-versa). O mecanismo característico das configurações societárias individualistas seria, segundo Dumont, a fragmentação.

Com relação à hierarquia Dumont a distingue de poder ou de comando, pois considera-a como relação nuclear entre o conjunto e seus elementos,

"Acredito que a hierarquia não seja essencialmente uma cadeia de ordens superpostas, ou mesmo de seres de dignidade decrescente, nem uma árvore taxonômica, mas uma relação a qual se pode chamar sucintamente de englobamento do contrário. (...) Essa relação hierárquica é muito geralmente aquela que existe entre um todo (ou um conjunto) e um elemento desse todo (ou desse conjunto): o elemento faz parte do conjunto, é-lhe nesse sentido consubstancial ou idêntico, e ao mesmo tempo dele se distingue ou se opõe a ele." (Dumont, 1992:370).

A oposição hierárquica, para o autor, pode ser entendida na relação englobante/englobado, relação do elemento com o conjunto - o todo.

Neste sentido, utilizando Dumont, considere as sociedades estudadas como hierárquicas, holísticas. O fato de dizer que as comunidades são holísticas, não significa que nelas os indivíduos não possuam particularidades, ou não tenham importância para o grupo (o todo organizado). Porém, nessas sociedades comunitárias, os direitos dos indivíduos estão subordinados aos da família que, por sua vez, subordinam-se aos do grande grupo - a comunidade.

A solidariedade comum entre o grupo, que reparte a caça, a pesca com todos os elementos, também contribui para a visão destas comunidades como holísticas, opondo-se às relações sociais particularizadas e fragmentadas, típicas das sociedades modernas urbanizadas, em que os valores individuais são destacados, em detrimento do coletivo.

Apesar dos valores individuais ainda serem englobados pelo coletivo, alguns choques já se fazem sentir nas comunidades estudadas. Em primeiro lugar, porque essa população não vive de todo isolada, faz contato com as cidades, sociedades marcadas por valores urbanos individualistas, onde vendem, compram, trocam seus produtos. Além disso, possuem televisão, tendo contato com outras realidades, outros valores, através da mídia. Assim vão ocorrendo, aos poucos, conflitos culturais e os valores individuais, algumas vezes, vão se sobrepondo aos coletivos, principalmente entre as gerações mais novas. É nessas confluências de conflitos e de valores, que as comunidades, caracterizadas como hierárquicas, vão se transformando, em função do contato com o mundo urbano.

Considere, nesta dissertação, os habitantes das comunidades estudadas no PNJ, como camponeses. Na antropologia e nas ciências sociais em geral, o campesinato, visto como um modo de produção não capitalista que, no entanto, persiste e se reproduz no interior dos sistemas capitalistas, a eles subordinado, tem sido bastante estudado. O conceito de campesinato é, assim, polissêmico. Mas as diferentes teorias e categorizações, enfatizam alguns elementos comuns como definidores de condições de camponeses para segmentos da população de trabalhadores rurais de várias sociedades: os camponeses vivem em regime de pequena propriedade, trabalhada por mão de obra familiar, produzindo para a subsistência e comercializando apenas o excedente.

Toda a lógica, o interesse econômico do sistema camponês, está centrado na produção para a subsistência da família, e não na acumulação, que define a lógica do modo de produção capitalista. De acordo com Chayanov (1974), a exploração camponesa (que pode ser propriedade privada ou comunitária) deve ser pensada como contendo uma unidade de consumo (a casa, a horta e os animais de pequeno porte - o dentro) e uma unidade de produção (a roça - o fora).

Almeida (1990), estudando populações da Amazônia que sobrevivem da agricultura e do extrativismo vegetal e que se distinguem dos pequenos agricultores de outras regiões do país, por não serem proprietárias das terras em que produzem, desenvolveu a concepção de camponeses da floresta, que se ajusta melhor aos habitantes do PNJ.

Nos estudos sobre agricultores e camponeses atentos para as questões de gênero, costumam ser discutidas as atribuições, pelos próprios sujeitos, de algumas atividades como masculinas e outras, como femininas. Paulilo (1996) discute as representações de seus informantes, que atribuem os serviços "leves" às mulheres, enquanto caracterizam os trabalhos masculinos como "pesados". A autora enfatiza que o chamado serviço leve não é necessariamente agradável ou dispensável, podendo ser estafante, moroso ou até nocivo à saúde, como o das trabalhadoras de fumo no sul do Brasil. Carregar água, lenha, descascar cipó, etc., não são certamente serviços leves. Esta categoria, para Paulilo, reforça a posição inferior da mulher na hierarquia familiar.

A lógica econômica camponesa, segundo a análise de Chayanov, explica a divisão sexual do trabalho no campesinato. Isto porque, de acordo com esta lógica, conforme enfatizam Garcia Jr. e Heredia (1971), a mulher é responsável pela unidade de consumo e o homem, responsável pela unidade de produção. A razão porque o trabalho da mulher na lavoura costuma ser visto como ajuda, da mesma forma que o trabalho do homem na casa.

4.1 Meio ambiente:

A crise ambiental deste final de século, está levando homens e mulheres a debruçarem-se sobre suas histórias, para refletirem sobre os problemas ambientais que, nas últimas décadas, afligem o planeta. Essa busca inquietante leva a crer que a luta por um ambiente melhor está longe de ser apenas um modismo, pois é neste conturbado cenário que se percebe a necessidade emergente de novas atitudes, práticas e estilos de vida, que venham trabalhar a integração dos habitantes do planeta com a natureza. Azevedo fala dessa crise e diz que:

"A crise ecológica também é uma crise de valores humanos, da ética em todas as dimensões, e traz à tona novos pensamentos, novos conflitos, novas possibilidades, novas soluções e novos comportamentos diante do planeta.

Os problemas ambientais da atualidade também são problemas que têm relação com os aspectos socioculturais e históricos do ser humano relacionar-se com a natureza, em suas relações de produção e nas inter-relações travadas nessa dinâmica complexa e conflituosa, no cotidiano". (Azevedo. 1999: 68).

Segundo Grün (1996), essa falta de integração, uma das características da crise ambiental, é marcada pelo pensamento de Galileu, Descartes e Newton, que substituiriam a visão orgânica pela mecanicista. O paradigma mecanicista não permite que a vida seja entendida dentro de sua processualidade, o homem deixa de ser parte integrante do meio ambiente e passa a dominá-lo, como já afirmava Bacon (1987).

Segundo Branco (1989), a visão fragmentada da sociedade moderna, que surge com o método analítico de Descartes, quebra as interações naturais do homem com o meio ambiente. A fragmentação não permite o conhecimento completo pois, numa visão globalizadora, a parte não representa o todo, e o todo (mundo/planeta) não é uma

simples soma de suas partes¹¹.

Com o passar do tempo, a individualização vai tomando proporção significativa e, como conseqüência, o/a homem/mulher afastam-se da natureza. É a supremacia do antropocêntrismo, as ações sobre o meio ambiente são desarmônicas. Gonçalves (1989) explicita muito bem essa perda do equilíbrio ambiental, quando relata o desequilíbrio rural e urbano e diz que o homem substituiu o arcaico pelo moderno, ao invés de integrá-los.

As lutas em prol de um ambiente melhor têm uma datação histórica, como relata Grün (1996). Surgem em julho/45 quando, no deserto de Los Álamos, Novo México, é realizado o primeiro experimento com a bomba H e, em agosto/45 a Bomba H é jogada sobre Hiroshima e Nagasaki. Ironicamente, a bomba produz não só a destruição, mas as primeiras sementes dos movimentos contra as agressões ao meio ambiente. Depois dos protestos contra o uso da bomba, surgiram muitos outros e, dentre eles, podemos citar: contra o uso indiscriminado de pesticida e seus efeitos maléficos, contra o crescimento exponencial da população mundial, contra o consumismo no capitalismo, contra a produção da energia nuclear (e muitas outras lutas que foram empreendidas).

Há algum tempo, os problemas ambientais vêm sendo amplamente discutidos em diversos meios e segundo Lange e Ratto (1998), ficaram mais evidentes e de senso comum, com eventos como a reunião do Clube de Roma em 1968, a conferência da

¹¹ Na psicologia esta visão globalizadora, que influenciou as outras disciplinas das ciências humanas, teve origem com a Gestalt, escola psicológica alemã que se contrapôs às concepções elementaristas do psiquismo, que dominavam, de modo geral, as ciências e a disciplina que se inaugurava nos laboratórios de psicologia experimental, na segunda metade do século XIX, na Alemanha. Seguindo a máxima empirista, inspirada em Aristóteles, de que nada está no conhecimento sem que tenha antes passado pelos sentidos, os psicólogos experimentais elegeram como unidade do estudo do psiquismo, as sensações para, através delas, chegarem à compreensão dos fenômenos da percepção e do conhecimento (do particular para o geral). Iniciando seus estudos pela percepção, os primeiros gestaltistas, Wertheimer, Koffka e Köhler (Heidbreder, 1978) procuraram demonstrar, apoiados em experimentos com percepções de movimentos, formas, espaços, cores, etc., que estas não eram simples soma dos estímulos sensoriais que as produziam, mas organizações de configurações globalizadoras. Do ponto de vista psicológico, o todo, a percepção, transcende, assim, a soma das partes que o compõe. Não são, portanto, as características dos elementos componentes das percepções que caracterizam as configurações mas, ao contrário, em cada composição perceptiva, as características do todo (gestalten) definem as características das partes, enquanto componentes daquela percepção. O conhecimento não se dá, assim, do particular para o geral, mas ao contrário, do geral para o particular.

ONU, em Estocolmo, em 1972, o relatório Brundtland, em 1987 e a conferência do Rio de Janeiro, em 1992. Porém a necessidade de se continuar discutindo tais problemas ainda se faz eminente.

Os problemas concernentes ao meio ambiente são passíveis de solução, segundo Guatarri (1993), quando os pensarmos e os analisarmos de forma global, quando se pensar em uma revolução aos níveis político, social e cultural, retomando e reorientando os objetivos da produção de bens de consumo materiais e imateriais, quando esta produção dos bens de consumo naturais ocorrer de forma sustentável, atendendo às necessidades da geração atual, sem comprometer a existência das gerações futuras.

Segundo Dias (1994), esses problemas não podem ser vistos de forma isolada e nem de forma puramente ecológica, o que significaria um desconhecimento total da realidade a ser mudada. Assim sendo, o que precisamos fazer não deve ser visto de forma isolada mas com uma abrangência planetária, uma vez que os problemas atingem o planeta nas suas múltiplas dimensões.

Os problemas ambientais que hoje assolam a humanidade são frutos de uma (des)construção paulatina, e/ou herança cultural. Desde os tempos mais remotos da história humana, quando da natureza tudo provinha em abundância, sendo relativamente suficiente para o tão reduzido número de seres humanos existentes na terra. Assim, a natureza era fonte de exploração e dominação, e o homem/mulher, com suas habilidades, estava apto a dominá-la.

Além disso, os fatores sócio-econômicos e culturais das sociedades humanas, tornam-se indissociáveis dos recursos naturais, as relações de interdependência destes aspectos são necessárias para a sobrevivência dos habitantes do planeta. Isto não significa dizer que o relativo aumento populacional seja a causa principal dos problemas ambientais. Os problemas dão-se em virtude do elevado consumo dos recursos naturais por uma minoria e pela desnecessária produção de produtos nefastos à qualidade de vida (Reigota 1994).

As lutas em prol do meio ambiente, segundo Leis (1996: 117), cresceram no Brasil na década de 70 *“quando começam a configurar-se propostas provenientes tanto do Estado quanto da sociedade civil”*, marcando mudanças em relação às questões ambientais. O que antes era visto com receio, por ter surgido na Europa ou nos Estados Unidos, agora passa a fazer parte das preocupações nacionais. Afinal, os meios de

comunicação de massa apontam a todo o instante os efeitos que a devastação produz hoje sobre o planeta, sejam eles, sociais, culturais, econômicos ou históricos. A instauração desses movimentos em prol do meio ambiente, sejam eles nacionais ou internacionais, leva-nos a crer que a crise que enfrenta nosso planeta, como diz Capra (1996: 30), “... *não é apenas uma crise de indivíduos, governos ou instituições sociais; é uma transição de dimensões planetárias. Como indivíduos, como sociedade, como civilizações e como ecossistemas planetários*”.

O momento histórico é de transição. Transição, que já se faz sentir no próprio conceito de meio ambiente, que antes era entendido apenas como meio natural, e hoje é entendido de forma mais ampla, englobando os meios natural, social, cultural, econômico e histórico. Mas apesar do avanço, ainda se percebe meio ambiente dentro de uma ótica reducionista, como pode ser observado em vários dicionários da língua portuguesa, francesa e outras, e/ou áreas de atuação como biologia, ecologia etc., que o definem apenas como recursos naturais.

Em função dessa multiplicidade de definições, Reigota diz que meio ambiente não é um conceito científico, mas uma representação. Representação que permeia os mais diversificados meios sociais, e por isso precisa-se chegar a uma noção que aborde a interação de seus elementos, satisfazendo os diferentes campos. Diz o autor:

O meio ambiente é um lugar determinado ou percebido, onde os elementos naturais e sociais estão em relação dinâmica e em interação. Essas relações implicam processos de criação cultural e tecnológica e processos históricos e sociais de transformação do meio natural e construído. (Reigota, 1997: 14).

As representações globalizantes de meio ambiente precisam ser amplamente discutidas e integradas em nossas práticas pois, como diz Reigota (idem: 27) “*o contexto mundial só faz aumentar a necessidade do exercício do diálogo entre as diferentes culturas, conhecimento científico e tradicional e entre as diferentes representações*”.

A partir de uma pesquisa com professores da rede pública em São Paulo, Reigota buscou classificar as representações sociais de meio ambiente a partir da visão do grupo sobre o tema. Com base nas respostas dos professores, classificou estas representações em três categorias: **naturalista, antropocêntrica e globalizante**.

Representação naturalista: quando a visão de meio ambiente pode ser considerada sinônimo de natureza, caracterizando-se pela idéia de natureza intocada, isto é, a natureza por si só tem mais importância e os/as homens/mulheres não são considerados como parte dela. A idéia de que o ser humano pode transformar a natureza é praticamente inexistente, geralmente quando o ser humano aparece, nessa visão, é tido como um ser dissonante, o causador dos problemas. Às vezes essa visão se mistura com os conceitos ecológicos de habitat e ecossistema.

Antropocêntrica: manifesta a utilidade dos recursos naturais para a sobrevivência do ser humano, tudo girando em torno das necessidades humanas.

Globalizante: principal característica é a relação recíproca que é estabelecida entre natureza e sociedade.

Alguns outros trabalhos também enfatizaram as representações sobre meio ambiente e natureza, e dentre eles, destaco o trabalho de Da Matta (1994), que analisa as representações de natureza através de alguns fatos da História do Brasil e apresenta a seguinte classificação:

Representação relacional de natureza: nesta visão há um elo estrutural entre natureza e homem, esse esquema segue a lógica do englobador e do englobado, onde a prioridade é de Deus que a tudo cria e tudo engloba, a terra, o céu, o mar e, em seguida, os atores da natureza: os fenômenos meteorológicos, as plantas e os animais. Ao mesmo tempo, esse esquema confere ao homem uma posição peculiar e tradicional na sua estrutura

A natureza como dadivosa e edêmica: nesta concepção a natureza e seus seres foram criados para deleite, desfrute e exploração do homem.

Visão do paraíso, descobrimento e naturalização da história: concomitante à visão edêmica de natureza. A natureza se oferece como que generosamente à exploração dos agentes humanos, que têm o direito de usá-la como bem entenderem. Processos históricos e sociais essenciais são lidos pela ótica de uma “história natural”, uma narrativa na qual se enfatizam ritmos biológicos e determinações naturais.

Natureza dadivosa, exploração aventureira e cíclica: nesta visão a natureza faz parte do domínio humano de forma infinita, ocorre a interação do homem com o natural mas de modo imediato, sem a menor preocupação com o conhecimento profundo do hábitat ou com o esgotamento do produto explorado.

A representação puritana da natureza: a natureza surge como um espaço inóspito e cruel, é individualizada, seus elementos aparecem destacados dos grupos humanos.

Além de organizar em categorias as representações de natureza, o autor diz que as representações do mundo natural e da sociedade estão imbricadas pelo mesmo conjunto de valores, por isso não são reflexos e sim expressões desses valores. Tanto o mundo natural quanto o social se organizam por relações complementares hierárquicas e, dentro desta lógica, os trabalhos ligados à natureza são vistos como inferiores.

Os estudos de Arruda (1999) falam também das representações sociais de meio ambiente. Esta autora estudou as relações de vários grupos, tanto brasileiros como estrangeiros, com as questões relacionadas ao meio ambiente e, para ela estas representações dão-se de acordo com a trajetória do grupo, estando ligadas às suas atividades, acadêmicas, sociais, históricas, políticas, etc.. Ela conclui que as representações sociais de meio ambiente são articuladas de forma interdisciplinar e é assim que precisam serem analisadas.

Os trabalhos de Reigota e Arruda falam de *representação social*, teoria que nos últimos anos vem permeando um número significativo de pesquisas, cujas raízes estão na representação coletiva de Durkheim. O conceito de representações sociais, sustenta, na psicologia social, a teoria de Serge Moscovici. Para este autor, as representações sociais equivalem a um conjunto de princípios construídos e compartilhados por grupos sociais e dizem respeito às idéias, às imagens, ao conhecimento, às percepções, às informações e práticas sobre determinadas realidades, constituindo-se coletivamente nas relações sociais dos membros dos grupos. Para Moscovici (1978) existem, assim, representações sociais compartilhadas pelos sujeitos que participam de diferentes grupos sociais, mistos de informações científicas e de senso comum, distintas das representações individuais.

Essa dissertação se pauta por uma concepção de sujeito que se constitui como sujeito psíquico no mundo simbólico da linguagem, o mundo social. Um sujeito que é falado, significado, e que, portanto, fala, significa. Nesta concepção, não se constitui sujeito psíquico fora do social, fora do discurso. Assim, todas as representações, individuais ou coletivas, são partilhadas, são sociais, históricas, culturais (Lago, 1996). Nesse entendimento usarei o termo representação, "tour court".

No sentido filosófico, o termo *representação* nos remeterá à Grécia Antiga e aos filósofos pré-socráticos. Na mitologia grega, a *apresentação* não se diferenciava da realidade, tudo era uma *apresentação*, deuses e homens ocupavam o mesmo espaço temporal. A diferenciação de *apresentação* e *representação* ocorre com As Troianas de Eurípides, onde os deuses deixam de se apresentar, passando para uma outra esfera, ficando aqui apenas a *representação* deles (Penin, 1994). Para Platão, *representação* significa a manifestação do real e este só existe no Topos Urano, onde está o *verdadeiro conhecimento*. Assim, o que vemos é só uma cópia (*representação*) do real (Platão 1987).

As representações platônicas serão superadas pelos conceitos instaurados pelas ciências. Aristóteles desenvolve o conceito de categorias e, através destas, procura relacionar de forma material e ideal, conceito e objeto. (Abbagnano 1982). Para Aristóteles a *mimesis* é o real objetivado. Descartes (1987), que redefine os conceitos aristotélicos, vai dizer que *mimesis*, ou *representação*, é manifestação do real, onde objeto e sujeito se confundem, pertencendo ambos ao mesmo espaço mental, não havendo portanto, diferença entre o objeto e sua *representação*.

Para Kant, *representação* é a mediação entre *verdade* e *falsidade*, o objeto é a *representação* do que é apreendido pelos sentidos e pela mente, isto é, conhecem-se os *fenômenos* e não a *coisa em si* (Kant 1987). Assim, a representação, que era vista como duplo da realidade, o real objetivado, passa a ser entendida como subjetiva, não correspondendo mais à realidade concreta, mas a uma realidade modificada pelo sujeito, um real subjetivado.

Em Hegel (1993) temos o termo *representação* como uma *opinião* que se contrapõe à verdade, pois sendo opinião, é pessoal e dá margens a interpretações diversificadas, não podendo, assim, falar-se em verdade absoluta. A opinião, na visão hegeliana, não nega, apenas transforma dialeticamente o real.

A perspectiva de sujeito que orienta esta dissertação, é a de sujeito do discurso, sujeito inconsciente do enunciado, que constrói uma noção subjetiva de

"... identidade como a representação consciente do 'eu', constituindo-se nas relações contrastivas e de identificação com os 'outros' - identidade como a

ficção através da qual o sujeito se representa como um ego, procurando dar coerência e unidade a esta representação" (Lago, 1996:18).

Nesta perspectiva, não existe um "real concreto", mas *representações* da realidade e da experiência (social, pessoal), orientadas por crenças, valores, pontos de vista, ideologias, enfim. As representações são, assim, subjetivas, históricas, culturais.

Diegues (1996), diz que cada cultura, cada grupo social tem sua forma de representar e agir sobre o meio natural, e a representação desse meio é reflexo da condição material de produção de cada grupo. Corroborando com esse entendimento, Teixeira (1997) dá exemplo da relação que seringueiros e colonos tem com a floresta. O seringueiro vê na floresta sua sobrevivência e por isso entende esse espaço como um lugar que deve ser conservado para que ele possa continuar sua labuta, porque é de lá que ele retira seu alimento. Além disso, é um local sagrado onde habitam a mãe da mata, o curupira e outros seres míticos da floresta, lugar de respeito e de cuidado. Para o colono, a floresta é apenas um obstáculo a derrubar para que ele possa plantar. Essa representação diferenciada do mesmo espaço se dá em virtude da forma como cada grupo se organiza social e economicamente, Diegues afirma, ainda:

"a percepção social do ambiente não é feita de representações mais ou menos exatas das limitações materiais ao funcionamento da economia, mas igualmente de juízos de valor e crenças (...) é necessário analisar o sistema de representações que indivíduos e grupos fazem de seu ambiente, pois é com base nelas que eles agem sobre o meio ambiente". (Diegues 1996: 63)

4.2 Gênero:

O conceito de gênero tem toda uma trajetória e, como geralmente ocorre com um conceito que está se construindo, assertivas a seu respeito vão se formando a partir de confluências e incongruências. Para chegarmos ao conceito de gênero devemos nos reportar aos estudos feministas. Esses estudos foram realizados a partir de reflexões e

questionamentos sobre o tempo e a história da invisibilidade da mulher e das insatisfações das teóricas feministas com as ciências marcadamente falocêntricas. Lago (1999) diz que nesses questionamentos, incluíam-se os saberes que excluía as mulheres ou as inferiorizavam, levando-as a repensarem as próprias teorias que tentavam explicar o mundo social e suas organizações, em busca de novos estudos e conceitos.

Como precursoras da perspectiva de gênero, estão as contribuições de Margaret Mead e Simone de Beauvoir. Mead (1988), antropóloga americana, questionava a essencialização do masculino e do feminino no Ocidente. Realizou estudos com três sociedades indígenas da Nova Guiné, os Arapesh, os Mundugumor e os Tchambuli, descrevendo, através de sua etnografia, a constituição dos papéis masculinos e femininos em cada tribo observada. Esse estudo foi importante para questionar o entendimento que se tinha de homem e de mulher como, seres universais e essencializados. Entre os Arapesh, o “normal” ou o ideal preconizado culturalmente, era que homens e mulheres fossem: amáveis, dóceis, cooperativos e não agressivos. Já os Mundugumor, ao contrário, idealizavam que homens e mulheres deveriam ser empreendedores e competitivos, sem docilidades ou amabilidades. Os Arapesh e Mundugumor não diferenciavam psicologicamente homens e mulheres, os ideais de comportamento e valores não estavam ligados às diferenças sexuais biológicas

Dentre os três grupos estudados, o dos Tchambulis foi o único que distinguiu socialmente os papéis masculinos e femininos, conforme ocorre em nossas culturas. No entanto, entre eles se esperava que os homens tivessem um comportamento mais passivo, fossem mais frágeis e dóceis, cabendo-lhes também a responsabilidade com o cuidado dos filhos. As mulheres eram tidas como mais dominadoras e empreendedoras, por isso mais hábeis para as transações comerciais. Desta forma, Mead contribui com o entendimento de que os papéis sexuais, assim como os sociais, são construídos culturalmente e não determinados biologicamente. Assim, falar em mulher ou homem como possuidores de uma essência universal determinada pelas diferenças biológicas, é algo infundado. Depois dos estudos de Mead, o conceito de papéis sexuais passou a ser usado largamente nos estudos referentes às mulheres e à condição feminina.

O Segundo Sexo, da existencialista Simone de Beauvoir (1980), trabalha essa construção social dos papéis sexuais, enfatizando que a mulher possui uma posição secundária nas sociedades ocidentais. Sua celebre frase, “*Não se nasce uma mulher.*”

Faz-se mulher”, escrita na década de 50, dava ênfase à construção social, histórica e cultural de feminilidades (e, conseqüentemente, masculinidades).

O conceito de papéis sexuais no entanto, apesar do avanço, não foi suficiente para dar conta de muitas questões suscitadas pelos estudos da condição feminina, que acompanharam os movimentos feministas da década de 60. Fry (1982) diz que esses movimentos caracterizavam-se pela luta das mulheres contra o machismo, o autoritarismo e contra sua condição subalterna. A bandeira de luta do movimento feminista era a igualdade entre os sexos, igualdade como um valor universal, uma vez que se entendia que a condição subalterna da mulher era, também, universal. Num momento posterior, surgiu o chamado feminismo das diferenças, em que a luta era pelo reconhecimento das diferenças que, por existirem, não deveriam ser usadas para justificar as discriminações em relação à mulher.

Mediante as limitações na utilização do conceito de papéis sexuais, chegou-se ao conceito de gênero, que permite pensar homens e mulheres como produtos de uma construção social e cultural, enfatizando o aspecto relacional em que se engendram historicamente, masculinidades e feminilidades.

A historiadora Joan Scott (1990) busca traçar a trajetória do conceito de gênero no decorrer dos tempos. Segundo a autora, as pesquisadoras tentaram inscrever a mulher na história através de analogias entre classe, raça e gênero. Essas tentativas implicariam na construção de uma nova história, ou a reinscrição da história, onde se valorizasse a experiência pessoal e subjetiva das mulheres nas atividades consideradas de cunho masculino. Porém, quando se fala de classe, a idéia está acompanhada de mudanças históricas e determinações econômicas, o mesmo não ocorrendo com os termos gênero e raça. Gênero, até então, estava implicando apenas nas relações de sexo.

Segundo a autora, a tentativa de mudar esse cenário levou estudiosos e feministas a analisarem gênero dentro de três perspectivas teóricas: as origens do patriarcado; a teoria marxista e a psicanálise. Na teoria do patriarcado, estudo feito por feministas radicais, o enfoque é dado à subordinação das mulheres, e para esta linha de pesquisa essa subordinação pode ser explicada pela “necessidade” que os homens sentem em dominar. Porém a autora afirma que essa abordagem não explicita as diversas formas de desigualdades. A análise permanece no plano das diferenças biológicas e físicas, não abordando as relações de assimetria e simetria que compõem as dinâmicas do dia-a-dia. As feministas marxistas apresentam estudos com bases

históricas e, segundo Scott, buscam explicar todas as desigualdades, inclusive as que permeiam as relações de gênero, pelas relações de produção. A teoria psicanalítica, por sua vez, traça um caminho do processo pelo qual se forma a identidade do sujeito, buscando a explicação para as diferenças.

Scott afirma que as teorias que abordaram a questão do gênero, até reavaliaram a questão do feminino, porém não superaram a oposição binária existente. Diz a autora *“Temos necessidade de uma rejeição do caráter fixo e permanente da oposição binária, de uma historicização e de uma desconstrução autêntica dos termos da diferença sexual”* (Scott, 1990: 13). Assim, há uma recusa da autora em aceitar as diferenças implícitas nas análises de feminino e masculino como oposição binária, e ela preconiza que os gêneros devem ser pensados em seus contextos específicos.

Desta maneira, Scott vai tratar a categoria gênero de forma relacional e a definição de gênero surge embasada em duas proposições: *“... o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder”* (Scott, 1990: 14). Assim, gênero é o que constitui as relações sociais, relações que, segundo a autora, construíram-se sob os pilares de quatro elementos:

“... os símbolos culturalmente disponíveis (...) os conceitos normativos que põem em evidência as interpretações do sentido dos símbolos (...) esse tipo de análise deve incluir uma noção de política bem como uma referência às instituições e à organização social (...) o quarto aspecto do gênero é a identidade subjetiva” (Scott, 1990: 14–15).

Nessas relações, gênero é um elemento cultural constituído e constituinte dos sujeitos. Muitos teóricas e teóricos já contribuíram e continuam contribuindo com estudos que procuram demonstrar como os elementos constituidores do gênero estão intrinsecamente relacionados com a cultura, o que torna inviável falar de Mulher ou Homem como essencializados e universais.

Grossi e Miguel (1995), analisando a trajetória do conceito de gênero nos estudos sobre mulher no Brasil, afirmam que muitos desses estudos limitaram-se a substituir o conceito de papéis sexuais, que acabou permitindo utilizações

naturalizantes, essencialistas, pela categoria gênero, sem dar conta do aspecto relacional que marca este conceito e sem dar ênfase à construção cultural de masculinidades e feminilidades.

Apesar de vir se configurando paulatinamente a tendência de se utilizar o conceito de gênero, nos estudos que tratam das questões referente à construção social de homens e mulheres, ainda hoje encontramos trabalhos que vinculam homens à cultura e ao mundo público e mulheres à natureza e ao mundo privado. Esses trabalhos ligam a mulher à natureza, por entenderem que sua função na reprodução biológica a destina naturalmente aos cuidados dos filhos, do doméstico, além de entenderem que, por gestar e nutrir as novas gerações, está capacitada e é responsável por cuidar da vida e da natureza.¹²

Como exemplo dessa visão naturalizante, podemos citar o ecofeminismo, corrente que partilha da concepção de que a mulher, pela sua condição de mãe, está mais apta a cuidar da vida e do meio ambiente.

4.3 Gênero e meio ambiente

A teoria de gênero é relativamente nova, datando do final deste século e a concepção de gênero dentro da abordagem da problemática ambiental, é mais recente ainda. Um estudo importante dentro dessa perspectiva é o trabalho de Shiva (1988), que analisa uma comunidade na Índia. Neste trabalho a autora dá visibilidade às mulheres e traz elementos históricos e culturais para a análise da questão ambiental na Índia. Shiva, entretanto, relaciona mulher e natureza (ecofeminismo) ambas geradoras de vida, considerando a mulher como aquela que está mais apta “naturalmente”, por seu papel na reprodução da vida da espécie, a cuidar da natureza, a qual por sua vez, também é subordinada ao poder masculino. Essa corrente de pensamento foi amplamente

¹² Para aprofundar essa questão, conferir Ortner (1979) e autoras que polemizam com ela, como Mac Cormack (1980) e Mathieu (1973).

divulgada no Brasil durante o evento da Eco/92, num estande conhecido como Planeta Fêmea, conseguindo o engajamento de muitos/as adeptos/as.

Esta abordagem é criticada por teóricas feministas como Agarwal (1992) que, a exemplo de Shiva, analisa uma comunidade da Índia. Na sua interpretação, porém, a explicação para as mulheres indianas se destacarem nas lutas em defesa da natureza, relaciona-se ao fato de serem elas a sofrerem mais de perto as conseqüências da devastação ambiental. Segundo a autora, como grande parte das comunidades ainda são coletoras, a devastação do ambiente natural interfere diretamente no cotidiano dessas mulheres, obrigando-as a dispenderem mais tempo para coletarem os alimentos e menos tempo para os afazeres domésticos. Assim como Agarwal, Sorg (1992) também contribui com essa visão, considerando que a participação da mulher nas lutas em prol da natureza se dá pela inserção da mulher no mundo público, e não pelo fato dela ser essencialmente ligada à natureza.

Hoje, uma nova discussão começa a surgir e nela se procura entender a problemática ambiental de forma mais ampla, percebendo que a solução dos problemas não está em apontar quem, homem ou mulher, tem capacidade para cuidar melhor do meio ambiente, pois se entende que as ações de homens e mulheres, de forma geral, estão afetando o planeta. Como diz Maier (1994), é necessário discutir as ações e os agentes, é necessário discutir quem são os produtores/as e os consumidores/as, para que não se veja uma questão tão ampla como é a questão ambiental, sobre uma única ótica.

Partindo do pressuposto que gênero se constrói historicamente em cada cultura e sociedade, esta pesquisa buscou compreender como as relações de gênero e as questões ambientais aparecem no cotidiano das comunidades estudadas, através da observação e dos relatos das experiências construídas e compartilhadas por homens e mulheres.

5. NA ANÁLISE DAS ENTREVISTAS E DO DIÁRIO DE CAMPO AS QUESTÕES DE TRABALHO, GÊNERO E MEIO AMBIENTE.

Neste texto apresentarei fragmentos das histórias de vida dos informantes dessa pesquisa, pessoas que viveram as transformações da localidade, que acompanharam as mudanças de perto e que elaboraram e reelaboraram seus modos de vida, não só em função da transformação do local em unidade de conservação, mas também em função da decadência da borracha e das exigências do mercado consumidor. Essas mudanças foram vivenciadas pela primeira e segunda geração, sendo que a terceira geração não experienciou esse processo, e hoje vive os resultados das mudanças de tal forma que, na maioria dos casos, os sujeitos são totalmente alheios aos acontecimentos do passado. O interesse aqui é mostrar as alternativas de subsistência, as questões de gênero e as representações de meio ambiente das três gerações pesquisadas, em duas localidades do PNJ.

As histórias de vida, principalmente da primeira geração, são depositárias da sabedoria popular que através do tempo e das palavras ganham forma e se verbalizam como queixas, advertências, moral, desesperanças, esperanças, busca de novas alternativas e, em muitos casos, apenas como espera da morte. Mas apesar das desesperanças e da espera da morte, ainda há aqueles/as que reúnem forças e, com um poder de Fênix, acreditam em dias melhores, se não para si, ao menos para os/as filhos/as.

Os atores aqui apresentados me ensinaram, durante esse período de convivência, que as pessoas demonstram ao falarem, como diria Paulo Freire (1994), que a *“leitura do mundo precede à da palavra”*, que o conhecimento extrapola os limites acadêmicos e propicia uma troca de informações entre diferentes tipos de discursos. Troca explícita e consciente na fala de informantes como dona Rita, que muitas vezes me dizia, *“nós sabe coisa diferente, mas nós sabe também, tu sabe dos livro nós sabe do mundo, do trabalho (...) assim a gente vai conversando”*, ou de seu Ilson, cansado das minhas perguntas, nas longas horas de conversa na varanda da casa da FVA, quando tomávamos café: *“a senhora pergunta demais”*, dava um sorriso e depois dizia: *“pergunte ... pergunte, o que eu sobé eu respondo”*.

Na apresentação dos sujeitos, estou consciente de minhas limitações, em primeiro lugar, pelo fato de ser este um material tão rico, cheio de expressões, pensamentos, curiosidades, etc., o que torna impossível uma análise mais completa de seus conteúdos. Neste sentido posso dizer que o método etnográfico, que por um lado nos propicia abrir um leque de informações, por outro lado restringe a possibilidade de analisá-las no tempo que nos é dado para compor uma dissertação, causando angústia de escolha ao pesquisador. Em segundo lugar, ao transcrever as falas dos sujeitos não se pode demonstrar os gestos, a entonação da voz, os sinais e as expressões, a riqueza da troca ocorrida no trabalho de campo entre pesquisador e informante. Mas, sabendo das limitações, farei um esforço para ser o mais fiel possível às transcrições das entrevistas, das conversas e das observações.

Ao desfilar nesse cenário, os informantes vão falar dos trabalhos que faziam e que fazem até os dias atuais, das suas relações com os patrões, de suas angústias e sofrimentos, de seus amores, de seus dissabores e de suas esperanças.

5.1 O trabalho:

“O trabalho da gente é da mata”

Como menciona esta epígrafe, o trabalho no Jaú, especialmente na comunidade de Seringalzinho, é realizado na mata. É nela que as populações encontram os produtos necessários à sua subsistência e com ela que estabelecem relações de dependência, culturais, geográficas, sociais e econômicas.

A interdependência entre o homem e o meio que o cerca, é apontada por Meggers (1977), ao estudar algumas tribos da região amazônica. Para a autora, os fatores ambientais e culturais se relacionam, formando um único sistema. Esta relação é interatuante, isto é, o sistema cultural de um povo se desenvolve de acordo com as condições que o ambiente em que ele está inserido lhe oferecem. Relação que, no entanto, pode ser modificada por influências culturais, históricas.

O trabalho nas comunidades estudadas está, de certa forma, ligado às condições do ambiente, porém não só em relação aos bens disponíveis, como identificou Meggers

no seu estudo, mas também com relação a fatores econômicos, pois cada comunidade produz de acordo com seu ambiente e com o mercado disponível, que foi se modificando no decorrer do tempo. Desta forma, podemos dizer que trabalho e meio ambiente são interrelacionados e engendram modos de vida.

Quando a primeira e a segunda gerações falam de seus trabalhos, observa-se que estes são divididos por eles em dois campos: a mata e o roçado. Na mata se pratica o extrativismo e no roçado, a agricultura. Os moradores da Comunidade de Seringalzinho buscam no extrativismo sua principal fonte de renda, ao passo que, na Comunidade de Tapiira, a renda advém principalmente da agricultura.

... o pessoal daqui vive uma vida tranqüila, como eu estava dizendo, o que era o emprego daqui do pessoal do Jaú era cortar seringa. Em Manaus pode arranjar outros emprego, na cidade, e no interior o **trabalho da gente é da mata**. Então é isso. [Com isso é que o pessoal sobrevive?] É, esse aí já arrumou emprego em Manaus. E nós aqui o nosso emprego é cortar seringa, tirar sorva, tirar balata, quebrar castanha né, então isso **era o nosso emprego** daqui do interior, fomos nascidos e criados aqui dentro né? [A senhora nasceu aqui mesmo?] Nasci aqui mermo, me criei aqui dentro e me casei ali naquele lugarzinho, onde o seu Ilson mora. [Quando começou a trabalhar?] Desde pequena, desde a idade de 11 anos eu ajudava meus pai. [Aprendeu com eles?] Aprendi com ele. [E os seus filhos?] Nós trabalhava tudo junto, encontrei com meu marido, meu marido cortô seringa, tirava sorva, balata, desde a idade de 11 anos porque foi criado com o padrasto, então desde a idade de 11 ano que ele começou a trabalhar no mato por conta dele. . . . [E hoje a senhora não tira mais cipó por quê?] Tô velha, já me cansei muito, já trabalhei muito, já trabalhei muito, ano passado ainda trabalhei. Achei meu caminho, era longe, longe, longe, carregando cipó. Esse ano eu reconheci, disse pros meu filho que não vou tirar cipó, para o ano, não vou tirar mais não, eu conheço que minhas força estão acabada né ... Trabalhei muito mermo. Quando era grande tudo ia pro mato. Cada qual trazia sua carga de cipó não tinha pra onde não. [Desde cedo a senhora já criou eles assim?] Desde cedo, meus filho home e tudo. O pai dele nunca brincô com eles não. Trabalhava mermo, esse Raimundo ainda era pequenote mas tinha que ir pra estrada com ele, tinha dia que ele tinha uma preguiça de se levantar de madrugada, só levantava debaixo de peia de balde (bater com galho de uma árvore chamada baldeiro). [E as meninas chegaram a cortá seringa também?] A

Raimunda e a Maria ainda cortaro seringa, agora essa outra não. [Não é mais da época delas?] Não. A Maria cortava mas era bem pouco, ela cuidava mais da casa. Agora essa Raimunda ela topô parada comigo e até hoje ela trabalha. Pegou trabalho de seringa, de sorva. Castanha não deu mais ... [Naquele tempo como é que a senhora se denominaria, trabalhava com que, a senhora era o que? Naquela época a senhora diria eu estou trabalhando em agricultura, ou eu sou extrativista, que vai tirar cipó, seringa, essas coisas assim. A senhora estava mais pra agricultura ou mais para ...] **Eu trabalhava no mato.** Nós tinha roça, nunca faltou roça pra nós. Mas a gente dava conta da roça da gente por aqui, a gente plantava, botava pra começo do mês de maio, roçava mês de maio, derrubava e quando era mês de agosto tocava fogo. Aí plantava tudinho e já tava cortando seringa. [Hoje a senhora trabalha com que?] Só pra minha roça maninha. É ainda o que está dando mermo.

Dona Rita, 56 anos. Seringalzinho

Quando nós entramo aqui o serviço era seringa, aí nós fomo trabalhando em seringa, aí meu pai morreu eu continuei sempre na seringa, aí acabou o negócio de seringa. ... aí inventaram essa arrumação de compra de cipó. Aí eu vim me embora de lá do alto, cheguei aqui o pessoal estava tirando cipó. [O trabalho de seringa o senhor aprendeu com quem?] Aprendi a trabalhar com seringa com meu pai, tenho até as facas aqui. [As facas de cortar seringa o senhor ainda tem?] Tem ainda, quando eu trabalhava com seringa tenho umas poucas delas, que eu comprava aí, eu era pequeno, o meu pai me ensinava como é que a gente riscava. [Agora o senhor está trabalhando com quê?] Quando eu estava bom da minha vista, eu trabalhava com cipó que nem os outros estão trabalhando agora, aí eu abandonei porque eu peguei esse baque aqui nos olhos. [O senhor trabalha com roça?] Eu só boto pra mim comer, agora quem tem família não, bota roçado pra comer e vender né. Mas eu não.

Seu Ilson, 54 anos. Seringalzinho

... nós trabalhava muito era em seringa, na época do verão era seringa e época do inverno era em sova, balata, cuquirana (*Chrysophyllum balata*), tudo isso eu sei trabalhar. ... eu só não sei ler, mais pode me dar um machado pra mim derrubar uma balata, cuquirana, eu sei como é que se tira, como é que se cozinha, a sova, a balata, tudo isso eu sei fazer. [A senhora aprendeu com

quem?] Com meus pai, meu pai me ensinou a ler, meu pai era um sabido no mundo só que nunca tive, parece que minha sina foi nunca aprender leitura, professora, nem cantar eu sei, se eu dissesse isso pra senhora dizia até que eu tô mentindo. ... agora o trabalho, que meu pai e minha mãe me ensinou, pra mim já me serviu bastante, que de tudo eu sei fazer graças a Deus. [E os seus filhos com a senhora tabalhavam em que?] Trabalha na sova, seringa. [Eles ainda trabalharam com seringa?] Pegaram sim senhora. [Trabalhavam com a senhora ?] Trabalhava comigo e o pai deles, só que eles já estava maiorzinho, trabalhava os dois irmão na mata, tirava sorva, cortava seringa, aí foi o tempo que o cipó começou dá dinheiro ai nós trabalhemo no cipó e até hoje nós consegue trabalhando no cipó. ... não vou negar não, faz tempo, mais foi várias vezes, era onde ele tinha dinheiro mais fácil, no cipó tudo era difícil principalmente no verão fica difícil, no inverno é difícil no verão fica mais difícil, tem cipó mais no garapé central. ... longe. Cansei de pescar, não nego não, pescava, meus filhos pescava pra arranjar dinheiro pra comprar algum mantimento, ... [Também aqui no cipó vai a senhora e os filhos?] É sim senhora, quando a gente vai tirar o cipó quando meus filho não estão estudando, os maior vão e os pequeno fica em casa. Eles ajuda para descascar, desfiar. Mas pro mato mermo só vão os mais graúdo.

Dona Joelina, 48 anos. Seringalzinho

... cortava seringa e depois fazia roça pra comer, aí foi depois que a borracha não deu mais dinheiro, sorva não deu mais dinheiro, castanha também que na época era, e aí eu fiquei na roça aí continuei trabalhando 30 e tantos anos na roça ... Trabalhando assim só parado, por aí que eu rodava, assim então foi isso.

Seu Tarcísio, 52.anos. Tapiíra

Primeiro nós começamo a trabalhar com seringa, quando nós viemos de Manacapuru, nós trabalhemo lá, na juta, sorva e cuquirana, meu pai trabalhou muito, eu fui lá quando eu era pequeno, mais depois que eu já podia andar no mato, aí vim embora com o papai pro mato. [O senhor aprendeu a trabalhar nisso andando com seu pai?] Foi, ai nós saímos de lá, eu fui pro alto trabalhar em sorva, também balata. [E hoje, só plantam roça ou vocês plantam outras coisas?] Plantam milho, só não arroz. Banana, cana, milho, feijão só uns

pezinho, só mermo [Mas pra venda mesmo só o quê?] Só a banana e a farinha. [Só a banana e a farinha tá dando pra sobreviver, com a banana e a farinha?] Não dá bem não, mas dá pra disfaçar, aos tronco e barranco, mais vai. [Os filhos ajudam no trabalho da roça?] Os filhos tudo me ajudam, só não o pequenino.

Seu Assis, 42 anos. Tapiíra

[Quando tu moravas com teus pais vocês trabalhavam com que?] Era mariscando (pescar), meu padrasto não tinha roça. Pescando, por ai mariscando, até farinha nós não tinha pra comer. [Mas vendiam o peixe?] Vendia, assim, pirarucu, cabiçudo o que pescava. [Vocês tiravam seringa?] Cortava, cortava seringa, sova, nós cortava com ele, naquele tempo dava né, pois nós fazia sova seringa. [Depois de casada qual foi o teu trabalho?] Nós fomo aí pra cima pra esse alto Unini, trabalhemo com seringa mermo, fazia roça, cortava seringa. [Só começou a trabalhar na roça depois que casou?] Nada, nós trabalhava com a mamãe, quando nós fiquemo tudo grande já moça, a mamãe começou a fazer roça. [Quando era criança como conseguiam a farinha?] Comprava, quando era do tamanho dessa ai (referindo-se à filha de uns 10 anos), mas não fazia roça não, quando ficamo tudo grande que ele fez roça. [E agora qual é o trabalho?] É a farinha, o nosso produto aqui é só a farinha. Nós não trabalha em outro produto, cipó assim.

Eliete, 44 anos. Tapiíra

[Os trabalhos que você fazia desde pequeno?] Cortava seringa desde da idade de 12 anos eu acho, aí depois eu vim pra cá pro Unini e começamos a trabalhar em roça. [Antes onde vocês moravam quando cortavam seringa?] Antes nós morava pra li mermo, cortava seringa lá pro garapé. [Quanto tempo ficava cortando seringa no Igarapé?] Ficava de semana pra lá, sábado a gente vinha embora pra cá. E voltava domingo. [Depois passaram a trabalhar com que?] Roça. [Porque?] Por que era melhor a gente não tinha que tá pra igarapé passando dificuldade, às vezes não tinha nem açúcar nem café pra lá, aqui na beira do rio é melhor.

Mário Lúcio (Nego), 25 anos. Tapiíra.

Aí eu já fui me entender assim, eu cortava seringa com ele (pai), cortava sorva, quebrava castanha, pra mim era melhor do que o cipó, aí foi quando.. [Hoje a questão da castanha da sorva não dá mais dinheiro?] Dá não, ninguém compra mais não. Alguma castanha que dá a gente quebra só pra despesa de casa pra temperar um beiju pra comer, pra vender não dá mais [Vocês fazem farinha pra vender também?] Nós não fazemo mais, um pouco, nós paramo de fazer farinha, nós não temo vendido, a primeira vez que nós tamo fazendo esse produto pra vender que cipó nós tamo esperando ele pra vender, nós tamo com necessidade de mantimento pra casa, nós precisa de vender [Vocês estão tirando cipó agora e antes vocês estavam vivendo de que?] Desde quando nós viemos pra cá que trabalha nesse serviço de cipó.

Raimunda, 32 anos. Seringalzinho.

Num primeiro momento, quando os informantes falam de seus trabalhos tradicionais, do tempo que moravam com os pais, ou de um período quando eram mais jovens, a produção centrava-se no extrativismo. Essa época a que se referem os informantes é a época da extração do látex na região pois, como é sabido, a Amazônia já viveu o período áureo da borracha, época em que o sustentáculo econômico estava na extração do látex, período marcado pela dependência do extrativista em relação ao patrão (geralmente os donos dos seringais), dependência que muitos autores caracterizam como uma escravidão¹³. O ciclo da borracha na região Amazônica alcançou seu auge, nunca mais igualado, entre 1870 e 1912, depois desse período veio uma longa crise, gradativa, entre 1913 e 1943. Durante a Segunda Guerra Mundial houve um novo reflorescimento e com isso se criou leis protetoras e financiamentos estatais, mas em 1990 foi submetida ao mercado livre o que provocou sua queda decisiva. Hoje algumas Reservas Extrativistas recebem incentivos para trabalhar com a borracha (Wolff 1999, Almeida, 1994, Weinstein 1993). O estudo de Chaves aponta várias causas para esse declínio:

¹³ Mais informações ver: Chaves, M. P. R. De “Cativo a Liberto”: o processo de constituição sócio-histórica do seringueiro no Amazonas. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Paraíba - campos II Campina Grande. 1994; Teixeira, C. C. Visões da natureza, seringueiros e colonos em Rondônia. São Paulo. EDUC. 1999. e Wienstein. B. (1993) A borracha na Amazônia: Expansão e decadência (1850 – 1920). Hucitec – Edusp.

O abandono da produção da borracha se deu pela conjunção de uma série de fatores, entre eles a ampliação da produção da borracha em outros contextos, a contínua substituição da borracha natural pela sintética, o processo de produção - resultando no alto custo da produção, sem que houvesse o mínimo de investimento em infra-estrutura e tecnologia apropriada - e a persistência da pesada cadeia de aviamento". (Chaves 1994: 105).

Em função dessa decadência, os produtores buscaram outras alternativas e mesmo os que continuaram a praticar o extrativismo, tiveram que buscar outros produtos. Assim, reelaboraram seus modos de vida.

A roça era uma atividade praticada apenas para a subsistência, ou melhor era uma atividade secundária que, com a crise da borracha, passa a ser o trabalho principal (principalmente na fala dos moradores de Tapiira). O cipó, outro produto da mata, ganha o mercado consumidor, levando os moradores/as (especialmente os da comunidade de Seringalzinho) à procura de outro produto de extração. Inúmeras foram as estratégias que os seringueiros paulatinamente encontraram para atenuar as conseqüências sofridas pela decadência do látex. Trabalhos consultados, como os de Chaves e Teixeira (1999), mostram que, dependendo da localidade, os seringueiros encontraram formas diversificadas na reelaboração de novas técnicas econômicas.

Kautsky (1972), em seu estudo sobre a transformação do campesinato na Alemanha, analisa o modo como os camponeses vão aos poucos mudando suas formas de trabalho em função da industrialização do país. Neste estudo, o autor fala da forma como os trabalhos secundários, que concebe como trabalhos acessórios, passaram a ser a principal atividade dos camponeses. O trabalho acessório se caracteriza como a atividade que ajuda, a princípio, a manter a condição de camponês, mas o autor esclarece que a transformação do campesinato começa a ocorrer quando se rompe o equilíbrio entre o trabalho acessório e a atividade agrícola, levando o camponês a abandonar o último em função do primeiro. Neste sentido a pesquisa de Lago (1983), realizada com uma comunidade de camponeses em Florianópolis/SC é ilustrativa. A comunidade investigada sofreu um processo de urbanização, os moradores perderam os espaços onde plantavam as lavouras para o comércio imobiliário, assim transformaram a pesca, uma atividade desenvolvida mais para a subsistência do grupo (trabalho acessório), em atividade principal, passando de lavradores a pescadores. O trabalho

acessório condiz com o trabalho que a família realiza para a subsistência, mas as transformações tornam o produtor cada vez mais dependente dele, esse trabalho passa a requerer mais empenho que a atividade principal e com o tempo passa a se constituir na principal fonte de subsistência da família.

Utilizando essa categoria de trabalho acessório como Kautsky propôs, diria que o extrativismo do látex, com relação à primeira geração, era a principal fonte de renda, sendo o trabalho na roça o complemento, o acessório, com a produção voltada para o consumo.

Outro apontamento que Kaustsky faz sobre o trabalho acessório é que este propicia ganho monetário, auxiliando o/a trabalhador/a a manter suas necessidades extras, possibilitando compra do que ele não produz. Com relação a essas atividades, Chaves também tece algumas considerações,

... observa-se a contínua, embora lenta, substituição da atividade extrativista da borracha por atividades que caracterizam a produção do ribeirão - a pesca, a caça, o roçado. Todas estas atividades, eram desenvolvidas pelos seringueiros como suplementares à produção, ou no inverno, após o término de um fabrico e início de outro - período que não era possível extrair o látex. Entretanto as atividades de caça, pesca e roçado deixaram de ser atividades secundárias para serem principais. (Chaves, 1994: 109),

Essas mudanças foram vivenciadas lentamente, até a década de 80 algumas pessoas ainda trabalhavam com a extração do látex, apesar da crise ter se iniciado muito anteriormente. Conforme a borracha ia sendo desvalorizada as pessoas buscavam novas alternativas, mas estas alternativas surgiam em consonância com o mercado consumidor. Perguntei a Celeste, moradora do Seringalzinho, como surgiu a idéia de tirar cipó, e ela me respondeu: “foi o regatão mermo que disse pra gente, ai começemo com o cipó”. Se foi um comerciante que despertou essa idéia é porque o mercado estava aberto a esse produto.

Outras atividades desenvolvidas pelos moradores foram a pesca e a caça para a comercialização. Segundo Diegues (1992), essa comercialização do peixe na região norte também veio suprir uma necessidade de mercado, em função da urbanização dos grandes centros, como Manaus, que resultou em grande aumento no consumo do

pescado, levando muito ribeirinho a deter-se nesta atividade. Nos relatos dos moradores, pude observar que eles não falam da pesca como uma atividade comercial, com exceção de dona Joelina que confessa que já pescou para comercializar, mas que depois de aconselhada por um fiscal do Ibama deixou de praticar a atividade.

A pesca praticada pelos moradores ainda se dá de forma artesanal, onde os principais instrumentos usados são: arco e flecha, arpão, zagaia, anzol etc., técnicas antigas que os indígenas já usavam, e que não permitem a captura de muitos peixes de uma única vez (Meggers, 1977). Nos últimos 20 anos foram introduzidas novas técnicas, como as redes de fibras sintéticas. Com surgimento das geleiras comerciais e industriais, os pescadores começaram a trabalhar para outros padrões, os geleiros, que mantiveram a exploração praticada pelo aviador, ou na maioria das vezes, já trazem consigo pescadores, que chegam só para pegar o peixe. (Moreira, 1992). Essa transformação no sistema pesqueiro, que aumentou significativamente nos últimos anos, tem gerado conflitos entre pescadores tradicionais e geleiros, sejam estes industriais ou comerciais (Petrere, 1992). No Jaú, esses conflitos são narrados pelos próprios moradores, que vêem nessa super exploração o comprometimento da piscosidade dos rios e se organizam em grupos para expulsarem os geleiros.

Essa redefinição das atividades é que vem garantindo a sobrevivência dos habitantes do parque os quais encontraram junto à terra, à mata e aos rios os produtos necessários para continuarem a labuta.

Num processo lento mas contínuo, as pessoas viram suas vidas sendo transformadas, era a borracha que não dava mais dinheiro, era o mercado consumidor pedindo novos gêneros, como o peixe, cipó, etc. Era a vida se transformando. Toda mudança requer um período de adaptação e, para tal, as pessoas que a vivem precisam encontrar explicações que acomodem os novos conhecimentos, e assim fizeram os/as moradores/as, elaborando as mais diversas explicações para os acontecimentos. Para a falência do látex encontrei três distintas versões,

... o pessoal colocava muita porcaria, botava, esse negocio de poira (impurezas), de barro na borracha, na sova, ai começou a fazer porcaria ai o pessoal deixou de comprar. Muito fazia produto porco.

Eliete, 44 anos. Tapiira.

[Por que deixaram de trabalhar com seringa?] Por que acabô, não quiseram mais comprar, fechou as exportação, ai pronto!

Dona Zezé, 54 anos. Tapiira.

Aí eles [IBAMA] empataram e aí não teve mais corte de seringa e corte de sorva. [Antes de transformar em parque vocês ainda cortavam seringa?] Cortava! Cortava. Aí acabou com tudo, né. Ficou pouco e ficou essa migalhinha de dinheiro. E graças a Deus que tem esse cipó, que é o trabalho mais sacrificoso que tem.

Dona Rita, 56 anos, Seringalzinho.

Alguns atribuem a decadência da borracha ao fato dos próprios extrativistas misturarem impurezas ao produto, questão que aparece nas falas de vários informantes e que informa sobre más práticas para obter uma maior quantidade no peso do produto. Outra interpretação refere-se à crise pela qual passava a extração do látex. Numa terceira interpretação, dona Rita acusa o IBAMA de ser o responsável pela decadência. Mas, independente de estar certa ou errada, cada justificativa é uma forma de explicar a dificuldade e, a partir daí, continuar a buscar a subsistência.

Na fala dos habitantes do PNJ, percebemos que os trabalhos são desenvolvidos com base na mão de obra familiar, quando informam que toda a família vai para o roçado ou para a mata, ficando em casa só os menores, os que ainda não podem desenvolver as atividades do grupo. A mão de obra familiar é uma das características marcantes do sistema extrativista brasileiro e da agricultura de pequeno porte no geral. Muitas pesquisas como as já referidas neste texto demonstram isso. Segundo Chaves (op. cit), os seringueiros buscavam diversas alternativas para diminuir a dependência em relação ao aviador, entre elas o desdobramento em horas a mais de serviço e a requisição do trabalho da mulher e dos filhos. Esse desdobro no trabalho e a participação da mão de obra familiar se dava porque os seringueiros queriam ter saldo. O bom seringueiro, o trabalhador, o honesto, era aquele que conseguia saldar as dívidas junto ao patrão e, que não ficava devendo no final da produção. Os seringueiros que não conseguiam saldar suas dívidas eram tidos como preguiçosos, maus pagadores e eram privados dos gêneros básicos para a alimentação, ... *só tinha patrão bom quem trabalhava bem. Quem entregava bastante seringa, aí tinha patrão bom (...) aí não falta*

patrão bom, (seu Ilson). Hoje, se não requisitar a mão de obra familiar, o produtor não conseguirá manter as despesas da família. É como diz seu Tarcísio “... *se não for todo mundo trabalhando, não dá*”

A terceira geração não viveu esse período de transformação, mas participa ativamente dos serviços que os pais desenvolvem atualmente. Reservam o devido tempo ao estudo, mas o restante do tempo está dividido entre as brincadeiras e os trabalhos, sejam eles nas casas, nos roçados, ou nas matas. Quando não, fazem um misto entre trabalho e brincadeira, pegar água no rio para abastecer a casa, não significa apenas um trabalho, mas é também a oportunidade de dar um mergulho, de encontrar com outras crianças que estão fazendo o mesmo serviço e, entre uma subida e outra brincar um pouquinho Franco (1997), diz que eles sempre dão um jeito de transformar o trabalho em diversão e lazer.

[E o que você faz na sua casa Alciete?] Eu trabalho. [Em que Alciete?]
Eu lavo vasilha, lavo ropa, trabalho de cipó, peço, brinco. [... você vai buscar cipó?] Não, minha mãe que vai buscar e meu pai [E ai o que é que você faz no cipó; no seu trabalho?] Eu descasco e amarro. [Você pesca? Pega peixe quando vai pescar?] Pego. [Pega ! Gosta de pescar?] Gosto. [Qual o trabalho que mais tu gosta de fazer?] É de pescar.

Alciete, 12 anos. Seringalzinho.

[E o seu desenho, mostra o que você fez.] Minha casa, minha escola, aqui fiz eu torrando farinha. [Torrando farinha? Você torra farinha.] Torro. [O que Mais?] Minha roça, eu pescando e aqui no mato com meus cachorro. [Quando é que você torra farinha, como aqui você torrando farinha o que você faz primeiro? você primeiro vai na roça, primeiro torra farinha, como é que é?] Primeiro vou na roça, arranco, carrego, descasco e ralo, depois torro a farinha. [Quando é que você pesca?] Às vezes quando não tem comida em casa eu vou pescar, quando eu não vou pescar, eu vou pro mato. [O que é que você pega no mato?] Paca, ou alguns animais que o meus cachorros conseguem ver [Ai você pega e traz pra casa?] É pra cuidar pra gente comer. [Tu gosta de trabalhar na roça?] Gosto. [Gosta de caçar?] Gosto.

Lindomar (Lindo), 14 anos. Seringalzinho.

[O que você desenhou?] Desenhei eu aqui na roça capinando, aqui eu tô jogando bola e aqui eu tô escovando o meu dente, aqui eu tô na escola e aqui eu tô lavando vasilha, aqui eu tô dormindo na rede e aqui eu tô passeando. [Na roça o que você faz?] Eu capino, eu planto mandioca, eu planto abacaxi. [Dos trabalhos que você está fazendo, qual o que você mais gosta de fazer?] Gosto de lavar vasilha.

Marilda, 13 anos. Tapiíra.

[O que você desenhou?] Uma árvore. [E aqui.] O sol. [E aqui?] Eu e o Denilson. [O que vocês estão fazendo?] Brincando. [E aqui o que é?] Eu tô jogando bola. [E aqui?] É árvore. [Onde tem as árvores?] Lá em casa. [O que você faz em casa?] Eu varro. [O que mais? Tem uma coisa que eu já vi você fazendo?] Ah! a vasilha [E o que mais?] Lavo a escada.

Valder Jr., 5 anos. Tapiíra.

Em um outro momento que ficou registrado no diário de campo, pude observar o Valder Jr., apesar de sua pouca idade, realizar as tarefas domésticas e, além disso, zelar para que elas não fossem desmanchadas muito cedo, o que obrigaria a realizá-las de novo. Vamos ao episódio:

Sai para dar uma volta na comunidade, Rosa estava lavando roupa, os filhos e o marido tomam conta da casa, depois de conversar um pouco com as pessoas retorno, de longe vejo o empenho dos meninos cuidando dos afazeres domésticos, ao me aproximar da escada que dá acesso à cozinha, Valder Jr. grita meu nome e pede que eu pare, diz: *espera aí Jasy, não sobe*. Parei no pé da escada como ele havia ordenado e perguntei porque não podia subir, ele respondeu: *acabei de limpar a escada, tu tá com o pé sujo vai sujá tudo de novo, vai lá no rio e lava o pé pra subir, a casa também tá limpa*. É claro que eu obedeci ao Valder Jr.

Diário de campo. 22/06/99

Nos seus pequenos serviços, a terceira geração vai contribuindo tanto na extração do cipó, quanto nos trabalhos agrícolas. Como se vê, o trabalho de toda a

família é necessário, pois a dependência do patrão continua a existir e para ter saldo é preciso ter produção, seja ela de cipó, de farinha ou de banana. Lago (1983:69) diz que o fato do camponês não dispor de mão de obra assalariada, impede-o de prescindir do trabalho da mulher e dos filhos menores, razão pela qual “*as crianças começam a trabalhar tão cedo*”. No Jaú não é diferente, muito cedo as crianças já estão inseridas nas atividades familiares.

Os trabalhos de antes e os trabalhos de agora, realizados pelas populações das duas comunidades estudadas, só modificaram em termos dos produtos que plantam ou extraem das matas e dos rios: as dificuldades permanecem as mesmas, a mão de obra familiar ainda é imprescindível, a exploração metamorfoseou-se, mas continua se mantendo como nos velhos tempos dos seringais.

5.2 As relações de gênero:

As relações de gênero nas comunidades de Tapiíra e Seringalzinho, de um modo geral, são baseadas na hierarquia, na assimetria de papéis masculinos e femininos, até mesmo com relação às gerações mais recentes. Algumas histórias, no entanto, chamam a atenção e permitem discutir a complexidade dessas relações. Dois trabalhos despertaram o interesse para a análise da história que me foi relatada por seu Ilson. Foram eles o livro de Cristina Wolff (1999), pesquisa realizada no Alto Juruá/AC entre os anos de 1870 a 1945, em que a autora busca dar visibilidade às mulheres da floresta, cuja participação na história dos seringais muitas vezes foi esquecida, tornando-as invisíveis no contexto dos acontecimentos. O outro é a pesquisa de Wortmann (1996), também realizada nos seringais acreanos, na qual a autora analisa as transformações ocorridas nos seringais sobre a ótica dos estudos de gênero. Ambas relatam o período da borracha na região amazônica, do seu apogeu à decadência. Dentre os muitos pontos abordados pelas autoras, dois servem para paralelo com o relato de seu Ilson. Já vimos quais as características de um bom seringueiro. As autoras citadas também trabalham essa questão, relatando que, no Acre, na hora de aviar-se junto ao patrão, o “bom” seringueiro poderia incluir na sua lista de encomendas, se fosse solteiro, uma mulher,

que o outro traria dos centros urbanos. Para Woortmann, essa negociação foi uma das estratégias que os aviadores encontraram para manter os seringueiros na terra durante o período de crise intensa da borracha. Ao conseguir uma companheira, o seringueiro aumentava suas dívidas, uma vez que as despesas corriam todas por sua conta, o que o tornava mais dependente. Além disso, a formação de uma família dificultava a saída desse trabalhador dos seringais do patrão.

"... as mulheres 'livres' figuravam nas listas de mercadorias de seringais, como parte dos pedidos feitos a Manaus e a Belém. ... Só aqueles com bom saldo podiam gozar do 'privilégio' junto ao patrão 'generoso'. (Woortmann, 1996:17).

Seu Ilson contou-me uma história com elementos semelhantes aos descritos pelas autoras, só que o acontecimento narrado por ele não nos remete há tantas décadas atrás, como as pesquisas de Wolff e Wortmann. Pelo relato do informante, que hoje tem 54 anos e na época dizia ter 35 anos, o fato ocorreu no máximo há duas décadas atrás. Mas deixarei que seu Ilson relate:

[O senhor casou alguma vez?] Não senhora, eu me amiguei umas quatro vez já. [Tem filhos?] Ainda não, me parece que eu tenho uma com uma camarada mas ela não me disse que é minha e nem conversou comigo nem nada. Mas eu noto que é de nós dois. [Seu Ilson, me conte aquela história da Deuza que a sua irmã trouxe, como é aquela que senhor me contou naquele dia, no barco]. A Latifê trouxe ela pra cá como cozinheira dela pra ajudar ela a bordo [Pra vim morar aqui? Pra vim morar aqui no ...] Não pra andar com ela a bordo mermo. [A dona Latifê trabalhava com que?] O marido dela trabalhava com seringa aqui com a gente [Mas ele comprava seringa?] Ele comprava dos otro. [Ele era patrão?] Era, ele trazia mercadoria de lá de Manaus, trabalhava com duas, três pessoa, os filhos era os freguês dele eu também fui freguês dela, dessa minha irmã. Eles tinham um quatorzinho, um motor, eles compraram três casas em Novo Airão e um terreno aí deu como bātêlão tudo. Aí o cara entregou as casa pra ele. Aí ela chegou lá em Manaus se topou com uma menina nova ela tinha de 13 ou 14 anos, ela vinha andando na rua aí ela disse: “Titia da onde a senhora é?” ela disse: “Menina eu sou lá do interior do rio Jaú, amanhã eu vou subir pra lá, porque tu pergunta?” ela respondeu: “– Porque eu queria ir com a senhora”.

[Elas se conheciam?] Não senhora, ninguém se conhecia mas agora ela chamou ela de tia. “Tia eu quero ir com a senhora”. Ela disse (a irmã) “E então vumbora, pode até ser que por lá tu arrume um casamento”. Ela era raparigazinha (prostituta) aí da beirada. Aí ela foi e disse: “Eu vou”. E a Latife disse: “Mas amanhã eu vou mim bora”. Quando foi no outro dia ela se encontrou com ela, a Latife já vinha descendo pra bordo já vinha embora e se topou com ela. “Oi titia a senhora nunca mais foi quando é que a senhora vai? (Deuza)”. “Eu já vou descendo pra bordo” (Latife). - aí ela disse: “Ah!, titia eu queria ir”. “Mas tu não tá com nada menina, vai buscar o que é teu” (Latife). Aí ela disse: “Daqui lá tá muito longe, as minha coisas fica por lá mermo”. Sabia lá se ela tinha mermo ou não, aí ela veio embora só com a roupa do corpo. ... Aí eu fui sair do centro, saí do centro aí, aí eu vi aquela menina com ela, eu perguntei ela me contou. Aí eu perguntei dela, ela tava fazendo até um café, eu falei: “Menina tu é solteira?”. “Eu sou”. “Tu não tem pai?” “Eu tenho parente, mas é tão longe onde eles mora” : “Diga aonde que eles mora?” “Eles mora em Parintins”. “Digo virgem!, eu já passei lá por perto de Parintins uma vez, e tu não tem amparo?” “Não senhor”. “E tu não quer se amigar comigo, se ajuntar?” .Ela disse “Eu quero”. E aí nós ficemo assim né, ela disse: “Fale com a titia”, era tia dela mermo que depois elas passaro foguera mermo. Eu disse: “Eu não, já falei contigo, agora tu dá o jeito de falar pra ela”. “Mas como eu vou falar?” “Tu diz que eu quero me amigar contigo, que aí ela te explica melhor”. “Então tá”. Passou-se, era nesse mês das fogueira né (mês de junho é o mês das fogueira), e haja de passar foguera pra lá aí ela foi, aí o meu cunhado (seu Beré), todo saído, veio dizer: “Essa otra foguera nós vamo pegar em Manaus, a derradeira” (derradeira fogueira, 29 de junho dia de são Pedro). Aí ela disse: “se Deus quiser”. Aí eu entrei com ela. “Tu não é mulher de palavra não, porque tu num disse que ia se amigar comigo, e eu não vou pra Manaus agora”. Aí que o Beré foi saber. “E é?”. “Foi, ela disse que ia se amigar comigo”. “Rapaz, ela já tinha me comunicado isso mermo, mas tem uma coisa pra ti ficar com ela eu quero que tu me vendesse o teu produto” (Beré). Eu trabalhava com o Maurição. Eu digo “Não que o homem tá pra chegar, e não me encontra com o produto, eu não quero te vender o meu produto porque o Maurício tá pra chegar, ele me pega sem o produto”. “Mas tu fica com uma companheira, não sei o que, fica com uma companhei e tal. A minha borracha falta quarenta e dois quilo pra mim interar mil quilos de borracha pra levar pro meu patrão lá em Manaus” (Beré). Aí eu disse: “Então eu te vendo”. Aí a menina disse: “Se você entregar a borracha eu vou pro centro com o senhor”. Aí eu fui lá dentro trouxe a borracha

e o Beré disse: “Se tu passar mais de dois dias quando tu chegar tu não me encontra mais”. Eu ainda não tinha pego amizade nela, nem nada, eu digo se quando eu chegar lá se tiver, bem, se não tiver não estou nem aí. Eu passei dos dia da data, fui sair já no dia da data, foi um estirão, aonde estava o motor dele, aí enxerguei o motor, ainda estão aí, aí cheguei, ela viu a borracha, (Latife) naquele tempo já era limpo imprensado na caixa em bloco que a gente fazia, facilitava mais o serviço, já ninguém defumava. “Aí eu digo Latifi a borracha tá aí pode pesar”. O marido dela tava caçando aí eu pesei, deu 42 quilos. Ela disse: “Agora essa menina está desprevenida, nem roupa tem, não tem nada, o que tu quer que faça desse dinheiro da borracha”. “Rapaz, tu traz alguma coisa pra ela, roupa, sapato, calçado, se sobrar alguma coisa tu me traz o resto”. “Tá bom”, aí ela baixou. Aí nós ficamos uns tempos. Ela estava pra Manaus, quando subiu nós já tava desamigado. [Por quê?] Besteira dela, eu não agüentei o abuso dela, queria passear e outra né você sabe como é, tinha outro rapaz que tava mais gostando dela, mas eu já estava na frente dele. Aí disseram que ela gostava dele e de mim e naquilo nós tava aquele tempo eu era mais novo, naquele tempo eu era muito mais novo ainda. [O senhor tinha quantos anos?] Naquele tempo eu tinha 35 anos. [Que época foi essa, o senhor lembra? Qual ano?] Não senhora não me lembro não. [E ela tinha quantos anos?] Ela tinha, 13 anos, tinha 15, não tinha 16 anos, 16 anos, aí nós saímos pra fora pra comprar o rancho, o patrão chegou, eu nada tinha aí eu contei como era que eu tinha decidido dá minha borracha pra minha irmã e tal pra ficar com mulher e tal, perguntei se ele ainda me vendia alguma coisa. Ele disse que vendia por isso não há dúvida, não sei o que. Então tá bom, então eu vou lá pegar a minha aviação, nos entramos lá pra se aviar e aí nós chegamos lá, a dita cunhada desse camarada que tá com ela, desincabiciou ela pro cunhado dela. Aí chamou ela, “Baixinha vambora ali no mato”. Aí ela disse: “Vamo”. Aí ela disse “Seu Ilson me arrume a sua lanterna”. Peguei arrumei aí saí as duas pra lá. Eu tinha dito pra ela mermo “Baixinha, no dia que tu não quiser mais conviver comigo tu me avisa, melhor do que fazer certas coisas aí porque tu se dá mal”. Aí ela ficou com aquilo no juízo, ela disse “Ah, não eu vou viver a vida toda contigo, não sei o que mais lá”, Bom aí nós saímos pra fora, tudo legal mermo, mas foi a outra que desincabiciou. Ela era bem nova, não tinha bem juízo né, nem bem pensar. Aí quando elas vieram do mato, ela veio já estava começando a me aviar. “Baixinha quando eu acabar de me aviar tu vem aqui”. Ela disse tá. Aí ela foi e disse: “Ilson eu vou te dizer uma coisa”. “O quê?”. “Eu não quero mais conviver contigo”. “Rapaz que conversa é essa, nós viemos tão bem de lá pra cá, chegamos aqui e tu sai com

uma conversa dessa, depois que tu viesse d' acolá?". Aí eu fiquei cismado que foi a outra que desincabiciou ela, pra me largar, pra ficar com o cunhado dela. Eu digo "Tá bom, agora tem uma coisa, nesse motor tu não vai". Aí ela foi lá pedir passagem pra ir embora, aí eu disse "O senhor não vai dar passagem pra ela porque eu não tirei ela de dentro do seu motor". [O senhor falou pra quem?] Pro meu patrão.[Quem era o seu patrão?] Era o Maurício, aí ele disse "Não eu não dou passagem não, eu não dou passagem não seu Ilson", ela não quer conviver comigo a minha irmã quando chegar eu vou entregar ela pra ela, tá aqui a menina que não quer mais viver comigo, aí você, deixe em Manaus, faz ela se amigar com quem ela quiser mais aqui ela não vai". Ela se aquietou aí me aviei, me despachei, chamei ela, ela veio. "Repara aí vê se tá boa a aviação se não falta alguma coisa, aí ela olhou e disse; "Tá bom". Aí ela disse "Vai atar a rede pra mim". E eu digo "Nós devemos ir embora tem muita casa aí, aqui e acolá tem uma casa onde deixa a gente dormir". Isso era de noite. Ela disse "Nada, vamos dormir, cinco horas quando nós pegar aviação a gente vai embora". Mas nós fumo dormir lá pra terra aí o seu Maurício disse "Pega uma lona que a mercadoria tá na proa do motor". Joguei a lona, cobri e ele disse "Cinco horas eu vou sair, o senhor vem pegar a sua mercadoria". Eu disse: "- Tá". Aí fui dormir quando foi 5h, cinco e meia o motor estava batendo pó, pó, pó, aí eu saí da rede ela estava deitada de baxo ela forrou e se deitou de baxo, aí eu pensando que ela estava lá em terra. E eu fui tirar a mercadoria de bordo pra terra. Que quando eu tirei a derradeira mercadoria, o povo já vinha entrando, uma porção deles. Aí nisso ela entrou junto com os outros e eu não vi. Pra mim eu pensava que ela estava em terra. Eu disse "Já, seu Maurício, por mim já está desocupado". Aí ele pegou empurrou o motor pra fora e pediu força, no que o motor vai lá fora já, eu não podia cair n'água porque já ia no meio, aí ela meteu a cara no portolão "Vamo embora Ilson, lá pra cima passear". "Rapaz, eu não vim passear, eu vim comprar mercadoria, (risos), só tu mermo Baixinha, tu não presta não, vai dar o teu passeio, eu vou entrar pro centro". Aí foi quando eu peguei minha mercadoria, embarquei, mais atrás vinha outro motor que dava pra ter subido em outro e eu digo mas não vou não. Aí comprei mei quilo de bolacha no outro motor, que o Maurício não levava, aí fiz meu cafezinho, tomei e fui embora pro centro. [Então o senhor foi só?] Fui só. [E ela foi embora?] Ela foi embora. De rapaz solteiro só ia um, o resto tudo era casado. Eu digo, agora ela vai se agarrar com esse que tá soltero, que era freguês do Maurício também, [Era o Dico?]. Não era outro, por nome Tatá, era o único que ela podia se agarrar, porque o Maurício não vai dá de comer a ela todo tempo ai a bordo, ele

tem a mulher dele. ... Aí chegou lá, ela inventou de apanhar um patauá lá na casa do outro (Dico atual marido da Deuza) “ah amanhã é Sábado, vumbora hoje, domingo nós volta”, eu vou trabalhar pra lá todo sábado eu tava lá na casa do irmão dele, aí o outro caiu nessa besteira, foi. Aí quando chegou lá ele foi ajudar o outro abrir uma estrada no sábado, era sábado, ela ficou em casa, outro só na boa fé, né. Ela disse: “ah, Tatá tá bom de tú ir ajudar o seu Raimundo a abrir a estrada, amanhã ele vai voltar pra estrada dele sozim”, aí ele disse: “tá”, mas ele ainda não queria ir ajudar o outro, parece que ele tava advinhando. Aí no que ele foi o outro (Dico) chegou de lá onde eles tava trabalhando roçando.. [O Dico?] Sim, esse Dico, aí pá ela se amigou com ele que ela tava atrás dele mermo, aí já agarrou-se com ele que quando o Tatá chegou do mato, aí o meninozinho foi encontrar ele lá no porto, o meninozinho, [Quem?]. O sobrinho do Dico, disse: “Ah Tatá nem te conto, o titio Dico já tá com a tua mulher, já vai levar pro centro, não tá mais contigo, .” Aí o besta chegou convidou ela, ela disse que não ia mais ficar com ele, e por aí se foi, se amigaram. [Ela está com o Dico até hoje?] Até hoje, ela apanha e tudo, quando o Dico toma uma cana, e assim ela vai passando, nós se fala né, aqui e acolá nós tamo se topando, mas ela pro canto dela e eu pro meu, mas é assim é como eu disse pra ela, “olha Baxinha vamo pra estrada”, eu tinha levado ela, mas ela não quis, ela quis passear então, “vai procurar o teu passeio”.

Nesta história não houve a encomenda de uma mulher ao patrão, porém é possível observar a mulher sendo trocada como uma mercadoria, seu Ilson entregando 42 kg de borracha em troca da moça, “*raparinguinha lá da beira*”, com a qual no entanto se propôs a viver junto.

No relato de seu Ilson, poderíamos pensar a Deuza somente como uma mulher que foi trocada como mercadoria. Porém seria bem mais rica uma análise onde Deuza possa ser vista, não só na sua condição de vítima, mas como sujeito que toma suas decisões, que faz escolhas, mesmo em situações que a cerceiam, colocam-na em limites muito estreito, históricos, econômicos, de classe, gênero etc.. Vítima sim, mas não só ela: todos os personagens submetidos a sistemas de desigualdades sociais. Neste caso a Deuza usou de algumas estratégias que lhe foram convenientes para atingir seu objetivo. Pelo visto ela queria um marido, mas não era seu Ilson, que se ofereceu para “ampará-la” por considerar que uma mulher sozinha precisa de amparo. Nessa relação a mulher não é só alguém que sofre a ação, enquanto sujeito é alguém que luta, que trabalha, que

constrói família (Deuza hoje está casada e com filhos). É como diz Wolff (1998: 169), *“alguém que sofre, que deixa um homem, que junta-se com outro, que tem filhos, que aprende e exerce um ofício. Se perdermos esta perspectiva, caímos em uma vitimização da mulher (...) Fazemos com ela mais uma violência”*.

Pretende-se analisar as questões de gênero dentro dessa perspectiva, onde homens e mulheres são atores sociais que constroem suas histórias, mesmo que limitados pelas difíceis situações de subsistência a que estão submetidos. Histórias onde as relações são baseadas nas hierarquias, nos jogos de poder, nos estereótipos masculinos e femininos próprios de cada sociedade, mas onde os sujeitos fazem escolhas, buscam alternativas, usam estratégias para satisfazer desejos e para atingir objetivos.

Algumas pesquisas lidas, mais especificamente aquelas que tratam das questões de gênero no meio rural, mostram a divisão sexual do trabalho, em acordo com as concepções já referidas, onde as atividades que requerem considerada força física, como as derrubadas das matas, a capina, a extração do látex e dos cipós, são atribuídas aos homens, enquanto às mulheres se destinam os serviços mais próximos da unidade doméstica, como o cuidado com os animais de pequeno porte, a limpeza e cuidado da casa, da família e da horta, serviços considerados leves nas representações dos trabalhadores/as. A participação das mulheres e das crianças na roça é considerada como uma ajuda aos serviços do pai, do marido.

Nos trabalhos de Lago (1983) e Welter (1999), foi ressaltado que os afazeres domésticos não eram considerados trabalho pelos sujeitos e, muitas vezes, quando se pergunta a uma mulher se ela trabalha, ela geralmente diz que não, que só cuida da casa, ou diz que só ajuda. Dificilmente coloca os serviços que realiza na roça ou na mata como um trabalho. Os informantes consideram trabalho, em geral, as atividades que geram renda.

Wortamnn (1996) e Wolff (1999 e 1998), ressaltam que, nos seringais do Acre, o trabalho se divide em dois campos: a mata, lugar tipicamente masculino, a casa e seus arredores, lugar tipicamente feminino (o fora e o dentro - a unidade de produção e a unidade de consumo, conforme o concebido por Chayanov). Franco (1997) enfatiza, no entanto, que há uma mobilidade muito grande na execução das tarefas do dia-a-dia, principalmente quando a família é composta por um número maior de mulheres. Oliveira e Anderson (1999) apontam algo semelhante. Na aplicação de um questionário

cujo objetivo era realizar o censo e fazer um levantamento sócio-econômico dos habitantes do PNJ, elas observaram que a equipe era sempre recebida pelo chefe da casa, o “homem”. Era este que respondia as perguntas (com exceção daquelas famílias em que a mulher era viúva, ou não tinha um companheiro e se dispunha a recebê-las). Quando o assunto era a comercialização dos produtos, ficava nítido ser este um campo exclusivamente masculino. Essas autoras ressaltam que, com relação ao uso dos recursos naturais, há uma diferenciação por gênero, porém, quando as questões diziam respeito à constituição da família, número de filhos, idade, escolaridade, alimentação, os homens consultavam as mulheres.

Esta pesquisa encontrou muitos pontos semelhantes com os trabalhos citados, dentre eles a questão da mulher estar mais ligada ao campo doméstico e o homem à mata e à roça. Só que o fato da mulher estar ligada ao campo doméstico não a impede de participar da roça, sendo que embora algumas considerem esta atividade como ajuda, outras referem-se a esses serviços como um trabalho seu.

Trabalhei uns dois ano ainda. (referindo-se a extração de látex) [Com quem?] Com o papai e com a mamãe, eu trabalhava nisso ai, depois que acabou esse negócio de siringa nós viemo pra roça mermo. Até hoje, nós trabalha só em roça mermo.

Maria da Conceição (Tatinha), 22 anos. Tapiíra.

Não, negócio de roça nós ia ajudar ele com machado. [Derrubava com machado?] Era, às vezes no mês de junho convidavam nós para ir pra festa, e no outro dia a gente ia trabalhar de machado, dançava a noite toda, ainda de dia ia curtir no cabo do machado na roça [Nas questões da casa, eles (irmãos) ajudavam?] Não, esses negócios de fazer as coisas de casa, lavar vasilha era só nós mermo, lavar roupa era só nós, eles saiam pra trabalhar em outros trabalhos na mata.

Valcimar, 35 anos. Seringalzinho

[Lá vocês trabalhavam com que, Val?] Com Borracha. [Mas, você chegou a trabalhar com borracha?] Não eu só ia com o papai mermo, ia só colher, assim,

da tigela. [Depois que você casou vocês trabalham com que?] Com roça. [Você está trabalhando na roça?] Agora que eu tive minino, não. [E antes?] Antes eu ajudava. [Agora não vai mais pra roça?] Não, fico só com ele, faço comida, arrumo a casa lavo roupa, lavo a casa, varro o terreiro.

Val, 20 anos. Tapiira.

[O que você faz na tua casa?] Eu trabalho, descasco cipó, brinco e faço as coisas. [Que coisas que tu faz?] Lavo roupa, lavo as vasilhas e capinar.

Conceição, 12 anos. Seringalzinho

As mulheres tem sempre uma dupla jornada, as atividades domésticas e os serviços do campo, porém dificilmente recebem o reconhecimento de sua produtividade.

Quanto aos homens da primeira e segunda geração, com exceção de seu Ison e seu Joca, ambos sem esposa, nenhum mencionou realizar qualquer serviço doméstico, porém não significa que vez por outra não os façam. Enquanto estive hospedada na casa da Rosa e do Valdeci na comunidade de Tapiira, vi o Valdeci e os filhos tomando conta da casa, inclusive fazendo o almoço enquanto a Rosa lavava roupa. No Seringalzinho algumas vezes vi o Antenor ir pescar e, ao chegar em casa, limpar o peixe e ainda prepará-lo. Com relação à terceira geração, alguns meninos mencionaram realizar os serviços domésticos.

Aqui eu tô capinando a roça, aqui a mesa. Aqui eu tô pescando. Eu vou flechar. [Quem te ensinou esses trabalhos?] Papai. [Em casa o que você faz?] Lavo vasilha, faço comida. [Quem te ensinou a cozinhar?] Foi a mamãe. [Tu pesca e faz a comida?] É. [O que mais que você faz?] Trato o peixe.

Antônio, 14 anos. Tapiira.

[O que você está fazendo?] Aqui jogando bola, aqui eu tô lavando vasilha e aqui eu tô deitado e aqui eu levantei pra urinar, e pra cá eu tô capinando eu tô derrubando um pau que é pra mim fazer caeira e aqui eu tô pescando. [Derrubando um pau pra fazer caeira, o que é caeira?] Caeira é uma coisa que a

gente faz que dá carvão, pra gente fazer fogo. [Quem te ensinou a fazer caeira?] Papai. [E a pescar?] Papai também e meus irmão. [Desses trabalhos o que você mais gosta de fazer?] O que eu mais gosto é de carregar água. [Porque?] Porque essas outras coisas são mais ruim de fazer. [Você faz mais alguma coisa que não colocou no teu desenho?] Cuido da casa e dobro roupa. [Quem te ensinou a fazer essas coisas?] Foi a mamãe.

Davi, 11 anos. Tapiíra.

[E o teu desenho?] Aqui eu tô jogando bola, aqui eu tô chutando penalte e aqui eu tô pescando, aqui eu tô derrubando roça. [Quem te ensinou a derrubar roça e a pescar?] Meu pai. [O que você está fazendo aqui?] Lavando vasilha. [Quem te ensinou a lavar as vasilhas?] A minha mãe.

Rozivaldo, 11 anos. Tapiíra.

Essa participação nos trabalhos de casa e da roça foi freqüente na fala dos meninos, porém, quando se referem à aprendizagem desses serviços surge uma diferença, os serviços da roça, da pesca, foram aprendidos com o pai, os serviços do lar foram ensinados pela mãe, permanecendo a oposição entre o dentro e o fora.

Segundo Heilborn (1994), a socialização de meninas e meninos segue a lógica da divisão sexual do trabalho, que se constrói baseada na divisão binária, onde as contribuições de meninas e meninos nos afazeres domésticos são ordenados conforme o sexo. Para as meninas logo cedo é ensinado que os serviços da casa são de sua responsabilidade, quanto aos meninos eles podem ajudar nas tarefas domésticas, mas não são obrigados. A análise de Heilborn foi com camadas médias no Rio de Janeiro, um realidade diversa a do Jaú, mas com relação a essa divisão sexual do trabalho, não há muita diferença. No Jaú os meninos, no geral, não são obrigados a realizar os serviços domésticos, com exceção de alguns que a mãe obriga, ou dos que não tem mãe e moram só com o pai.

A divisão que envolve o trabalho também é pertinente à caça e à pesca, porém ela é menos acentuada do que em determinadas comunidades camponesas e pesqueiras do Brasil. Na Ilha de Santa Catarina, por exemplo, não é comum a mulher pescar, como pode se observar nos trabalhos de Lago (1983, 1996), Maluf (1993) e Rial (1988), onde a pescaria aparece como atividade tipicamente masculina. Os estudos realizados na

região Amazônica apontam a participação da mulher tanto na caça como na pesca, sendo que as técnicas usadas são diferentes. Homens geralmente caçam animais de grande porte com armas de fogo, pescam com arcos e flechas, arpões e caniços; mulheres utilizam na pescaria apenas caniços e, com raras exceções, usam flechas. Dificilmente praticam a caça mas, quando acontece de praticarem, em geral não usam armas de fogo, contam com a ajuda dos cachorros, ou levam um filho para que esse atire por elas.

Muitas vezes nas conversas ou nas entrevistas, quando perguntei às mulheres se elas caçavam, um suspiro de espanto e um não imediato foi a resposta. Algumas chegaram a dizer: “*Deus me livre de dá um tiro*”, outras disseram “*só com cachorro*”, mas com relação à pesca, todas afirmaram que pescavam, como exemplificam suas falas:

[E essa atividade da caça e da pesca quem fazia em casa?] Era o meu pai. Nesse tempo os meninos eram piquinote. Quem cuidava era ele mermo. [Hoje, agora sem brincadeira, vocês caçam, vocês pescam por aqui?] Caçar nunca cacei não, mas pescar eu pesco, é comigo mermo. [Pesca com que?] Fachear de caniço, de flecha. [Também?] É. [Ah, agora eu quero aprender a fachear.] (risadas), [E tu também caça?] Caçar, caço não. [Não atira?] Não. Só dei um tiro na minha vida. Dois, um que eu errei e outro que eu acertei. [O que foi que tu acertou?] Acertei no Jacu, num pássaro pequeno.

Ilza, 26 anos e Edinelza, 23 anos. Seringalzinho.

[Também pesca?] Pesco. [Caça?] (Maria), Não. Não dê uma espingarda pra mim, não venha com espingarda pro meu lado, não. Só se for caso de necessidade mermo. [Por que?] Porque eu tenho medo. Aquilo ali eu não atiro, capaz de eu dar um tiro pra baixo, pra cima. [E a senhora, caça, pesca?] (Joelina) Pescar assim um peixinho para dar de comer meus filho sempre pesco. O primeiro tiro que eu dei, eu matei. [Matou o quê?] (Joelina) Um macaco gordo. [Pelo que estou vendo a mulherada daqui não é muito atirar não, mas pescar vai?] (Joelina) Pescar eu gosto. Mas tem uma mulher que faz tudo, o que botar pra ela, ela faz. Ela atira, ela faxeia, ela caça. [Quem?] A Branca. Hum. Mas pra mim negócio de caçar de espingarda. (Maria) Eu também não. (Joelina) Se for um bichoquinho pra mim comer e tiver com a espingarda, bom, aí eu taco

no rumo de lá. Uma vez tava por trás e deu pra mim perceber, não meti acordo corri pra trás, peguei o menino, embarquei na canoa, carreguei o cartucho e vim. Era capivara [E tu Maria?] O meu era uma cotia. [E como foi pra atirar?] A cotia tava comendo. Tava só eu em casa, se tivesse com menino ainda tinha chamado o menino. Aí fiquei embaixo da bananeira, disparei a espingarda lá e pei. Aí eu corri em cima, cacetei ela e matei.

Dona Joelina, 48 anos e Maria 38 anos. Seringalzinho.

[E pescar, tu pesca?] Eu pesco. [E caçar?] Eu não caço não. [Porque?] Só com os cachorro, mas esse negocio de atirar não é comigo não. Eu tenho medo de atirar.

Tatinha, 22 anos. Tapiíra.

Wortamnn (1976) diz que a produção econômica camponesa sem o apoio da mão de obra familiar torna-se inviável. No caso do Jaú, percebe-se isso com relação a qualquer atividade, sejam realizadas por mulheres, homens ou crianças, estejam relacionadas à caça, à pesca, ao extrativismo ou à roça - todos os serviços dependem do esforço conjunto.

A categoria trabalho nos estudos de Lago (1994), aparece “*como valor positivo na constituição da identidade dos sujeitos*”, e Romanelli (1993, apud Lago) diz que:

“Nas representações transmitidas pelos pais das classes populares, e que são produtos de sua experiência, o trabalho é considerado em seu aspecto instrumental, cuja realização é imprescindível para garantir a sobrevivência (...). a esta representação sobre trabalho, junta-se a outra, relacionada ao trabalhador. A condição de trabalho estabelece fronteiras sociais e simbólicas entre o mundo do trabalho e o dos ociosos”. (Romanelli, 1993: 11).

Para a autora, nas comunidades tradicionais, que dependem do esforço de toda a família para a sobrevivência, esta concepção é particularmente mais evidenciada. Nas comunidades de Seringalzinho e Tapiíra, o trabalho tem um significado muito forte, tanto para homens, quanto para as mulheres. Algumas vezes ouvi as pessoas

comentando sobre mulheres consideradas preguiçosas, há uma resistência por parte do grupo em aceitar uma mulher que não corresponde ao ideal de trabalhadora.

As preguiçosas, como são chamadas, são altamente criticadas pelo grupo e fui advertida por outras mulheres que não desse “confiança” às preguiçosas, pois elas iriam se aproveitar e pedir ajuda para realizar os serviços que o grupo atribui à sua responsabilidade. Foram muitas as vezes que, no coletivo, surgiram comentários a esse respeito e consegui anotar alguns como nos seguintes trechos do diário de campo:

Éramos duas mulheres a descascar cipó, nisso se aproximou uma jovem que dificilmente fica na comunidade, porque acompanha o marido ao centro de cipó, levando a filha que na época estava com cinco meses. Perguntei o que ela fazia quando estava no centro, perguntei se ela tirava cipó, ela respondeu que não, só o marido faz isso, ela fica com a filha, quando a menina está dormindo ela aproveita para ir descascando cipó e fazer a comida. Enquanto conversávamos chegaram mais duas mulheres, a jovem com quem conversava retirou-se, uma das mulheres que acabara de chegar falou-me: *Olha não dá confiança para ela não, ela é fofoqueira e briga com todo mundo, é uma preguiçosa*”. A outra mulher que estava junto reforçou o comentário. Ressaltaram tanto a questão da preguiça que resolvi perguntar o que significava para elas uma mulher preguiçosa, dirigi a pergunta ao grupo, a primeira respondeu: *“mulher preguiçosa é aquela que não faz nada, não trabalha”*. Passei a pergunta para a outra que definiu mulher preguiçosa como aquela que não gosta de trabalhar e citou o exemplo da jovem que todas consideram preguiçosa, dizendo: *“ô a fulana só fica com a menina no braço, até tu tá ajudando, ela não ajuda ninguém”*. Voltei-me para uma outra e repeti a pergunta, sua resposta deu a jovem como exemplo: *“preguiçosa é assim como a fulana só lava roupa quando não tem mais nenhuma limpa, não quer saber de fazer nada”*.

Diário de campo. 29/05/99.

Aos poucos foi chegando mais gente no campo, fizemos uma roda em baixo da castanheira e ficamos conversando, as meninas e os meninos brincavam de jogar bola, uma das jovens que participava do grupo, levantou-se, foi brincar de bola e deixou a filha de 1 ano brincando na grama. Comecei a falar com a criança, uma das mulheres disse: *“Essa fulana não se manca, não quer assumir*

responsabilidade, não quer tomar conta da filha, não sei pra que fez filho". O grupo passou a comentar sobre a preguiça dessa jovem, cada um/a dizia alguma coisa, falaram da roupa que ela deixa muito tempo de molho, da comida que ela não faz, da casa que ela não limpa, da filha que ela não cuida, exemplos não faltaram, cada um/a tinha alguma coisa a dizer, comentaram que ela apanha do marido, mas é porque ela merece, uma das mulheres chegou a dizer: *"mas rapaz, se eu fosse assim e meu marido me batesse eu nem reclamava"*. Uma outra mulher falou: *"O (marido) é um homem bom colega, tem é muita paciência com ela, às vez lava até a roupa dela, só bate quando não agüenta mais"*. Um homem do grupo comentou: *"Minha mãe deixou um marido porque apanhava, meu pai, mas o cabra não prestava não, ela é mulher trabalhadeira, essa ai se deixar o marido morre de fome, porque até cumida pra ela ele faz"*.

Diário de campo. 27/06/99. Tapiíra

Welter, (op. Cit.) na sua pesquisa, fala da questão da preguiça no campo masculino, e conta a história de alguns homens tidos como preguiçosos para a comunidade, porém quando ela conversa com a esposa desses homens, elas têm uma justificativa para o acontecimento e uma delas diz que se não fosse a bebida, (alcooolismo) seu marido seria um homem trabalhador. Pelo que percebo, nesses casos onde as mulheres são consideradas preguiçosas, a complacência com elas é menor. A primeira jovem a que me referi realiza os trabalhos domésticos e outros, como o de descascar cipó, porém acredito que em função de uma deficiência física de que é portadora, faça-os com menos desenvoltura que as outras. Já no segundo caso, a jovem da Comunidade de Tapiíra veio de um dos centros urbanos para passear e casou-se com um nativo. Nas nossas conversas dizia que considerava os serviços da roça pesados, tinha dificuldade para realizá-los. Com relação aos trabalhos de casa, reclamava por não ter as máquinas de lavar roupas, louças, tão úteis aos serviços domésticos. Assim, negava-se a realizá-los ou os adiava o máximo possível. Mas esses pontos não eram ponderados durante as conversas do grupo.

5.3 As representações de meio ambiente:

“O rio era um rio público”¹⁴

Ao entrevistar os informantes desta pesquisa, perguntava o que eles entendiam por meio ambiente mas, logo percebi que a pergunta não surtia efeito, pois as respostas sempre foram negativas, as pessoas sempre afirmavam nunca terem ouvido falar ou diziam simplesmente que não sabiam. Então passei a observar seus gestos, ações e expressões, coisas que pudessem de alguma forma apontar indícios de resposta à interrogação. Além disso, quando conversávamos, buscava de alguma forma introduzir o assunto, sem no entanto formular a pergunta explicitamente.

Nas falas dos informantes, as questões referentes à problemática ambiental aparecem apenas na primeira e segunda geração. Na exposição dos desenhos e falas da terceira geração não aparece nenhuma referência, mesmo com relação a morarem em um parque. As crianças/adolescentes, quando questionadas sobre o local em que moram, respondem sem fazer alusão ao parque, se fazem não sabem explicar o que significa, mencionam o nome do local onde nasceram, da forma como é denominado pela comunidade e não mencionam morar em um parque, como podemos ver nas falas:

[Você sabe como é o nome desse local, onde tu me disse que caça, pesca e torra farinha, sabe como é o nome?] O nome dele é Seringalzinho da nossa região, Comunidade do Seringalzinho.

Lindo, 14 anos. Seringalzinho.

[Você sabe qual é o nome do local que você mora?] Sei, é Forquilha.
[Forquilha, ali se chama Forquilha?] Sim, não, eu não sei como é o nome de lá, não.

Conceição, 12 anos. Seringalzinho.

Mesmo vivendo em um parque, poucos são os que sabem o que isso significa, quando mencionam o assunto, percebe-se a reprodução de um discurso que, na

¹⁴ Frase de seu Cosmo. Seringalzinho.

maioria das vezes, não condiz com as práticas. Este é um fato que pesquisas anteriores, como de Oliveira e Anderson (1999), já constataram. Segundo estas autoras, 73% da população local sabe que mora em um parque, porém desconhece a finalidade e objetivos do mesmo. No caso da terceira geração, se eles sabem que moram em um parque, na apresentação dos desenhos isso não ficou explícito. Nas conversas informais eles/as até mencionam o fato, porém desconhecem o significado.

As questões referentes ao meio natural aparecem mais nas entrevistas com a primeira e segunda geração, sendo recorrente nas suas falas, as reclamações com relação às proibições do uso dos recursos naturais e às dificuldades que eles estão encontrando na extração, principalmente, no extrativismo animal. Porém, apesar de reclamarem da escassez dos produtos, os moradores não acreditam que eles são limitados, ao contrário, acreditam na sua infinitude, pois entendem que o “*que Deus criou não acaba*”. Outro ponto recorrente nas entrevistas, é a relação dos moradores/as com as instituições que administram o local e a transformação deste em unidade de conservação. Mas vejamos nos fragmentos das entrevistas como eles e elas se expressam.

Na realidade, naquela época sobre esse tipo de coisa era muita fartura. Hoje em dia é mais difícil porque foi proibido negócio, primeiramente pela fantasia, o pessoal matava, vendia, foi proibido e pararam, aí ficou só negócio de caçar e pegar bicho de casco (quelônios) ? [E o que o pessoal matava e vendia naquela época quando não era proibido?] Matava só pra consumo, para comer, (...) também não tinha comprador e tinha muita fartura naquela época. Porque não existia contrabandista e comprador, mermo de bicho de casco. Depois que foi tudo proibido, aí acabou, pronto, acabou. ... Eu pesco só pro consumo, pra fazer venda mermo não. [... naquela época o senhor não pescava?] Eu pescava só pra comer porque naquela época não tinha valor bicho de casco, hoje é que tem. [Quem pega bicho de casco] Esse que vem nos barcos é de fora, não mora aqui dentro, eles mora em Novo Airão. [O que o senhor acha dessa situação, o pessoal de fora vir pegar as coisas aqui?] Eu acho que não seja de acerto porque já saíram tirando o alimento dos pequenos, se leva assim do jeito que tá, daqui na realidade um menino desse quando tiver com 20 anos, se tiver, fica bem difícil a pessoa encontrar. Daqui se tira, tá certo, não se acaba mas diminui, o que **Deus criou não acaba**. [O que o Senhor acha do Jaú ter se transformado num parque?] Pra mim por exemplo, se existe uma lei, se existisse né. Uma lei

mermo, porque só ficou ruim por uma parte porque uns não usam dessas coisas, vive do seu trabalho da sua roça, do cipó, trabalhando com dificuldade, com sacrificio pra ir se mantendo e outro não, já não usa entra aí vai lá mata um, duas ou três antas, pega 50 ou 20 bicho de casco, ganha muito mais de que o pessoal daqui. [Como é que o Senhor prefere a situação, quando Jaú não era parque ou agora que ele é parque?] Numa altura, no tempo que ele não era parque, era melhor porque você trabalhava, e fazer como outro, não tinha que ficar se sujeitando, sabe.

Seu Joca, 42 anos. Seringalzinho.

Aí acabou com tudo, né. Ficou pouco e ficou essa migalhinha de dinheiro. E graças a Deus que tem esse cipó, que é o trabalho mais sacrificoso que tem. [Eles não proibiram o cipó?] Queriam proibir o cipó e queriam que a gente tirasse o cipó e plantasse o cipó, mas que cabeça! Né que é uma coisa que é feita pela natureza que Deus deixou, que nasce lá do olho do pau pra vir pro chão, como é que a pessoa vai plantar né? Né que isso não foi erro? Foi erro da idéia. Então é o caso do pessoal invadir, pra pegar bicho de casco, pra matar a caça pra vender que é o que dá dinheiro. [Quer dizer quando estava na seringa não faziam isso?] Não, ninguém tinha necessidade disso, era tudo farto, porque a gente só pegava bicho de casco e matava caça pra comer, (...) mais aí tudo começou a dar dinheiro, piaba, filhos de piaba, aí o pessoal invadiram pra pegar pexinho. É. E o que aconteceu foi isso, então por isso até hoje eu digo, naquele dia o Marco Antônio teve aí, o negócio é que eu não gosto de falar, mas estava na ponta da língua. Como eles estavam falando assim, quase que eu dizia pra ele, eu fiquei com vontade de dizer quem invadiu primeiro aqui pro rio Jaú foi a Ibama, mas eu já teimei muito com esse pessoal (...) a primeira vez que veio aquele doutor Rivaldo, o meu marido tinha derrubado uma castanheira, e no dia que ele derrubou ele chegou. Não pensa que ele foi sair pra conversar com a gente, com o chefe da casa, não, foi logo filmando a castanheira, dizendo que tinha derrubado a árvore. Que uma árvore daquela valia mais do que a vida de uma criatura. Meu marido não era muito fácil, entrou com ele logo oito (ignorância/braveza), foi com ele logo com ignorância. Sei que afindou os outros se calando, ficaram tudo, e ele falou, falou e findou os outros tudo se calando. Chamaram ele pra assinar não sei o que, ele disse: eu vou mermo, porque eu nunca fui mordido de cobra, e nem ei de ser. Foi lá e assinou. ... E foi assim maninha o começo dessa história, quem invadiu o Jaú foi isso, o culpado

foi a Ibama, não foi o pessoal daqui, não. O pessoal daqui vive uma vida tranqüila, (...) depois dessa arrumação de ser parque ficou tudo difícil. [A senhora acha que esses bichos acabam, que as coisas da natureza terminam?] Não termina, **o que Deus fez não termina**, agora fica difícil, né. E quanto mais pro fim do século aí que fica difícil, que a pessoa arrumava a bóia rapidinho. Já era pra tá o rio secando e tá enchendo. Por isso que eu digo que já está tudo modificado.

Dona Rita, 56 anos. Seringalzinho.

Pra mim não mudou nada, eu não digo de caçada, eu não vivo destruindo as floresta né? Eu trabalho na minha roça, vou caçar pra mim comer com a minha família, pra mim não mudou nada. [Quando se transformou em Parque vocês tiveram algum problema com Ibama, na época era o IBDF.] Nessa época depois de muito tempo que veio pra cá (referindo-se ao rio Unini) porque só era o Jaú, aí vieram pra cá, ... Pessoal morador mermo quase não mata pra vender, é o pessoal de fora que vem eu lembro desse motor que estava aí que a senhora estava vendo num dia desses, eles vieram atrás de peixe, que atrás de peixe nada, eles vieram foi caçar atrás de paca, atrás de anta, isso que eles andam fazendo de certeza eles mataram. Agora eu queria que fosse olhado esse negócio do fiscal pra ele verificar o barco e se fosse, prendesse, pode prender, aí eles num iam querer mais entrar, porque tem o fiscal, meu genro é fiscal, tem filho da comadre Marta também é fiscal, recebeu a carteira agora não está funcionando ainda porque não sei o que está faltando. Porque nas áreas da comunidade nós não consente nem barco de pesca, nem caçador. [Vocês não permitem?] Não, não permite, pelo menos eu, se eu topar eu vou logo lá e (...) converso com eles na calma, porque nós não consentimo barco de pesca aí nem ninguém caçando, eles faz favor de se retirar, ainda mais que eles sabem que é proibido mermo eles vão embora, se o cara se impor você vai lá botar ele na marra. [Ah é? vocês já fizeram isso?] Já, nós peguemo um barco pescando aí bicho de casco pirarucu e tudo, aí num pára mermo passei aí, baixei e ele entrô mermo, entraram pra lá aí o compadre Joel foi por cima, tomou, ele aí falou pra ele o pessoal que mora bem aqui a comunidade tem gente de fora pescando, disse, tá eu tenho a malhadeira (rede de pesca) aí, tenho atiradeira aí vou atirar e vou me embora, aí saiu foi só o nego baixar ele voltou de novo, achou futuro né, quando nós vinha subindo tá o Jander com pai da mulher aí, seu João o cara entrou pra aí pra dentro- entrou?- disse, foi, vumbora lá, aí nós fomo, foi a

turma todinha daqui, o machado do motor foi cheio (...) aí o cumpadre João falou, “rapaz você é teimoso eu num falei pra você que o pessoal não queria que fizesse caça aqui na área da comunidade, isso aqui é o pesqueiro do pessoal da comunidade, - “ah porque eu vou sair, não sei o quê, meu pai avisou pra mim num baixar enquanto num chega, mas eu volto pra cá”,- pra cá você não volta, toma nota do motor dele vamo mandar pra Ibama, aí resolve a situação dele lá ... [E o senhor acha que isso aí pode acabar as antas, os peixes, isso aí pode acabar?] Não, acaba não, mas fica difícil, cada vez fica mais difícil. [Porque o senhor acha que não acaba?] **Porque foi Deus que dexo, não acaba, o que Deus dexo não acaba**, agora fica mais ruim, mais difícil, por exemplo se eu for pra li, eu topo cinco anta, eu mato tudinho, da outra vez eu não vô topá mais essas cinco, eu vô topar uma ou nenhuma.

Seu Tarcisio, 52 anos. Tapiíra.

A Ibama é bom por uma parte, que proibiu mais do pessoal invadir né, porque de primeiro era desconforme aqui, o pessoal estava invadindo tudo e acabando com tudo, ai pronto, agora não, já acalmaram mais, muitos ainda tentam mais tão ficando com mais medo né, ai quando vem um assim de vocês, assim eles ficam meio cismado, ai não querem continuar né. [Quando vem alguém de fora pra trabalhar eles não vêm?] É eles fica meio cismado não mata pra vender porque é proibido mermo né, mas assim até mermo da própria comunidade, o próprio pessoal de comunidade tem uns que não tão nem ai, eles não querem nem saber, mata pra vender, quando a pessoa fala eles ainda vem contra, ai muitos tem medo né, não faz, outros não tá nem ai [Essa questão de tá muita gente tirando as coisas, os peixes, os animais. A senhora acha com os anos pode isso acabar os animais?] Acaba, acaba porque de primeiro tinha muito, agora não existe, olha o sacrificio que tem pra gente pegar uma caça pra comer. Passa semanas às vezes, de primeiro não tinha muito por aqui, aqui mermo quando a gente morava aqui quando a gente dava fé o bando de queixada tava bem ai comendo a roça ... [Tá ficando difícil?] É tá ficando difícil e eles não sabem pegar cinco ou dez cabeçudo, botar no curral pra fazer rancho eles querem pegar pra vender, se poder pegar cem ou cinqüenta eles pegam

Dona Zezé, 46 anos. Tapiíra.

... Parque é assim, como o Pantanal um lugar sem ninguém

Seu Cosmo, 46 anos. Seringalzinho

... eu sempre ouvi dizer que nunca deve se fazer vida com bicho de vida, não presta.

Eliete, 42anos. Tapiíra.

O problema foi o seguinte. Porque eles (IBDF) cercavam a gente mermo aqui dentro, a gente não podia tirar nada, a gente não podia cortar um pau, não podia fazer uma farinhada, era isso que eles faziam aqui dentro. Nesse tempo morava muita gente aqui dentro e entrava muito regatão que vendia as coisas pra gente, sai um entrava outro, tinha muito comerciante que comprava desda banana, galinha, ovos, que a gente tinha muito né, a gente criava, não faltava nada pra gente, a gente acostumado com que tinha, quando falhou foi a maior dificuldade pra gente, quando encerrou a gente fiquemo assim, sem saída, [Sérgio: Nessa época o IBAMA já tinha base ai na boca?] A Ibama não, IBDF, não era essa base era só um flutuante. Nesse tempo aí eles ficavam em cima. [Sérgio: Tinha mais fiscal.] Tinha, tinha mais fiscal, tinha mais voadera. [Sérgio: Os cara eram aqui da região?] Não, não, era de fora. [Jasylene: Antenor eu já ouvi alguns comentários que eles chegavam, invadiam as casas e às vezes jogavam fora até a comida que estava na panela, isso aconteceu na sua casa?] Isso nunca aconteceu, deles entrar em casa e olhar o que tinha na panela nunca aconteceu, agora o que eles fazia era tomar malhadeira, tomar zagaia¹⁵, isso eles fazia mermo né, mas de dentro da canoa, dentro da casa do cara não, de casa assim nunca aconteceu, eles chegava e fazia aquela zoada e o povo saia aumentando, eu morava aqui bem próximo e nunca sabemo disso.

Antenor, 32 anos. Seringalzinho

[O que você acha de morar num Parque, o que você sabe a respeito disso?] Pra mim eu acho que não é certo a gente morar em Parque não, num pode trabalhar em muitas coisas. [Tu achas que isso atrapalha a vida de vocês?] Pra mim não, porque a gente não trabalha nesse negocio de madeira, de pesca, trabalha só em

¹⁵ Espécie de arpão, com ponta de metal em forma de tridente, utilizada para pescaria.

roça mermo, tirar aquele rocinha pra comer e vender, que a gente tem que vender mermo. [O que tu achas desse pessoal que entra pra caçar, pescar?] Eu acho que não é de acerto não, porque eles vem pra acabar com o que tem no rio, com o que tem na Comunidade, porque se eles pescarem aqui perto, quando a gente quer pegar um peixe não pega mais, caçarem também. [Tu achas que os bichos podem acabar?] Não acaba não, mas fica mei difícil. [Por que tu achas que não acaba?] Por que eu acho que não acaba não, mas peixe fica arisco, fica ruim, eles acabam sim um bucado e não fica mais como era não.

Tatinha, 22 anos Tapiira.

[Você lembra do tempo que o Jaú não era parque, lembra se tem alguma diferença de antes para agora?] Não lembro de nada não. [Você mora dentro de um parque, isso para você significa alguma coisa?] Tem. [O que?] Porque a gente tá morando num lugar que tem dono. [Quem é o dono?] Ai eu não sei, né. É esse pessoal da Fundação (FVA). [Tem algumas coisas que vocês não podem fazer, o que você acha dessas proibições?] Acho, muita coisa, gelador querendo tomar conta do rio, caçador pra matar caça pra vender, vocês tomando providência é melhor. [Por que você acha que tem que ser tomado providência?] Porque fica muito ruim da gente pegar uma caça pra comer, peixe pra comer, fica difícil de pegar, ainda mais essa época agora. [Você acha que se eles entram eles dificultam pra vocês?] É fica ruim, fica arisco os peixe. [Tu achas que os peixes e as caças podem acabar?] Eu acho sim, quer dizer acabar não acaba né, mas fica arisco. [Por que tu achas que não acaba?] Porque assim as mães vão parindo e vai aumentando mais, eu acho, fica mais difícil, mas não acaba.

Val 20 anos. Tapiira.

Quando os/as moradores/as da comunidade de Seringalzinho falam de suas relações com as instituições e com relação à mudança do local em unidade de conservação, percebe-se um certo descontentamento, fato que ocorre, acredito, em função do rio Jaú ser totalmente controlado pela fiscalização do IBAMA, e isso faz com que os moradores, vez por outra, tenham algumas rsgas com os fiscais. Além disso, eles atribuem os problemas que hoje enfrentam à mudança do local em unidade de conservação. Apesar de um morador, seu Joca, ter expressado que é importante preservar para que no futuro os mais jovens possam usufruir dos recursos

naturais, a maioria acha que as proibições são severas demais e que os maiores prejudicados são eles.

Quando perguntei ao seu Joca porque era necessário preservar ele me respondeu: "*é eles que diz, se não, não tem pros outro*". O eles a quem se referiu o informante são FVA e o IBAMA. Foi a partir dessa informação e de outras conversas que deduzi que o discurso com relação à preservação é apenas uma reprodução.

Quanto aos habitantes de Tapiíra, a situação se apresenta um pouco diferente, o fato do rio não estar totalmente dentro do parque, como é o caso do Jaú, dá aos moradores/as uma certa liberdade. O IBAMA, nas falas destes, aparece mais como um aliado que vai ajudá-los a combater os geleiros e piabeiros que vêm de fora, para eles os responsáveis pela escassez dos recursos, porém entendem que o local em que vivem tem um dono e isso não agrada a muitos.

Outra questão muito freqüente nas conversas com os habitantes de ambas as comunidades é o fato deles se sentirem invadidos, suas terras já não lhes pertencem, não podem mais "*derrubar um pau, matar um bicho, eles tem mais valor que gente*"¹⁶. Diegues (1996) diz que a criação de unidade de conservação em áreas ocupadas por populações tradicionais é vista por essas como uma usurpação de seus direitos, a terra que estão a reclamar lhes pertence por direito, pertenceu a seus antepassados e é ali que encontram o que precisam para sua subsistência, o que os faz expressarem seu desassossego de várias formas. Geralmente, após essas mudanças, a população entende que suas terras tem dono e isso é nítido na fala de muitos, por exemplo Val diz que o Parque pertence à FVA. Diegues afirma que essa é uma confusão natural, geralmente a população entende que os administradores do local, como o IBAMA, a Polícia Federal, é que são os donos do território que por muito tempo foi seu.

De um modo geral, os informantes representam o meio ambiente de forma naturalista, antropocêntrica e relacional, conforme as categorias pensadas por Reigota e da Matta. Representam de forma naturalista quando, em suas falas o ser humano aparece (especialmente os de fora, piabeiros e geleiros) nas relações de forma dissonante: é aquele que depreda que, se não acaba, faz com que os recursos naturais, a caça, o peixe, "*diminua, fique arisco*".

¹⁶ Iane morador da Comunidade de Tapiíra.

Outro ponto que pode ser observado nas falas apontando para essa visão naturalista, é quando pensam que parque mesmo é um local desabitado porque o homem/mulher nesses espaços são prejudiciais. São aqueles/as que *fazem vida com os bichos de vida*. Coisa inconcebível, é como se a natureza tivesse vontade própria, e quando não se respeita essa vontade, vêm as conseqüências. No dia 22 de maio de 1999 ouvi uma conversa entre dois moradores, um da Comunidade de Floresta e outro de Lázaro, locais que não fazem parte dessa pesquisa, mas que penso ser ilustrativa, por isso recorro a ela, um dizia para o outro que amava a natureza, pois sem ela não teriam, luz, sol, chuva, calor e que sem isso não poderiam viver, dizia que gostava de morar ali porque não tinha poluição e que tinha muito medo daquele local acabar, que os homens destruíssem tudo. Neste pensamento a natureza aparece como algo que se mantém sozinha, e o homem/mulher vai destruir esse mundo, que aparece meio como encantado.

A visão antropocêntrica dos informantes aparece quando esses manifestam que eles podem explorar os recursos, pois são os moradores/as do local. Nessa visão, os recursos naturais existem para suprir as necessidades do grupo, e se falam de preservação é porque a consideram como necessária à manutenção de sua subsistência. Ao grupo é permitido caçar, pescar, etc., os recursos são usados em seu benefício.

A representação relacional proposta por Da Matta, que busca em Dumont a concepção de englobador/englobado, aparece quando as falas revelam que Deus, que a tudo engloba, não permitirá que os recursos se acabem e, que se hoje enfrentam algum problema para conseguir alimento, é porque esse mesmo Deus que tudo providenciou, avisou que *“quanto mais pro fim do século aí que fica difícil”*.

Essa representação onde Deus aparece como aquele que criou, que protege e por isso não permitirá que os recursos naturais terminem, poderia ser caracterizada como representação teocêntrica da natureza.

As categorias usadas para compreender as representações de meio ambiente não podem ser vista como algo pronto e acabado, penso que muitos elementos escapam a essa compreensão, isto é não se enquadram exatamente nas taxonomias. Essa inexatidão propicia a criação de novas categorias, ou mesmo o ajuste das já existentes. Foi por considerar esse fator utilizei a representação teocêntrica, pois até o momento ainda não encontrei nos livros, teses, artigos ou dissertações, trabalhos que

usem esse tipo de representação.¹⁷

Acredito que para os informantes é difícil sair dessa visão naturalista, antropocêntrica, teocêntrica e relacional para uma mais abrangente. Eles/as não conseguem perceber toda a complexidade das relações e vêem que o que consideram problema não será solucionado com a simples implantação de leis que venham proteger a fauna e a flora local. Apesar de reclamarem dos que vem de fora para depredar o ambiente natural não percebem nas suas próprias ações, como as de jogar lixo no rio (resposta que muitos me deram quando perguntei o que faziam com o lixo), que eles também estão contribuindo para a devastação. É claro que não podemos comparar suas ações e os danos que elas causam, com os danos causados pelos geleiros, piabeiros e outros que entram nos rios com um único intuito, o de explorar os recursos naturais até sua exaustão. Mas é interessante notar que apesar de determinadas práticas, essa população luta contra aqueles que buscam a satisfação de suas necessidades econômicas extraindo a flora e a fauna e que não tem nenhum vínculo com o local. Preservar sem dúvida alguma é necessário, porém é preciso ver a que e a quem vai servir essa preservação

¹⁷ A criação dessa categoria se deu com o alerta do Dr. Marcos Reigota quando participava da banca examinadora, durante a defesa desta dissertação.

6. REFLETINDO SOBRE O QUE VI.

A leitura de algumas pesquisas que trabalharam com sujeitos de diferentes gerações me levaram a alguns questionamentos, principalmente quando observei que há uma disparidade em relação às idades daqueles que considerei como primeira geração, em relação às pesquisas referidas. Nas pesquisas de Lago (1996) em Santa Catarina, e de Cavalcante (1999) em Pernambuco, a geração de velhos é composta por pessoas acima de 65 anos. Neste trabalho, naquela que considerei como a primeira geração, a pessoa mais velha tinha apenas 58 anos. Além disso, nas entrevistas que realizei com as pessoas mais velhas, foi muito comum dizerem que não tinham mais condições de trabalhar, que já estavam só esperando a morte. Dona Rita, 56 anos, muitas vezes me disse: *“reconheço que minhas forças tá acabada”* e dona Joelina, uma mulher de 48 anos, cansou de dizer: *“ah, professora já tô velha, não agüento mais nada não”*. Isso me levou a algumas indagações: quais fatores desencadeiam essa velhice precoce?, porque será que pessoas relativamente jovens se sentem tão cansadas, a ponto de acharem que a morte já está próxima? Não tenho respostas, apenas algumas reflexões sobre essa questão.

No norte as pessoas com 40 anos, principalmente as moradoras do interior, já se sentem envelhecidas e sem muitas expectativas. Nas pesquisas citadas no sul e no nordeste, as pessoas que foram consideradas como primeira geração reclamam das condições de vida e da falta de perspectiva porém suas idades não se comparam às dos sujeitos que informam as pesquisas realizadas no norte. Talvez este fator esteja ligado às diferenças sociais, econômicas e de todos os tipos, que ocorrem entre as várias regiões do país.

Bosi (1994) diz que cada sociedade vivencia o declínio biológico de forma diferente, sendo que a sociedade industrial é maléfica para a velhice, pois não permite ao homem dar continuidade ao seus projetos durante seu ciclo de vida. Quando essa sociedade se industrializa as relações mudam, os sentimentos de continuidade sucumbem junto com a fragmentação do trabalho.

O Jaú não é uma sociedade industrializada mas, muito cedo o sentimento de continuidade e de produtividade sucumbem, acompanhando o declínio biológico. Neste

caso acredito que o que seja maléfico a essa população, é o fato de não disporem de assistência médica, de uma alimentação mais adequada. Por mais que no nordeste sejam difíceis as condições de vida e o acesso a saúde e educação funcionem de forma precária, acredito que as pessoas ainda podem lançar mão de alguns recursos, pela própria proximidade destes.

Alguns autores como Castro (1952) e Petrere (1992) dizem que não há subnutrição protéica na região amazônica em função do alto consumo do pescado. Há avitaminose A e C e do complexo B, isso porque o consumo do caboclo de produtos como verdura, leite e seus derivados, é quase inexistente, apesar de haver uma certa ingestão de vitaminas, através do consumo de frutas e raízes nativas, porém ainda insuficiente. Petrere Jr. ressalta que alguns estudos realizados sobre a situação nutricional da população de várzea e terra firme, no norte constaram que também não há a subnutrição calórica, porém observaram a hipovitaminose A e B e um elevado grau de mortalidade infantil.

A avitaminose que os estudos indicam existir é causada pela dieta alimentar monótona, cuja base é o peixe e a farinha (peixe que torna-se escasso em determinadas época do ano). Castro diz que uma consequência natural dessa falta de vitamina no regime alimentar do caboclo/a leva a uma anorexia crônica. Além desses fatores, os autores indicam que há uma alta incidência de diarreias, cuja causa pode estar relacionada às condições precárias de higiene, à falta de saneamento básico, que provocam verminose, o que a curto prazo levaria à incidência de anemia ferropativa.

Castro diz que a quantidade de comida que um amazônico ingere durante o dia não é suficiente para uma única refeição de uma pessoa em outra região do País, afirma que esse fato causa uma inapetência. Exageros à parte, posso dizer que muitas vezes presenciei os moradores passarem o dia inteiro sem se alimentar, ou quando não, o que muitos tomavam era apenas um chibé¹⁸ de farinha e com este alimento iam aos seus roçados para trabalhar. Talvez as afirmações dos estudos acima estejam corretas, pois apesar de algumas pesquisas indicarem que as frutas amazônicas são muito ricas em determinadas vitaminas, vale se ressaltar que nem todas fazem parte do hábito alimentar das populações.

¹⁸ Mistura de água com farinha de mandioca. Alguns acrescentam sal ou açúcar.

Dallari (1987), em seu estudo sobre a saúde do brasileiro, corrobora com a afirmação sobre a mortalidade infantil e diz que a região norte é a que mais sofre com as precárias condições de vida, sejam elas em relação à saúde ou à alimentação.

Os hábitos alimentares da região ainda estão muito fundamentados nos hábitos indígenas, e quando os estudos revelam que as principais fontes de alimento são o peixe e a farinha, estão corretos. Quando o amazonida não dispõe destes gêneros, muitas vezes um pouco de farinha e café e um gole de cachaça, são suficientes para que ele passe seu dia.

Talvez as causas apontadas são as únicas a explicar essa baixa longevidade, mas devem estar contribuindo para isso. Além disso, as condições precárias de saúde são evidentes, como já descrito anteriormente. Outro fator que talvez contribua para a precariedade das condições de saúde, pode estar ligado ao alto índice de alcoolismo nessas populações. Alguns episódios ocorridos nas comunidades estudadas e já descritos, são exemplo desse fenômeno que acho que já se tornou cultural, pois a dependência de álcool é tão grande que muitas vezes quando não se dispõe de álcool, mistura-se perfume com água e açúcar ou refresco em pó, quando tem, e se ingere. Outro ponto que pode ter influenciado esta dependência é o largo uso do álcool e da cachaça nos remédios caseiros. Os extrativistas de cipó podem ir para os centros sem comida, mas jamais vão sem cachaça ou outros produtos que contenham álcool.

Fico pensando também que os casos de malária no Parque onde quase todos os moradores já foram atingidos, muitos dos quais apresentando reincidência, são endêmicos. Os remédios usados no tratamento da doença requerem uma certa cautela por debilitarem o organismo e, além disso, tornam necessária a abstinência de produtos alcóolicos, orientação a que dificilmente obedecem, muitos chegando a dizer que cachaça cura a doença.

Algumas vezes essa questão do alcoolismo me pareceu uma forma de resistência dos moradores, pois eles bebiam mesmo nos dias em que eram marcadas as reuniões com a FVA, ou outras da própria comunidade. Assisti uma reunião de pais e mestres no Seringalzinho na qual às 8:00 horas da manhã, todos os homens da comunidade já estavam embriagados, impossibilitando qualquer discussão. O que os leva a isso não ficou muito claro e vejo como necessários estudos que, além de tentar ajudar a população neste sentido, também façam investigações mais profundas.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Antes de qualquer comentário, preciso fazer duas colocações. A primeira diz respeito às próprias considerações finais, que estão longe de serem conclusivas, pois acredito que este trabalho seja apenas mais uma contribuição para outras discussões que já se fizeram e se estão fazendo, em relação ao Jaú. A segunda é referente a duas questões que, depois de “analisar os dados”, senti necessidade de discutir: sustentabilidade e educação ambiental, isso por entender que os modos de vida dos habitantes de Seringalzinho e Tapiira, de muitas formas, estão imbricados com estes dois temas. Entendo também que, assim como as questões referentes ao meio ambiente, educação ambiental e sustentabilidade são temas transversais e interdisciplinares e permeiam qualquer discussão que envolva estas problemáticas que, por serem diversas e suscitarem vários entendimentos, tornam necessário dizer de onde se está falando e onde se quer chegar.

Os temas educação ambiental e sustentabilidade aparecem no momento atual como uma possibilidade de superação da complexa crise que afeta nosso planeta. Ambas as questões possuem uma contextualização histórica, social, cultural e econômica e se inserem num contexto globalizado, emergindo diversificadamente no âmbito teórico, ideológico e no senso comum. Esses temas estão imbricados, à medida em que ambos se articulam na construção da cidadania, respeitando as diversas culturas e primando por ações locais, mas com visões globais.

O conturbado cenário mundial em que a crise socioambiental se faz sentir, levou à construção de novos conceitos, como os de ecodesenvolvimento e desenvolvimento sustentável. O primeiro segundo Jacobi (1999), terá em Sachs um de seus principais divulgadores. Este elaborou uma categorização com cinco dimensões de sustentabilidade para o ecodesenvolvimento: sustentabilidade econômica, ecológica, geográfica, espacial e cultural. Essas dimensões da sustentabilidade contém, em seus princípios, a necessidade de melhorar a qualidade de vida dos/as cidadão/ãs, conservando o meio natural. Sachs enfatiza que o ecodesenvolvimento surge como uma estratégia alternativa de ordem econômica. Assim, para o autor, este tema oferece uma resposta harmônica às questões ambientais e sócio-econômicas, sendo que, segundo ele, o desenvolvimento de um país estaria baseado nas suas próprias potencialidades.

O conceito de desenvolvimento sustentável aglutina em si uma proposta sustentada do uso dos recursos naturais, isto é, pretendia-se através de práticas sustentáveis de desenvolvimento, garantir o uso dos recursos às futuras gerações. Apesar de parecer, à primeira vista, a solução dos problemas ambientais, a concepção de desenvolvimento sustentável não ficou isenta de críticas e discussões, e a afirmação de que o desenvolvimento nunca poderá ser sustentável se fez ecoar (Viezzer e Ovalles, 1994).

Montibeller Filho (1999) diz, que apesar das críticas e das diferenças apontadas aos conceitos de desenvolvimento sustentado e de ecodesenvolvimento, há convergência entre eles. Este autor aponta alguns elementos comuns a ambos, como: *“holismo, abordagem sistêmica,, ambientalismo, plano e planejamento local (tendo referência global), principalmente”* (idem, :32). Para o autor esses temas são interdependentes.

Não querendo negar as críticas, principalmente as que falam da ambigüidade que é subjacente aos conceitos, podemos dizer que estas concepções trouxeram à baila novos elementos para pensarmos desenvolvimento pautado na sobrepujança da riqueza, no progresso a qualquer custo, e tantas outras questões que nós, como terceiros mundistas, conhecemos muito bem (Costa, 1995).

Na década de 80 os movimentos ambientalistas brasileiros assumiram uma postura que entende a questão como polissêmica, tornando necessários atores que busquem alternativas viáveis à restauração do meio ambiente degradado, assim como à prevenção de novos problemas.

No Brasil, a Eco-92 representou um marco no sentido de buscar alternativas concretas que visavam atenuar os impactos ambientais. Neste sentido assumiu como proposta mais adequada, o conceito de desenvolvimento sustentável. Na redação do relatório final do evento ficou decidido que esse devia considerar a complexa relação que envolve desenvolvimento e meio ambiente. Além disso, uma das idéias contidas neste conceito, tinha como desafio vincular positivamente desenvolvimento e natureza, com base no tripé: justiça social, eficiência econômica e prudência ecológica. Todo esse ideário não ficou livre de questionamentos e muitos já os fizeram, e por várias razões. No entanto, historicamente, a idéia de desenvolvimento sustentável influenciou toda uma forma de pensar, avançando nas abordagens tradicionais de conservação dos recursos naturais (Almeida, 1999).

Nas últimas décadas as discussões sobre o tema ficaram ainda mais acaloradas e para Costa (1995:11), o desenvolvimento sustentável mais parece um dragão que se constitui com muitas faces, assumindo diversas formas inescrutáveis e, apesar do alarde, o conceito ainda é “... *inócuo para identificação de instrumentos quantitativos e qualitativos de políticas econômicas apropriadas para intervir na realidade concreta. Por outro lado, inexistem experiências, meios e práticas efetivas que garantam sua operacionalização ...*” o que levou a enganos, confundindo-se desenvolvimento sustentável com projetos agrícolas, manejo florestal e sustentabilidade de recursos renováveis.

Em suma, ambos os conceitos contém propostas aceitáveis que podem ser sintetizadas, segundo Montibeller Filho (1999), no trinômio: eficiência econômica, social e ambiental. A visão de Reigota (1999) é convergente com a do autor, porém ele acredita que a ciência pode contribuir com a eficiência de ações que busquem um desenvolvimento ecologicamente correto, mas ressalta que ela só poderá prestar esta contribuição incorporando outras formas de conhecimento, sejam os artísticos, políticos, religiosos, ou populares,

A ciência como uma aliada ao desenvolvimento com base ecologista não é uma proposta ingênua. Ela é apenas um dos elementos essenciais para o desenvolvimento de uma sociedade que considera a importância da distribuição das riquezas e do bem comum, da equidade e da justiça como princípios básicos que poderão garantir a sustentabilidade do planeta”. (Reigota, 1999: 191)

O que se convencionou chamar de educação ambiental surgiu na Conferência de Estocolmo, em 1970, que teve como tema o problema da poluição mundial, sendo a indústria a principal fonte poluidora. Neste período o Brasil vivia o famoso “Milagre Econômico” portanto, na conferência de Estocolmo, defendeu a implantação das indústrias com a célebre frase “a poluição é o preço que se paga pelo progresso”. O positivo deste encontro, que contou com a participação de 113 países, foi a recomendação para a criação de um Programa Internacional de Educação para os/as cidadãos/ãs buscando desta forma, soluções para os problemas ambientais.

O primeiro congresso em educação ambiental ocorreu em Tbilisi, 1977, onde se

apresentou o que estava sendo desenvolvido neste âmbito. Nesta conferência, fundamentaram-se os pressupostos teórico-metodológicos para o desenvolvimento da educação ambiental e também se definiram os objetivos, as características, as estratégias e as recomendações para a sua implantação. A principal recomendação para a execução da educação ambiental, segundo Dias (1994: vii), é que esta deveria “ *considerar o meio ambiente em sua totalidade, ser contínua, atingir todas as faixas de idade, ocorrer dentro e fora da escola e examinar as questões ambientais locais, nacionais e internacionais, sob um enfoque interdisciplinar*”

Infelizmente no Brasil, neste primeiro momento, a educação ambiental não tomou maiores proporções mas, mesmo assim, em 70 criou-se a Secretaria do Meio Ambiente, que caminhava na contramão dos preceitos educacionais, levando à criação de livros e materiais que se confundiram com o ensino de ecologia. A partir de 1990, o Brasil deu novos rumos à educação ambiental e reforçou uma “consciência ambiental” que surgira timidamente, acompanhando os acontecimentos internacionais.

Essa educação começou a ser ministrada isoladamente em parques, escolas, zoológicos e associações. Segundo Reigota (1994:10) é com o “*assassinato de Chico Mendes e o desmatamento da Amazônia que ocorre uma manifestação maior na área, porém sem muitos pressupostos filosóficos, sem muitos fundamentos pedagógicos*”. Na execução dos trabalhos, dificilmente consideravam-se as indicações que o Manual Latino de Educ-Ação Ambiental preconiza como necessárias ao desenvolvimento de programas nesta área, ou seja, a recomendação de que a educação ambiental deve ser entendida como: “ *... uma proposta de filosofia de vida que resgata valores éticos, estéticos, democráticos e humanistas. ...*”, nem sempre foi posta em prática. Com base nesses pressupostos podemos dizer que a educação ambiental é “*... uma educação política, no sentido de que ela reivindica e prepara os cidadãos/ãs para exigir justiça social, cidadania nacional e planetária, autogestão e ética nas relações sociais e com a natureza.*” Reigota (idem: idem)

Nas últimas décadas, este tema tem sido um parâmetro a mais para se pensar as questões educacionais e muitas pesquisas, projetos, experiências comunitárias e escolares, vêm sendo realizados tanto nas esferas formais, como informais. À guisa de exemplo, há muitas publicações sobre o tema: Reigota 1994; Noal et all (org.) 1998; Grun 1996; Viezzer e Ovalles (Org.) 1994, Azevedo 1999, Higuchi e et all 1996, Vieria e et alli (1997), etc.

Leff (1999) diz que atualmente a educação ambiental se inscreve num contexto interdisciplinar e os parâmetros da sustentabilidade (e os processos pelos quais ela se insere nas ações e programas) têm por base a construção de novos objetivos, que visam a problematização dos paradigmas vigentes e discutem a formação de novos docentes, assim como a inserção das questões ambientais nos programas curriculares.

“educação ambiental adquire um sentido estratégico na condução do processo de transição para uma sociedade sustentável. Trata-se de um processo histórico que reclama o compromisso do Estado e da cidadania para elaborar projetos nacionais, regionais e locais nos quais a educação ambiental se defina através de um critério de sustentabilidade que corresponda ao potencial ecológico e aos valores culturais de cada região; de uma educação ambiental que gere uma consequência e capacidade próprias para que as populações possam se apropriar de seu ambiente como fonte de riqueza econômica, de gozo estético e de novos sentidos civilizatórios; de um novo mundo no qual todos os indivíduos, as comunidades e as nações vivam irmanados em laços de solidariedade e harmonia com a natureza”. (Leff 1999: 128).

As considerações acima se fazem necessárias, na medida que vejo como as situações observadas em Seringalzinho e Tapiíra ainda precisam ser repensadas, não apenas nos aspectos legais, como a retirada dos habitantes do Parque, mas também nas atitudes dos grupos com relação os/as cidadãos/ãs possuidores de direitos e merecedores de uma melhor qualidade de vida.

Quanto à situação legal, acredito que só há uma perspectiva a ser vista, e neste caso deve-se considerar a vontade de cada um. A permanência ou não no local deve ser um escolha individual pois, como observei nas conversas com moradores, alguns gostariam de viver na cidade, porém outros não querem sair do local. Que seja respeitado o direito de ir e vir de cada um. E aos que optarem por sair, que lhes sejam dadas as justas indenizações garantidas por lei. Se hoje a União não possui condições financeiras para sanar o problema, que também não os condenem a viverem no PNJ sem perspectivas.

Acredito que, com relação à saída ou à permanência no Parque, a questão central está em mudar essa visão de parque como algo incompatível com a presença humana,

afinal esta presença vem de longa data e neste sentido, concordo com Sachs (1993) quando diz que não é com a transformação de milhões de quilômetros em Parques Nacionais ou Reservas Biológicas de Proteção Integral, que vamos sanar os problemas ambientais. É necessário se considerar os modos de vida dessas pessoas, o potencial de ecodesenvolvimento dessas áreas, pois o não-desenvolvimento não é solução para o mau-desenvolvimento.

Wolff (1999) diz que alguns estudos mostram que a manutenção da biodiversidade amazônica só se tornou possível graças à ocupação humana, pois foi com a ajuda destes povos que muitas espécies foram selecionadas, contribuindo para a rica biodiversidade da Amazônia que se deu independente das técnicas de manuseio do uso do solo usadas pelas populações tradicionais, como os índios e os caboclos. Técnicas que aparecem em muitos livros como um mau costume, porque usam a queima da mata, sendo acusadas de provocar devastação. Porém é essa técnica de corte e queima, que até hoje é usada e já foi descrita neste trabalho como o sistema de pousio, que aparentemente não tem causado tantos danos como se propalou.

Dean (1996), ao falar da devastação da mata Atlântica, procura mostrar como o sistema utilizado pela população nativa era viável, uma vez que a baixa densidade populacional (0,5 habitantes por Km²) não comprometia o uso e manuseio do solo. Porém, com a chegada dos portugueses, cujo objetivo era fixar permanentemente a população rural, as técnicas agrícolas usadas pelos indígenas foram se intensificando, e foi o afã pelo “desenvolvimento” que levou, especialmente a Mata Atlântica, a sucumbir.

Não estou aqui querendo eximir as populações do PNJ por suas ações, mas, segundo a FVA (1998b), apesar de ainda não haver estudos mais aprofundados a respeito dos problemas que os habitantes possam causar ao parque com suas atividades, pode-se dizer que, de uma forma geral, não são os principais responsáveis pelos impactos ambientais que lá ocorrem. Acredito que na realidade se faz necessária uma conjunção entre lei e necessidades locais pois, como salienta Kitamura (1995), as populações de baixa renda são responsáveis por ações degradadoras, porém também são vítimas dos sistemas.

Sachs (1993: 50) diz que já se afirmou que a população amazônica é uma espécie ameaçada, pois sobrevive em condições de extrema pobreza. Em função disso, são pessoas que querem emprego, escola, melhores condições de vida, saúde, moradia

digna, etc., mas o fato de quererem essas melhorias não as coloca na posição de responsáveis pela degradação, pois *“não podem ser responsabilizadas por colocarem sua própria sobrevivência acima das preocupações globais e da proteção da biodiversidade, da qual é provável que outras populações, em outros continentes, extraiam o principal benefício”*.

Essa população, que ora surge como vítima e ora como vilã, é responsável por um grande patrimônio (não só ela mas todos os brasileiros de alguma forma), porém ela precisa no mínimo de condições para exercer sua cidadania, e aqui vejo como é importante e necessário um programa de educação ambiental, para que esse povo possa descobrir seus direitos e, conforme suas necessidades, traçar seus planos de ação. Alguma coisa já se fez e está se fazendo nesse sentido, pois a FVA junto com a população, elaborou o Plano de Manejo do Parque, o que julgo avanço considerável. Além disso, a Fundação procura desenvolver junto às comunidades alguns projetos, como os de agricultura familiar ecológica, apicultura entre outros. Porém ainda é pouco, são necessárias mais ações, e ações que, acima de tudo, considerem a opinião e a necessidade dos habitantes de cada comunidade do Parque.

Um trabalho que vejo como de certa urgência, é a reciclagem de professores do local, já que é praticamente impossível desenvolver projetos com as comunidades contando com a constante presença de um educador ambiental. Assim penso que uma possibilidade está em trabalhar com os professores, para que esses sejam agentes disseminadores de uma proposta pedagógica de educação ambiental política e participativa, onde os programas a serem desenvolvidos tenham a cara do local, afastando-se daqueles conteúdos impostos pela Secretária de Educação, que falam de uma realidade totalmente alheia à população.

Digo isso porque quando estive hospedada no Seringalzinho, pude observar as aulas do professor local e, muitas vezes deixei a escola para não ter que compartilhar de uma aula onde as crianças viam apenas a geografia urbana, os costumes de outras pessoas. Não que o conhecimento geral não seja necessário, com certeza é, mas como entender uma outra realidade, quando se desconhece a própria? Como entender um sistema complexo, se desconhecemos os nossos sistemas de organização; como entender o todo se a parte a que pertencemos nos passa despercebida? Não estou aqui defendendo um ensino fragmentado, até porque esse sistema não combina com uma visão globalizadora, onde estão contidas as questões históricas, sociais, culturais, a

sustentabilidade e a educação ambiental, mas entendo que o conhecimento deve acompanhar o processo de desenvolvimento cognitivo que se dá, conforme Piaget (1984), da formação de estruturas sensório motoras e concretas (capacitadas a lidarem com o mundo objetivo imediato), para a constituição das estruturas formais de pensamento (aptas a abstrações, capazes de se desligar da realidade concreta imediata).

Assim, seguindo inclusive os ensinamentos de Paulo Freire (1980), as novas gerações dos habitantes que freqüentam as escolas do PNJ, deveriam aprender a partir de suas experiências práticas, de suas vivências concretas, para poderem chegar a conhecimentos mais abstratos de outras realidades, que não vivenciaram.

Como ensina o método Paulo Freire, os conteúdos ministrados nas aulas, sejam elas de matemática, história, português, etc., precisam ser relacionados com a vida dos alunos. Assim, são programados pedagogicamente a partir de palavras geradoras, isto é, palavras extraídas de suas próprias vivências, através da observação ou de técnicas dialógicas. Desta forma, sejam os alunos crianças ou adultos, terão melhores condições de aprendizagem, pois estarão falando de algo que pertence ao seu universo simbólico.

A técnica que usei para trabalhar com a terceira geração (que pode utilizar, além do desenho, a pintura, a colagem, montagem, dramatizações, etc.) tem sido muito útil em alguns trabalhos que já realizei e que outros colegas também realizaram.¹⁹ Essa técnica, que pode ser usada com adultos, costuma dar resultados bastante positivos, pois quando se pede que as pessoas desenhem e depois expliquem o que fizeram, elas oferecem elementos pertinentes ao seu cotidiano, e a partir deles se podem desenvolver programas interdisciplinares que visem ligações da realidade local com a global. Além disso, a técnica permite uma visão das práticas dos sujeitos envolvidos, as quais podem ser relacionadas às suas condições de vida e aos conteúdos ministrados na escola.

Não quero aqui formular um programa para se trabalhar nas comunidades, até porque não acredito que um programa elaborado sem a opinião dos maiores interessados, no caso a população local, possa despertar algum interesse nos envolvidos e, conseqüentemente, trazer algum efeito, sendo apenas mais uma imposição.

É neste sentido de procurar dar voz à população local, que vejo como a educação ambiental pode ser libertadora e formadora de uma nova “consciência” política,

¹⁹ Mais informações ver Abreu (1995 e 1998); Azevedo (1996 e 1998), trabalhos que desenvolveram programas de educação ambiental, junto a comunidades.

histórica e ecológica, onde os interesses econômicos não obedeçam só às leis do capitalismo mas que, acima de tudo, sejam responsáveis por uma sociedade sustentada, pois a *“solidariedade para com as gerações futuras só faz sentido como um complemento à solidariedade para com aqueles que hoje são marginalizados”* (Sachs, 1993: 69).

Após o trabalho de campo e a revisão bibliográfica, é possível dizer que nas comunidades pesquisadas, as relações de gênero estão pautadas na hierarquia e na assimetria de papéis masculinos e femininos. Os homens aparecem como os chefes da casa, os provedores e principais responsáveis pelas decisões econômicas. Isso não impede que as mulheres tramitem também nesses campos, mas suas atuações, nas explicações verbais, são minimizadas ou invisibilizadas.

A comercialização da produção é geralmente atribuição dos homens. Em 16 de junho de 1999, eu estava em casa quando seu Cosmo chegou e relatou-me uma briga entre ele e um outro morador de Seringalzinho, dizendo que iria tomar providências judiciais, que havia enviado a esposa, dona Perpétua, a Novo Airão para que esta conversasse com o delegado. Ao narrar esse acontecimento, seu Cosmo ressaltou sua apreensão por haver enviado sua esposa, ao invés dele mesmo ter ido. Sua preocupação decorria do fato de considerar que esse é um trabalho para um homem e não para uma mulher: *“eu que tinha que ter ido, sou o chefe da casa, mas não pude ir, por isso mandei a mulher, espero que ela faça as coisa direito”*. No outro dia ele procurou-me novamente, para dizer que sua esposa já estava de volta e que tudo tinha ocorrido bem e ressaltou: *“ela sabe fazer as coisa, mas eu tava com medo, também já vive muito tempo comigo que sô um homi vivido”*.

Dona Joelina, que se diz *“o homem e a mulher da casa”* uma vez que seu esposo vive doente, não comercializa o cipó extraído pela família. Nesta hora é o marido quem desempenha a função de comerciante. É o marido que, mesmo doente, vai até Novo Airão ou junto ao regatão, para realizar os negócios.

Em ambas as comunidades, e isto com relação às três gerações, a situação não é diferente. Incluo aqui a terceira geração, porque quem acompanha o pai na comercialização não é uma filha mulher, mas um filho homem. Conversando com Antônio 14, anos, perguntei porque não o tinha mais visto na comunidade e ele respondeu que estava em Barcelos, com o pai, onde tinham ido vender farinha. Em Seringalzinho, quando não há aula, os meninos acompanham os pais para o centro da

mata em busca de cipô e as meninas ficam em casa esperando para descascar o cipó. No Tapiíra as meninas vão para a roça, mas são os meninos que vão ao centros comerciais com os pais.

O futebol, em ambas as comunidades, é uma atividade onde homens e mulheres brincam juntos, mas apesar de ser uma brincadeira, há uma certa hierarquia, como já foi relatado. Em alguns jogos mistos, ouvi os homens recomendando uns aos outros que prestassem atenção, pois eles estavam jogando com mulheres. Em uma das inúmeras partidas a que assisti, resolvi perguntar o porquê do alerta. Ao término do jogo procurei o Antenor que durante a partida havia feito a recomendação ao Domingos. Perguntei porque, ao jogar futebol com as mulheres, tinha que ter atenção. Ele me respondeu: *“mulher não aguenta porrada, os homi joga muito pesado”*. Perguntei ao Domingos o que ele havia entendido da recomendação do Antenor e, ele respondeu-me, *“mulher é assim mais devagar, num corre muito, cansa rápido e num aguenta porrada”*. Situação idêntica presenciei no Tapiíra, e desta vez foi o Nego que recomendou ao irmão Davi que jogasse mais devagar, pois as mulheres iam se machucar. Interrogados, a resposta não se diferenciou em nada das anteriores, a mulher é vista dentro do estereótipo de frágil.²⁰

Uma outra situação que presenciei e ocorreu nas duas comunidades, também serve para ilustrar a hierarquização e assimetrias nas relações de gênero. Durante uma festa no Seringalzinho conversava com dona Rita e dona Joelina, quando as duas comentaram que mulher não pode dizer não a um cavalheiro que a tire para dançar. Perguntei porque, a resposta que obtive é que isso é uma desfeita para um homem e dona Joelina ainda acrescentou, que se uma de suas filhas fizesse desfeita em uma festa, ela bateria na filha, pois quem está na festa é para dançar. No Tapiíra, durante uma festa, encontrei com seu Tarcísio que, indignado, reclamava de uma jovem que não aceitara dançar com ele, e disse que só não a espancou porque não queria criar confusão.

A violência é outro ponto que marca as relações dos informantes. Cardoso (1997), diz que a violência é algo pertinente às mais diversas culturas assim como aos mais diversos lugares, e que ela ocorre independente do nível sócioeconômico, ou das características culturais de cada país. A violência não é apenas física, mas também

²⁰ Antenor, 32 anos, Domingos, 17 anos, Seringalzinho. Davi, 11 anos e Nego 25 anos, Tapiíra.

emocional e não ocorre só entre homens e mulheres, mas também se manifesta nas relações entre mulheres e entre homens.

Quando uma mulher é espancada pelo marido, é comum as outras mulheres concordarem com o espancamento e encontrarem as mais diversas justificativas para o fato. Quando narro o episódio em que Edinete é espancada pelo marido narro também a fala da mãe do agressor, que vê a ação do filho como um fato normal, afinal ele estava bêbado e a mulher não deveria ter ido incomodá-lo, principalmente não deveria agir da forma como agiu, chutando sua garrafa de cachaça.

Mas nessa relação de violência as mulheres também são sujeitos e, ao invés de vítimas passivas, como é comum pensar que elas sejam, elas usam de estratégias de sobrevivência e de defesa (Wolff, 1999). Geralmente, ao serem espancadas, elas também espancam, não presenciei nenhum caso nesse sentido, mas em conversa com um grupo de mulheres durante uma capinação que fazíamos num final de tarde, local onde seria construídos a casa do professor, ouvi as mulheres falarem de suas brigas com os maridos e frisarem que também batiam, ou que deixavam de manter relações sexuais com eles por um tempo. Uma das mulheres falou: *“ah, rapaz, ele me bateu, mas também ficou sem vê xibiu por muito tempo, é pra aprender”*.²¹ Lançando mão de estratégias como essas, as mulheres vão se impondo e burlando o sistema autoritário e machista ao qual estão submetidas.

Apesar dessa demarcação dos campos masculinos e femininos não se pode negar a influência das mulheres nas comunidades analisadas, tanto no nível privado, doméstico, familiar, quanto no nível coletivo, das decisões comunitárias. O poder feminino, embora não declarado nas representações dos sujeitos, extrapola os relacionamentos conjugais e familiares, estendendo-se entre homens e entre mulheres.

Com relação às relações de gênero, acredito que alguns pontos merecem ser aprofundados, por exemplo as questões da violência e da luta pelo poder, tanto na esfera familiar, como na pública. Neste caso mais especificamente devem ser discutidos os critérios para escolha dos líderes comunitários, que em geral são homens. Penso que um aprofundamento desses pontos trará elementos que possibilitarão uma maior compreensão dos modos de vida das populações que habitam o Jaú.

²¹ Fragmentos da fala de uma moradora de Seringalzinho de 22 anos.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

- ABAGNANO, N. (1982). *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Mestre Jou.
- ABREU, M. J. P. (1996). "Representações Infantis de Meio Ambiente". *Relatório Anual. IC/INPA/CNPq*. Fevereiro. Manaus/Am
- AGARWAL, B. (1992). "The gender and environment debate: lessons from Índia." *Feminist Studies*. 18(1): Spring.
- ALMEIDA, J. (1999). "A problemática do desenvolvimento sustentável." In: BECKER, F. D. *Desenvolvimento sustentável: necessidade e/ou possibilidade?* Santa Cruz do Sul: Edunisc.
- ALMEIDA, M. W. B. "As colocações como forma social, sistema tecnológico e unidade de recursos naturais". *Terra Indígena* 54(7).
- ARRUDA, A. (1999). "Representações Sociais e Movimentos Sociais: Grupos Ecológicos e Ecofeministas do Rio de Janeiro." In: *Estudos Interdisciplinares de Representação Social*. Goiânia. AB.
- AZEVEDO, G. C. (1998). "Programa de Educação Ambiental com moradores vizinhos a reserva Duck: Cidade de Deus- etapa 2". *Relatório anual. PCI/INPA/CNPq*. Fevereiro. Manaus/Am
- _____ (1995). "Representações Infantis de Meio Ambiente". *Relatório Anual IC/INPA/CNPq*. Agosto. Manaus/Am.
- _____ (1999). "Uso de jornais e revistas na perspectiva da representação social de meio ambiente em sala de aula". In: REIGOTA, M. (Org). *Verde cotidiano: o meio ambiente em discussão*. Rio de Janeiro: DP&A.
- BACON, F. (1987). *Coleção Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural.
- BEAUVOIR, S. (1980) *O Segundo Sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- BENCHIMOL, S. (1995). "O homem e o rio na Amazônia: uma abordagem eco-sociológica". In COSTA, J. M. M.. *Amazônia: desenvolvimento econômico*,

- desenvolvimento sustentável e sustentabilidade de recursos naturais*. Belém: UFPA. NUMA.
- BOSI, E. (1994). *Memória e Sociedade: Lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- BRANCO, S. M (1989). *Uma abordagem integrada dos problemas do meio ambiente*. São Paulo: Edgard Bliicher LTDA.
- CAPRA, F. (1996). *A teia da vida*. São Paulo: Cultrix.
- CARDOSO, N. M. B. (1997). "Psicologia e Relações de Gênero: A Socialização do Gênero Feminino e suas Implicações na Violência Conjugal em Relação às Mulheres". In: ZANELLA, AV., et. al. *Psicologia e Práticas Sociais*. Porto Alegre. ABRAPSOSUL.
- CARDOS, R.C. L. (1986). "Aventura de antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do método". In: CARDOSO, R C. L. (org). *Aventura antropológica - teoria e pesquisa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra
- CASTRO, J. de, (1952). *Geografia da Fome*. Rio de Janeiro: CEB.
- CAVALCANTI, H. (1999). *Imaginário Social e Práticas de Saída da Pobreza: o povo de São Severino "dos Macacos"*. Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo – USP.
- CHAVES, M. P. R. (1994). *De "Cativo" a "Liberto": o processo de constituição sócio-histórica do seringueiro no Amazonas*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Paraíba.
- CHAYANOV (1974). *La Organización de la Unidad Económica Campesina*. Buenos Aires: Nueva Visión.
- COSTA, J. M. (1995) "Amazônia; Desenvolvimento regional e desenvolvimento sustentável: uma avaliação de consistência macroeconômica". In: COSTA, J. M. *Amazônia: desenvolvimento econômico, desenvolvimento sustentável e sustentabilidade de recursos naturais*. Belém: UFPA. NUMA.

- DA MATTÁ, R. (1986). "O Ofício do Etnólogo ou como ter 'Antropological Blues'".
In: NUNES, E (org.) *A Aventura Sociológica, Paixão, Improviso e Método na Pesquisa Social*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- _____ (1994). *Conta de Mentiroso. Sete ensaios de antropologia brasileira*.
Rio de Janeiro: Rocco.
- DALLARI, S. G., (1987). *A saúde do brasileiro*. São Paulo: Moderna.
- DEAN, W. (1996). *A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras.
- DESCARTES, R. (1987) *Coleção Os Pensadores*. Abril Cultural.
- DIAS, G. F (1994). *Atividades interdisciplinar de educação ambiental*. São Paulo: Global/Gaia.
- DIEGUES, A. C. (1994). *O nosso lugar virou parque*. São Paulo: NUPAUB-USP.
- _____ (1996). *O mito da natureza intocada*. São Paulo: Ed. Hucitec.
- _____ (1992). "Populações Humanas e as Áreas Inundáveis da Amazônia".
In: DIEGUES, A. C. *Coletânea de trabalhos apresentados no 4º encontro de Ciências Sociais e o Mar no Brasil*. São Paulo. PPCAUB – USP.
- DUMONT, L. (1985). *O Individualismo. Uma Perspectiva Antropológica da Ideologia Moderna*. Rio de Janeiro Rocco.
- _____ (1992). *Homo Hierarchicus*. São Paulo. Edusp.
- FONSECA, C. (1998). *Quando cada caso NÃO é um caso: pesquisa etnográfica e educação*. Trabalho apresentado em Seminário no CED, Universidade Federal de Santa Catarina, Fpolis.
- FRANCO, M P. (1997). "Histórias de Ivanilde no Alto Juruá". *Cadernos Pagu*.
Unicamp. São Paulo.
- FREIRE, P. (1980). *Conscientização: teoria e prática da libertação*. São Paulo: Moraes.

- _____ (1994). *Leitura do mundo, leitura da palavra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- FRY, P. (1982). *Para Inglês Ver: Identidade e Política na Cultura Brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar.
- FVA. (1998a). *Plano de manejo do Parque Nacional do Jaú*. Manaus: FVA/IBAMA
- FVA (1998b) *Gênese de um plano de Manejo. Ocaso do Parque Nacional do Jaú*. Manaus: FVA/IBAMA.
- GARCIA Jr., A. e HEREDIA, B. (1971). "Trabalho Familiar e Campesinato". In: *Revista America Latina* 14 (1-2): 10 - 19.
- GONÇALVES, C. W. P (1989). *Os (des)Caminhos do meio ambiente*. São Paulo: Contexto.
- GROSSI, M, P e MIGUEL, S. M. (1995). "A trajetória do conceito de Gênero nos estudos sobre mulher no Brasil". *Calhamaço*, nº. 2, LEC, UFSC.
- GRÜN, M (1996), *Ética e educação ambiental: A conexão necessária*. Campinas/SP: Papyrus.
- GUATARRI, F. (1993). *As três ecologias*. São Paulo: Papyrus.
- HEGEL, G.W.F. (1993). *Fenomenologia do Espírito*. Petrópolis/RJ: Vozes.
- HEIDBREDER, E. (1978). *Psicologias do Século XX*. São Paulo: Mestre Jou.
- HEILBORN, M L. (1994). *Quem Mandou Nascer Primeiro?: Gênero e Idade em Famílias Trabalhadoras Urbanas*. Trabalho apresentado na XIX Reunião da ABA.
- HIGUCHI, M I G. et alli (1996). "Representações infantis de meio ambiente amazônico: implicações no ensino da educação ambiental". *Revista Internacional de Psicologia/Interamerican Journal of Psychology*. Vol. 30. Nº 2.
- IBAMA. (2000) (www.ibama.gov.com.br). Última consulta: 22 de janeiro de 2000.
- IBGE (1993). *Geografia do Brasil: Região Norte*. Vol. 3. Rio de Janeiro.
- IUCN, (1996) LA Union Mundial para la Naturaleza Parques y Progresos: Areas Protegidas y Desarrollo Económico em América Latina y el Caribe.

- JACOBI, P. (1999). "Sustentabilidade e Mudança Sociocultural". In: *Debates Sócio Ambientais. Brasil 500 anos. Uma abordagem Sócio Ambiental – o Homem*. ACIMA – CEDEC. Ano V – No. 12 mar/jun.
- JESUS, E. L (1998). *Parque Nacional do Jaú: A Ética do com-viver*. Dissertação de Mestrado: Universidade Federal do Rio Grande.
- KANT, M. (1987). *Coleção Os Pensadores*. São Paulo, Abril Cultural.
- KAUSTSKY, K. (1972). *A questão Agrária*. Porto: Portucalense.
- KITAMURA, P. C. (1995). "Políticas ambientais para a Amazônia: uma avaliação crítica". In: COSTA, J. M. M. *Amazônia: desenvolvimento econômico, desenvolvimento sustentável e sustentabilidade de recursos naturais*. Belém. UFPA. NUMA.
- LAGO, M. C. S. (1999): *Conceituando Gênero*. Aula Ministrada no Curso de Atuação Política da Mulher. ICESPE, Casa da Mulher Catarina. Florianópolis.
- _____. M. C. S (1983), *Memória de uma comunidade que se transforma: de localidade agrícola-pesqueira a balneário*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina.
- _____. (1996), *Modos de vida e identidade. Sujeitos no processo de urbanização da Ilha de Santa Catarina*. Florianópolis: EdUFSC.
- _____. (1994). "Modos de Vida e Escolaridade". In: *Revista de Ciências Humanas*. Vol. 12, nº 16, outubro. Florianópolis. EdUSFC.
- LANGE, B. e RATTO, V. (1998). "Fundamentação político - pedagógica para a formação de técnicos em meio ambiente". In: Noal, F. O, REIGOTA M. e BARCELOS, V. H. L (1998), *Tendências da Educação Ambiental*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC.
- LEFF, E. (1999). "Educação Ambiental e desenvolvimento sustentável". In: REIGOTA, M. (Org). *Verde cotidiano: o meio ambiente em discussão*. Rio de Janeiro: DP&A
- LEIS, H. R. (1996). *O labirinto: ensaios sobre ambientalismo e globalização*. São Paulo: Gaia.

- MAC CORMACK C. (1980). "Nature, culture and gender: a critique". In: MAC CORMACK & C, STRATHERN, M. (eds), *Nature, culture and gender*. Cambridge. Cambridge university press.
- MAIER, H. E. (1994), "Por un análisis bisexuado de la problemática ecológica". *Relaciones. Estudios de História y Sociedad*. nº 60. Vol. XVI, otoño. El Colegio de Michocán.
- MALUF, S. (1993), *Encontros Noturnos. Bruxas e bruxarias da Lagoa da Conceição*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.
- MARCUSE, H (1993), *La Ecología y la crítica de la sociedad moderna*. Icaria. Madrid.
- MATHIEU, N. C. (1973). "Homme- culture et femme-nature" *L'Homme* 13, 3 Paris.
- MEAD. M. (1988). *Sexo e Temperamento*. São Paulo. Perspectiva.
- MEGGERS. B. (1977). *Amazônia: a ilusão de um paraíso*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- MILANO, M, S. et ali. (1993). *Possibilidades alternativas para o manejo e o gerenciamento das unidades de conservação*. Brasília: IBAMA,
- MONTIBELLER FILHO, G. (1999). *O Mito do Desenvolvimento Sustentável*. Tese de doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, Fpolis.
- MORÁN, E. (1990). *A ecologia humana das populações da Amazônia*. Rio de Janeiro: Vozes.
- MOREIRA, H. L. F. (1992). "Aspectos da tecnologia dos pescadores Artesanais de Marudá". In: DIEGUES. A C. *Coletânea de trabalhos apresentados no 4º encontro de Ciências Sociais e o Mar no Brasil*. São Paulo. PPCAUB – USP.
- MOSCOVICI. S. (1978) "*A representação Social da Psicanálise*". Rio de Janeiro: Zahar,
- NOAL, F. O, et, al. (1998)(Org.) *Tendências da Educação Ambiental Brasileira*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC.
- OLIVEIRA, J A de. (1995). *Cidade na selva: Urbanização das Amazonas*. Tese de Doutorado, USP, São Paulo

- OLIVEIRA, R. e ANDERSON, E. S. (1999). *Gênero Conservação e Participação Comunitária: O caso do Parque Nacional do Jaú*. Estudo de Caso. No. 2. MERGE. University of Florida.
- ORTNER, S. (1979). "Está a Mulher para o Homem Assim Como a Natureza Para a Cultura?". In: ROSALDO Z M. e LAMPHERE, L. *A mulher a Cultura e a Sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- PAULILO, M.I. (1996). *Terra à Vista ... e ao Longe*. Florianópolis: EdUFSC.
- PENIN, S T. de S. (1994). *A Aula: Espaço de Conhecimento, Lugar de Cultura*. Campinas, Papirus.
- PEREIRA, H.S. (1994). "O extrativismo Vegetal na Amazônia: Uma contribuição para o debate". In: *Boletim Amazonense de Geografia*. Manaus: Metro Cúbico
- PETRERE, M. (1992). "As comunidades Humanas Ribeirinhas da Amazônia nas Transformações sociais". In: DIEGUES, A C. *Coletânea de trabalhos apresentados no 4º encontro de Ciências Sociais e o Mar no Brasil*. São Paulo. PPCAUB – USP.
- PIAGET, J. (1984). *A Formação do Símbolo na Criança*. Rio de Janeiro: Zahar.
- PLATÃO. (1987) *Coleção Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural.
- PORRO, A (1995). *O povo das águas: ensaios de etno-história amazônica*. Rio de Janeiro: Vozes.
- QUEIROZ, M. I. P de. (1988). "Relatos Oraís: do 'Indizível' ao 'Dizível'": In: VON SIMSON, O. (org.). *Experimentos com Histórias de vida*. São Paulo: Vértice.
- REBELO, G. H. (1995). *Os Moradores do Parque Nacional do Jaú*. Fundação Vitória Amazônica. (mimeo).
- REIGOTA, M (1994). *O que é Educação Ambiental?* São Paulo: Coleção Primeiros Passos, Brasiliense.
- _____ (1997). *Meio Ambiente e representação social*. São Paulo: Cortez
- _____ (1999). "A contribuição da ciência ao desenvolvimento com base ecologista". In: BECKER, D. F. In: *Desenvolvimento sustentável: necessidade e/ou possibilidade?* Santa Cruz do Sul. Edunisc.

- RIAL, C. S. (1988). *Mar-de-dentro: a transformação do espaço social na Lagoa da Conceição*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- RODRIGUES, W. A. (1996) *Estudo preliminar de mata de várzea alta de uma ilha do Baixo Rio Negro de solo argiloso e úmido*. Publicação nº 10. Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia.
- SACHS, I. (1993). *Estratégias de transição para o século XXI: desenvolvimento e meio ambiente*. São Paulo. Estudio Nobel: Fundação do Desenvolvimento Administrativo, (Cidade Aberta).
- SCOTT, J (1990), "Gênero, uma categoria útil de análise histórica". In. *Educação e Sociedade*. Porto Alegre, 16(2): jul./dez.
- SHIVA, V (1988), "La mujer en la naturaleza". In: *Abrazar la vida. Mujer, ecología y supervivencia*. Madrid: Horas y Horas.
- SILVA, F J B da. (1995.) *Unidades de Conservação e Desenvolvimento Regional: Um estudo sobre a Região da Baía da Babitonga - SC*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. Fpolis.
- SILVA, T D. (1997.). *Morraria da Praia Vermelha (Penha - SC): de Unidades Ambientais a Unidade de conservação*. Dissertação Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. Fpolis.
- SORG, B. (1992). "O feminismo como metáfora da natureza". In: *Estudos Feministas*. Rio de janeiro: v.o, nº/1.
- TEIXEIRA. C. C. (1997). "Seringueiros e colonos em Rondônia: formas de vida, modificações ecológicas e visões de natureza". *Revista Margem*. Nº 6 . São Paulo: EDUC.
- _____ (1999). *Visões de Natureza: Seringueiros e colonos em Rondônia*. São Paulo: EDUC.
- VIEIRA, A C P. et alii. (1999). "Meio Ambiente e Espaços Sagrados. Congresso Brasileiro de Unidades de Conservação". Vol. II. *Trabalhos Técnicos*. Curitiba. Universidade Livre do Meio Ambiente.

- VIEZZER, M e OVALLES, O. (orgs.). (1994). *Manual Latino-Americano de Educação Ambiental*. São Paulo: Gaia.
- WELTER, T. 1999. *Revisitando a Comunidade Cafuza a partir da problemática de gênero*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Fpolis.
- WIENSTEIN, B. (1993). *A borracha na Amazônia: Expansão e decadência (1850 - 1920)*. São Paulo: Hcítec - Edusp.
- WOLFF, C. . (1998). *Marias, Franciscas e Raimundas: uma História de Mulheres da Floresta Alto Juruá, Acre 1870 - 1945*. Tese de Doutorado. São Paulo. USP.
- WOLFF, C. S. (1999). *Mulheres da Floresta: uma história Alto Juruá, Acre (1890 - 1945)*. São Paulo: Hucítec.
- WORTMANN, E F. (1997). "Homens de hoje, mulheres de ontem - gênero e memória no Seringal". In: FREITAS, C. B. (org.) *Memórias - Anais do I Seminário e da II Semana de antropologia da Universidade Católica de Goiás*. Goiânia: EUCG.
- WORTMANN, K., 1976. "Planejamento familiar entre camponeses e na Pobreza urbana no Brasil". In: *Anuário Antropológico* nº2. Brasília: UNB
- WORTMANN, E F. (1996). "Família, mulher e meio ambiente no Seringal". *XX Reunião da ANPOCS*. Universidade de Brasília.

9. Anexos

9.1 Imagens do Jaú

As comunidades.



Comunidade de Seringalzinho

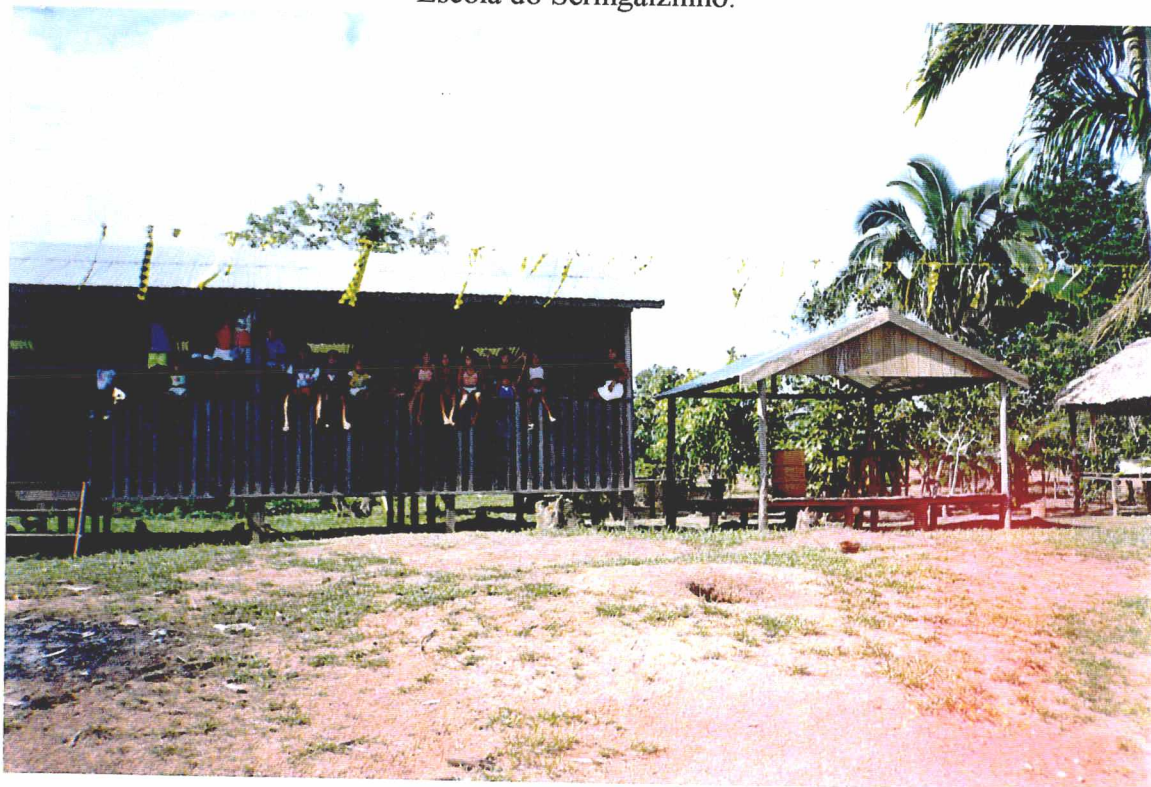


Comunidade de Tapiira

As escolas.



Escola do Seringalzinho.



Escola de Tapiira.

Alguns trabalhos.



Torrefação da farinha



Descascando cipó

E o povo se reúne...



para trabalhar,



para rezar...

O Lazer.



A sagrada partida de futebol.



E no forró ... só não vai quem já morreu.

9.2 Desenhos da terceira geração

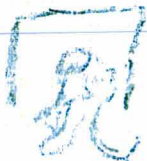
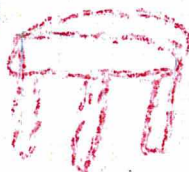
Antônio. 12 anos. Tapiira.

Antônio

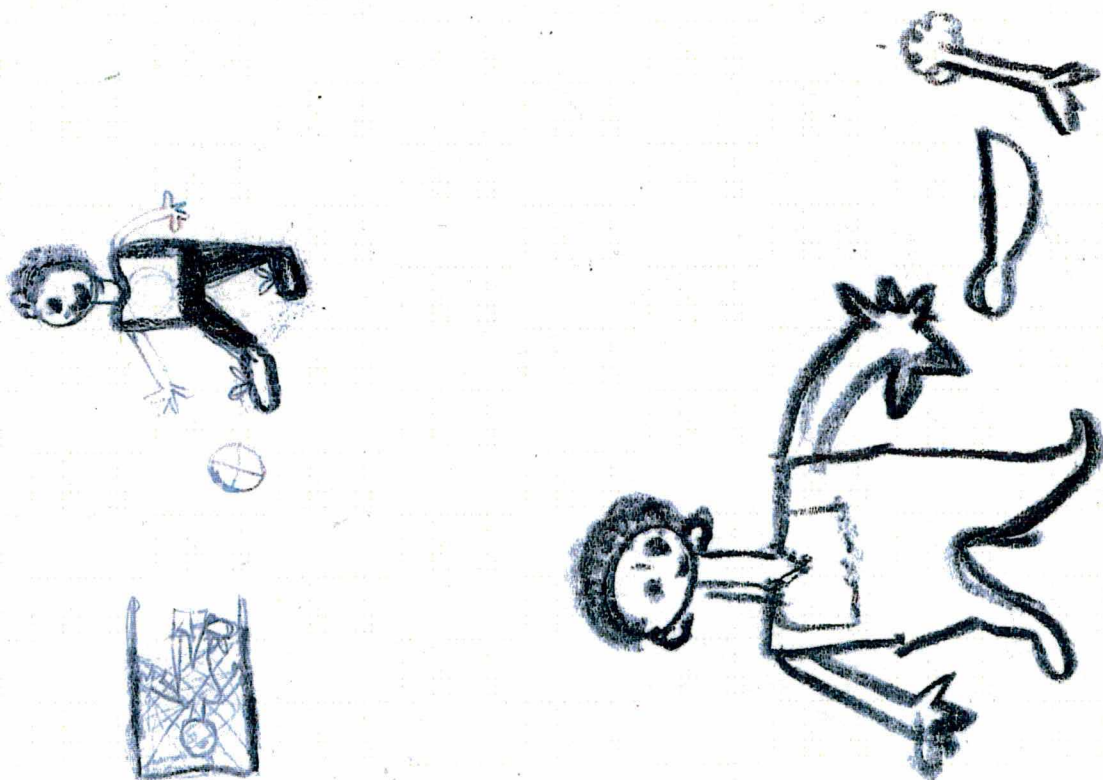
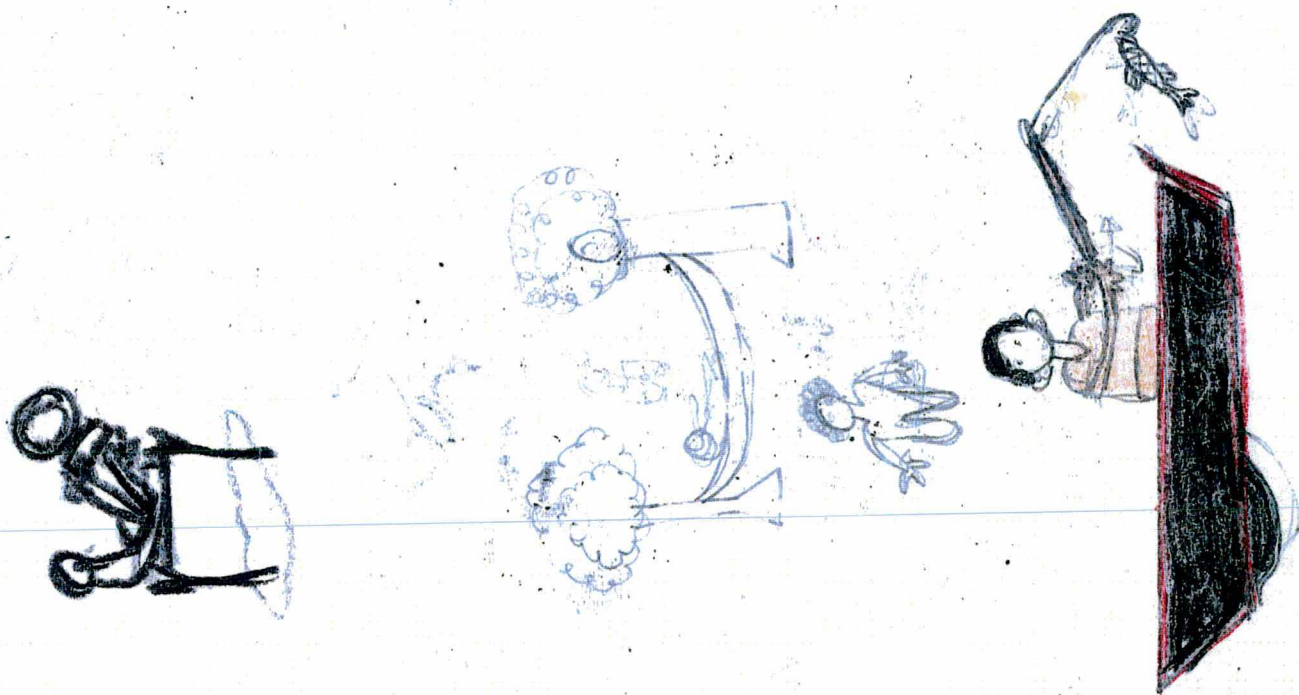


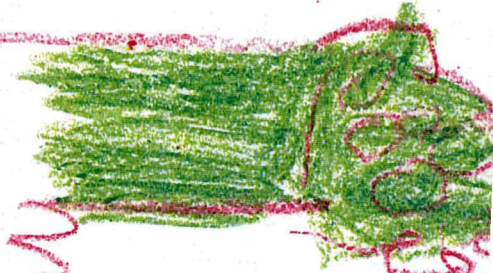
PA

12



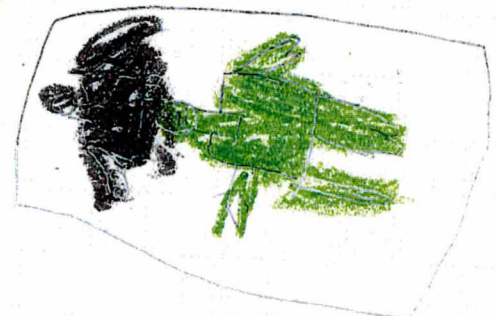
Davi. 11 anos. Tapiira.

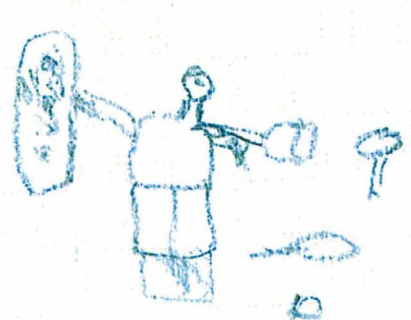
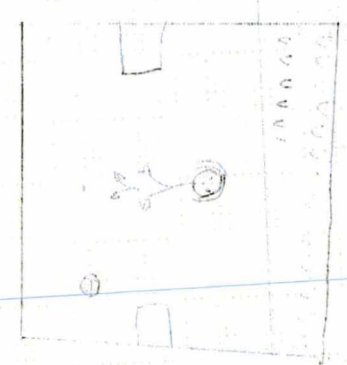
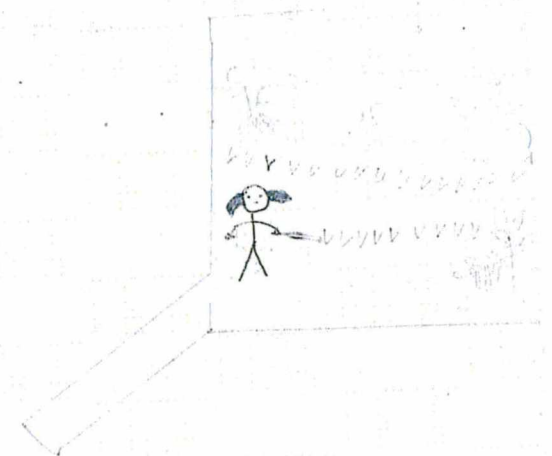
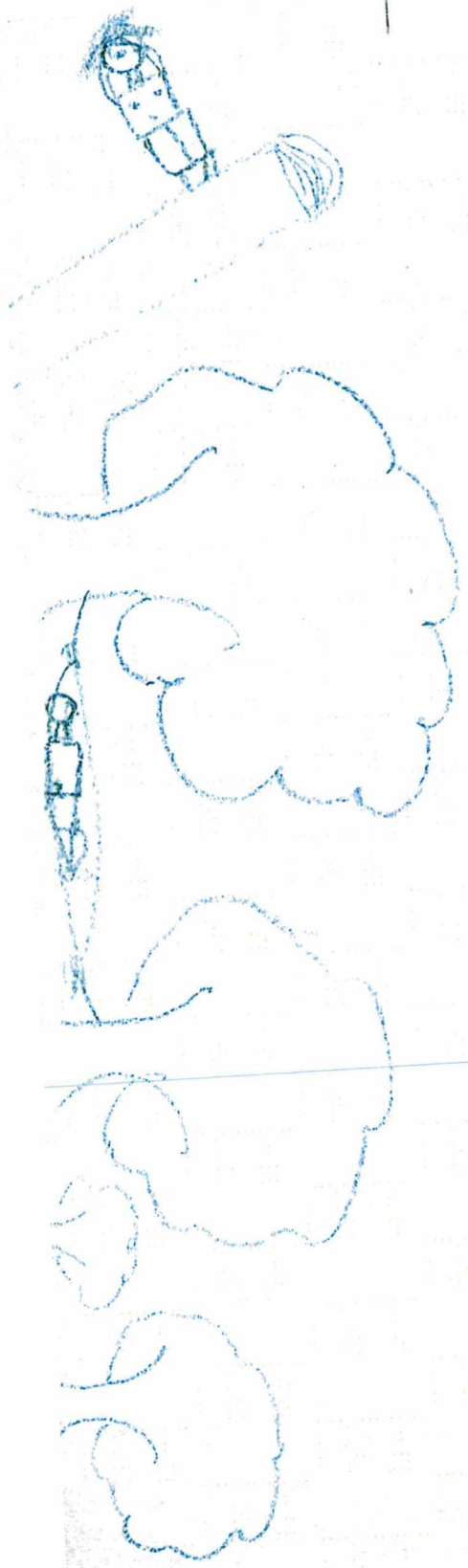




Juana

amora
deleia

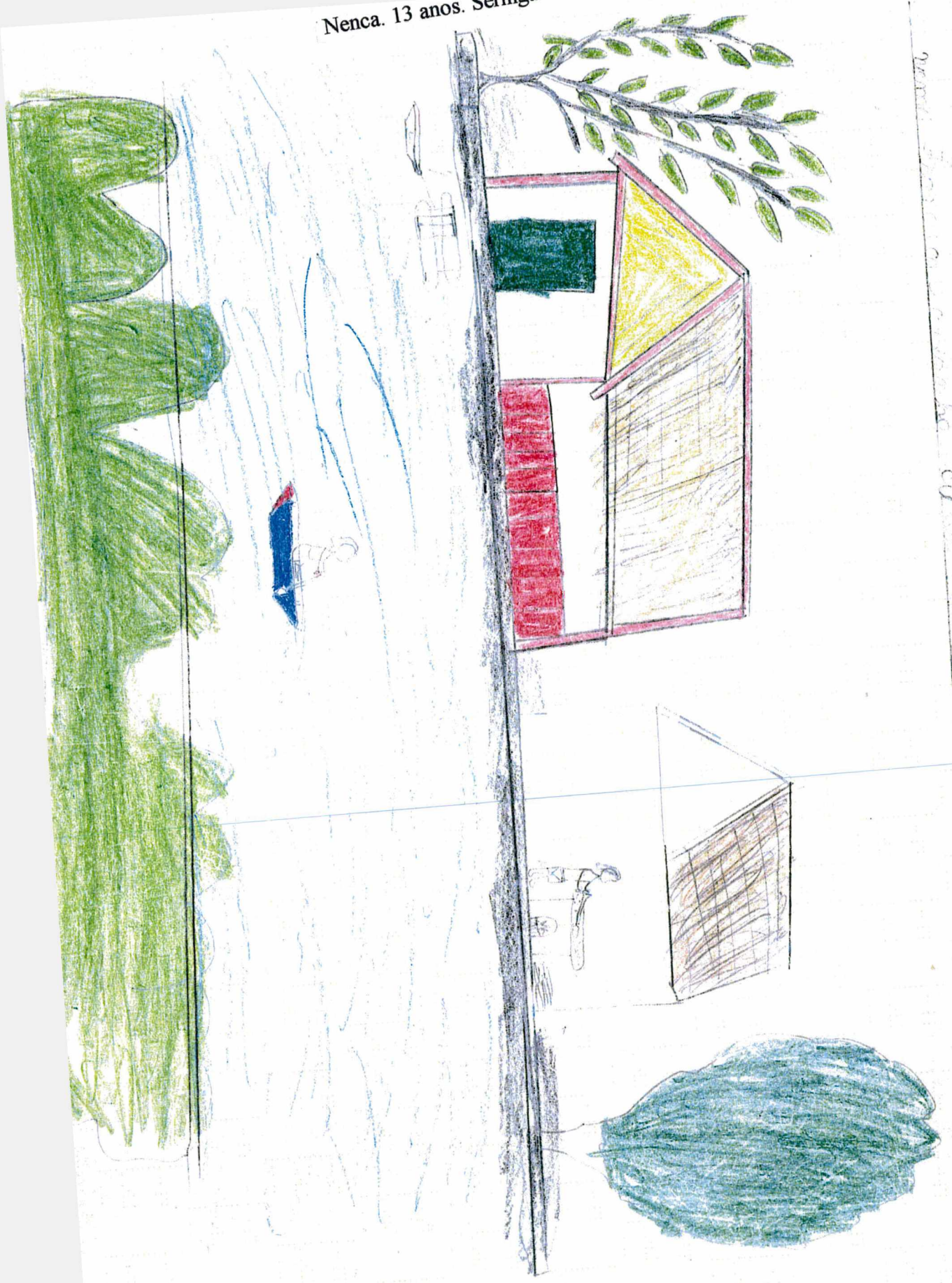




Lindo. 14 anos. Seringalzinho.

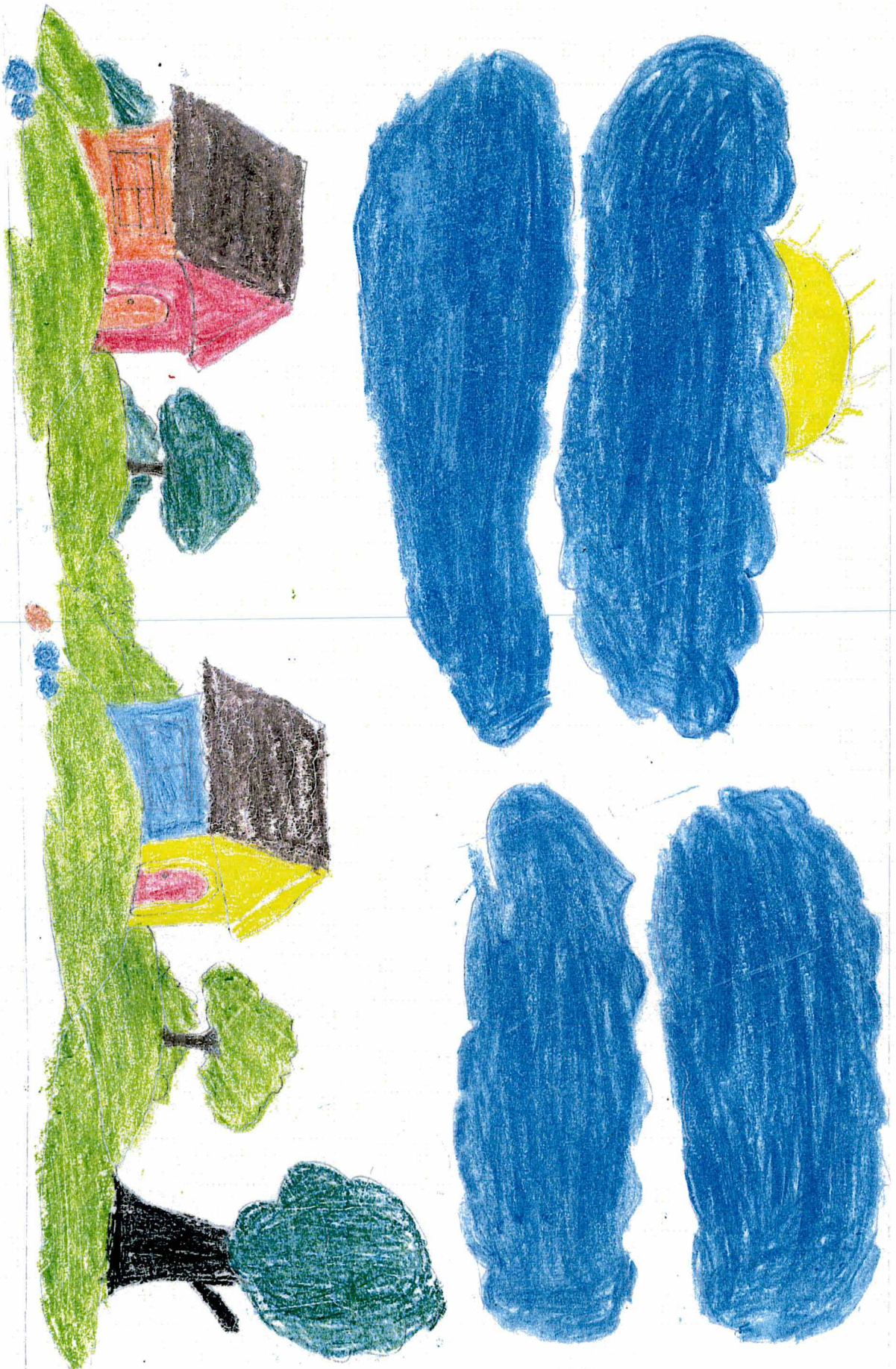


Nenca. 13 anos. Seringalzinho

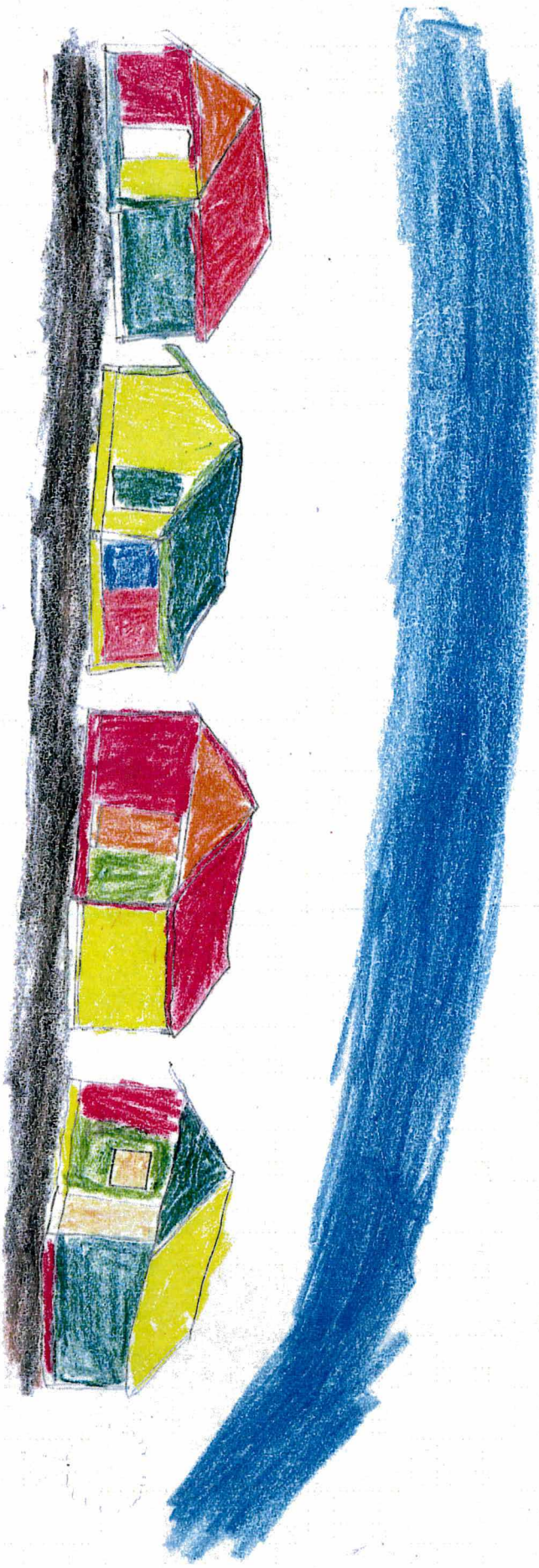


Gravado em 2010 em uma folha de caderno de 19 linhas

Conceição. 12 anos. Seringalzinho.



membr de Souza 15.2.03



Alciete 12 anos. Seringalzinho.

72020